



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

LUCIANA PEREIRA DOS SANTOS CAVALCANTE

**O ENSINO DE LEITURA E O FACEBOOK NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

**PAU DOS FERROS – RN
2015**

LUCIANA PEREIRA DOS SANTOS CAVALCANTE

O ENSINO DE LEITURA E O FACEBOOK NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus* Avançado “Prof^ª: Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, Pau dos Ferros, como critério para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira

LUCIANA PEREIRA DOS SANTOS CAVALCANTE

O ENSINO DE LEITURA E O FACEBOOK NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Língua Portuguesa.

Dissertação defendida e aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Nonato de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Orientador e Presidente

Prof. Dr. Samuel de Carvalho Lima

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN
Examinador Externo

Profa. Dra. Débora Maria do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
Examinador Interno

*Aos meus filhos,
Diogo e Otávio, que eu amo e admiro...*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, proteção constante e oportunidades que busquei e sei que consegui porque foi da Sua vontade;

À minha mãe, por sempre me incentivar a estudar e compreender, na maioria das vezes, a necessidade de passar horas, dias diante da tela de um computador;

Ao meu esposo e companheiro de todas as dificuldades e conquistas, pela contribuição nas palavras de otimismo e apoio;

Aos meus filhos, Diogo e Otávio, pelos sorrisos diante das minhas dificuldades na constituição deste trabalho, em especial a Otávio, por me fazer perceber que o mundo dele se constitui o desejo que tive muitas vezes, perante os desafios do dia a dia também querer fazer parte;

Aos meus familiares, em especial a Comadre Fransquinha, pelo incentivo, ajuda nos meus afazeres e no cuidado com meus filhos;

Ao meu orientador, o professor Dr. Marcos Nonato de Oliveira que, ao longo do curso de mestrado, exerceu seu papel com maestria, promovendo encontros de orientação e nos fazendo refletir sobre nossa escrita dissertativa. Agradeço pelas sugestões, conversas, orientações (seguidas pela dose certa de exigência com as nossas atividades);

Aos professores do PROFLETRAS, unidade de Pau dos Ferros, pelas aulas e conhecimentos adquiridos; e em particular a Professora Dr^a. Maria Lúcia Pessoa Sampaio pela brilhante atuação na coordenação do curso;

Às professoras Dra. Débora Maria do Nascimento e Dra Simone Cabral pelas valiosas críticas e sugestões na ocasião do exame de qualificação;

Aos demais colegas de orientação, Eliete Alves, Poliana, Edimar e Aline Uchoa, pelas discussões, trocas de experiências e bom humor. Em especial, a minha colega de caminhada e de carona: Eliete, agradeço por todas as palavras incentivadoras na concretude deste trabalho;

Aos demais colegas de sala de aula do PROFLETRAS pelas horas que convivemos, pelas novas amizades e pela troca de experiências;

A Caps, pelo apoio financeiro necessário e relevante para a concretização deste curso;

Aos meus queridos alunos da instituição escolar investigada no estado da Paraíba, pelo entusiasmo em participar das aulas em sala e no grupo do facebook, contribuindo não somente para esta pesquisa, mas para a aprendizagem de cada um (a) deles;

Aos professores da Banca Examinadora, Samuel de Carvalho Lima, Débora Maria do Nascimento e Antônio Luciano Pontes, pela disponibilidade em contribuir para este trabalho, oferecendo seus conhecimentos e contribuindo para a melhoria deste.

Com certeza, o processo seria muito mais difícil sem vocês! Agradeço.

Aprendemos realmente quando conseguimos transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem. Processo permanente, porque nunca acaba. Paciente, porque os resultados nem sempre aparecem imediatamente e sempre se modificam. Confiante, porque aprendemos mais se temos uma atitude confiante e positiva diante da vida, do mundo e de nós mesmos. Processo afetuoso, impregnado de carinho, de ternura, de compreensão, porque nos faz avançar muito mais (MORAN, 2013, p. 29).

CAVALCANTE. Luciana Pereira dos Santos. **O ensino de leitura e o facebook nas aulas de aula de Língua Portuguesa.** Dissertação de Mestrado, Curso Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2015.

RESUMO

Este trabalho dissertativo, desenvolvido através de uma pesquisa-ação, investigou a inserção da rede social, Facebook, no ensino de leitura com 10 (dez) alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual no interior da Paraíba. O presente estudo tem como objetivo central discutir, a partir dos instrumentos de coleta de dados e da Proposta Interventiva, como pode acontecer o ensino de leitura tendo como suporte o uso do facebook nas aulas de leitura. Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo com base em uma literatura abrangente sobre as TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação, leitura e ensino (Bakhtin (1998); Chiappini (1997); Cosson (2014); Couto Júnior (2013); Kauart (2010); Kleiman (2002; 2004); Lévy (1996; 1999); Moran (2013); Bortoni-Ricardo (2012); Kenski (2012); Rojo (2012); Coscarelli (2007); Marcuschi (2005); Pietri (2009); Solé (1998); dentre outros). Como instrumentos para a pesquisa utilizamos um questionário para os alunos; as postagens e o grupo do Facebook; o diário do professor/pesquisador e uma entrevista. Constatamos nessa investigação de teor qualitativo que os resultados dos dados evidenciam as contribuições pedagógicas proporcionadas pelo uso do Facebook nas aulas de leitura ultrapassam as eventuais limitações e dificuldades. Os resultados indicam ainda que o Facebook pode ser um suporte significativo de aprendizagem e de motivação para instigar a leitura e promover aulas motivadoras e participativas tanto na escola, como fora dela. Sendo assim, as aulas de língua portuguesa, no que se refere ao ensino de leitura, tem a sua disposição as tecnologias digitais como elementos de fomentação da leitura de gêneros textuais diversificados.

Palavras – Chave: Ensino. Aprendizagem. Leitura. Facebook. Língua Portuguesa.

CAVALCANTE. Luciana Pereira dos Santos. **O ensino de leitura e o facebook nas aulas de aula de Língua Portuguesa.** Dissertação de Mestrado, Curso Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2015.

ABSTRACT

This thesis, developed through an action research, investigated the inclusion of social networking, facebook, in reading instruction with ten (10) students from the 9th year of Primary School at a public school in the interior of Paraíba. This study was aimed to present and discuss, from the instruments of data collection and Interventional Proposal, how / if it can happen teaching reading having as support the use of facebook in reading classes. It is a qualitative, descriptive study based on a comprehensive literature on ICT - Information and Communication Technologies, reading and teaching (Bakhtin (1998); Chiappini (1997); Cosson (2014); Couto Junior (2013); Kauart (2010); Kleiman (2002; 2004); Levy (1996; 1999); Moran (2013); Bortoni-Ricardo (2012); Kenski (2012); Rojo (2012); Coscarelli (2007); Marcuschi (2005); Pietri (2009); Solé (1998); among others). As tools for research used a questionnaire to students; posts and comments made in the facebook group; Daily teacher / researcher and an interview. We noted that qualitative content of research data results show the pedagogical contributions provided by the use of facebook in reading classes beyond any limitations and difficulties. The results also indicate that facebook can be a significant support for learning and motivation to instigate and promote reading motivational and participatory classes both at school and outside. Thus, the portuguese language classes, with regard to the teaching of reading, has at its disposal digital technologies as elements fostering the reading of diverse textual genres.

Key - Words: Education. Learning. Reading. Facebook. Portuguese Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Ilustração 1: Grupo “Escola Virtual” – 8º Ano, nov. 2014	71
- Ilustração 2: Grupo “Escola Virtual” – 8º Ano, nov. 2014.....	72
- Ilustração 3: Grupo “Equipe Aprendendo +” – 9º Ano, abr. 2015.....	74
- Ilustração 4: Grupo “Equipe Aprendendo +” – 9º Ano, abr. 2015.....	76
- Ilustração 5: Grupo “Equipe Aprendendo +” – 9º Ano, abr. 2015.....	77
- Ilustração 6: Grupo “Equipe Aprendendo +” – 9º Ano, abr. 2015.....	79
- Ilustração 7: Grupo “Equipe Aprendendo +” – 9º Ano, abr. 2015.....	83

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO.....	12
II AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO DE LEITURA.....	16
2.1 A era das tecnologias digitais.....	16
2.2 Do quadro negro a internet	21
2.3 A leitura na era das tecnologias digitais.....	23
2.3.1 A leitura via redes sociais	25
2.4 Os conceitos de interação e autonomia diante da leitura na internet.....	28
III O ENSINO DE LEITURA E OS MULTILETRAMENTOS.....	32
3.1 As concepções de leitura.....	32
3.2 O ensino de leitura e as tecnologias digitais.....	36
3.2.1 A leitura no ciberespaço.....	39
3.2.2 Os gêneros textuais na era digital.....	42
3.2.3 O facebook como suporte para o ensino de leitura.....	43
3.3. Conceituando multiletramentos.....	47
IV ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	49
4.1 A natureza da pesquisa e as questões norteadoras.....	49
4.2 Caracterização da pesquisa.....	51
4.3 O contexto da pesquisa.....	53
4.3.1 A Instituição escolar	54
4.3.2 Os participantes da pesquisa	55
4.4 Instrumentos e procedimentos de geração de dados	56
4.5 A proposta de intervenção	58
4.6 Procedimentos de análises de dados	61
V O ENSINO DE LEITURA ATRAVÉS DA REDE SOCIAL FACEBOOK.....	63
5.1 Considerações dos alunos sobre leitura e o uso do facebook.....	63
5.2 A criação de um grupo no facebook	69
5.2.1 A funcionalidade do grupo nas aulas de leitura	69
5.3 A interação e a autonomia dos alunos no ensino-aprendizagem de leitura.....	75
5.3.1 A interação através do grupo no facebook	75
5.3.2 As atividades de leitura e a autonomia para a aprendizagem	78
5.4 O processo de intervenção e alguns desafios.....	82
5.5 Percepções dos alunos sobre o ensino de leitura através do facebook	84
5.5.1 As aulas de leitura no estudo piloto na percepção dos alunos.....	84
5.5.2 A leitura de alguns gêneros textuais e o facebook	86
5.5.3 Um novo olhar sobre a leitura	87

VI CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICES.....	99
ANEXOS.....	107

I INTRODUÇÃO

É, pois, um ato de cidadania, de civilidade de maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino de língua (ANTUNES, 2003, p.14)

O uso do raciocínio pelo homem deu origem às mais diferenciadas tecnologias, por isso, estas são tão remotas quanto a espécie humana. As Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, especialmente por meio da internet e suas várias ferramentas, possibilitam novos contextos de inclusão, interação, relacionamentos, geração e troca de conhecimentos e ainda o desenvolvimento de novas competências. Assim, com essa nova perspectiva, os computadores e os celulares passaram a fazer parte do nosso cotidiano, o que facilitou a proximidade virtual e diminuiu o distanciamento pessoal. Nunca estivemos vivenciando o que está acontecendo na atualidade, a possibilidade de estarmos próximos e distantes ao mesmo tempo.

Dentro desse novo contexto, a educação não pode e não deve ficar aquém. Pensando nisso, muitos estudiosos já desenvolveram pesquisas e trabalhos sobre a inserção da tecnologia na escola e principalmente no processo ensino-aprendizagem. Podemos citar, por exemplo, o trabalho de Couto Júnior (2013) realizado em uma pesquisa de Mestrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Esse estudo resultou no livro *Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no facebook*. Nessa obra, o autor apresenta toda a trajetória da sua pesquisa em torno de uma das redes sociais mais acessadas na internet, o facebook. Ainda discute que essas redes podem ser efetivamente educativas. Por isso, sua pesquisa discorre sobre o ensino, a tecnologia e as contribuições desses aparatos tecnológicos para o processo ensino-aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que nosso trabalho, intitulado “o ensino de leitura e o Facebook nas aulas de Língua Portuguesa”, também é relevante para as pesquisas na área da educação, acreditamos que seja indispensável criarmos oportunidades de aprendizagem e motivação para o ensino de leitura. Esta investigação surgiu a partir da seguinte problemática: a desmotivação dos alunos para a leitura em sala de aula perpassa pelo ensino oferecido aos mesmos. Compreendemos que o desafio do professor é procurar motivar os alunos para a leitura de gêneros textuais diversificados. Diante disso, percebemos que os estudantes utilizam a internet para ler, escrever, opinar, pesquisar, compartilhar, se divertir e se informar.

Com isso, nos deparamos com um novo desafio, atrelar leitura e internet com fins educacionais, voltados para o ensino.

A leitura é uma atividade representativa para a vida do ser humano, através dela adquirimos novos conhecimentos e diversas aprendizagens indispensáveis para o nosso crescimento tanto social, quanto cultural e intelectual. O ensino de leitura na escola precisa promover a construção de leitores críticos, capazes de argumentar, analisar e dissertar com veemência sobre assuntos diversos, considerando, para tanto, seus processos de formação, como também seus contextos socioeconômicos e políticos, elementos que os caracterizam.

A leitura continua sendo uma das grandes preocupações dos pesquisadores e professores com relação ao ensino dentro do ambiente escolar, principalmente na nossa atualidade, na qual os alunos estão conectados com o mundo. Precisamos perceber qual a importância e quais dimensões a prática de ensino tem ocupado tanto no espaço educacional quanto fora dele. Infelizmente, parece que a leitura, na maioria das vezes, é ensinada na escola como pretexto para trabalhar outros conteúdos de língua portuguesa e acaba distanciando-se do seu verdadeiro significado.

O ensino de leitura, discutido neste trabalho, parte da concepção da leitura como interação, na qual o leitor se coloca como sujeito e também concebe o autor como sujeito. Nesse sentido, a leitura deve assumir o papel de núcleo principal na vida do ser humano e, para isso, precisa contar com um ensino motivador, que desenvolva no aluno capacidades, competências e habilidades imprescindíveis para sua inserção social. É através da atividade leitora que o aluno consegue desenvolver suas potencialidades comunicativas e torna-se apto a adentrar no campo da significação e da expressão verbal, seja através da leitura e/ou da escrita.

Nessa perspectiva, o presente trabalho dissertativo apresenta como objetivo a proposta de discutir como o ensino de leitura e o Facebook podem promover o desenvolvimento das competências leitoras dos alunos nas aulas de língua portuguesa. Dentro desse contexto, contamos com as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC; as quais podem auxiliar no processo educativo. A utilização de uma ferramenta tecnológica, como o Facebook, quando bem usada consegue promover mudanças significativas no ensino de leitura. Essa metodologia de ensino nos fez perceber que essa seria uma possibilidade de instigar os alunos a lerem textos de gêneros variados tanto dentro da sala de aula quanto fora dela, através de um artefato tecnológico atrativo para eles, a internet.

Compreendemos que as redes sociais, em particular o Facebook, têm a possibilidade de proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa e expressiva no campo da leitura

e, conseqüentemente, da escrita, por trazerem novas linguagens, novas formas de comunicação e aprendizagens. Pensamos nessa discussão, por meio de um trabalho de pesquisa nos fez compreender que existem possibilidades de melhoramentos na educação, refletindo questões voltadas para o ensino e a aprendizagem, o que poderá garantir benefícios tanto para a escola quanto para a comunidade acadêmica.

Para este trabalho dissertativo, partimos da seguinte questão: Como pode acontecer o ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa, utilizando o Facebook como suporte para a prática de ensino? Pesquisamos e utilizamos as possíveis metodologias nas aulas de leitura, tendo como ferramenta motivadora a criação de um grupo no Facebook. Também apresentamos uma discussão teórica e metodológica para responder a outras questões: Quais as concepções que os participantes têm acerca do uso do Facebook em sala de aula e fora dela? Quais efeitos de sentido os alunos incorporam com a utilização do Facebook nas aulas de leitura, a partir da intervenção pedagógica? Para responder a tais questionamentos, realizamos uma pesquisa qualitativa, na qual apresentamos uma reflexão sobre educação, tecnologia e ensino de leitura. O tipo de pesquisa para este trabalho foi à pesquisa-ação, pois se refere a uma investigação social que concilia a ação com a busca da solução de um problema. Sendo assim, buscando atender ao que esboçamos até então, o referido trabalho encontra-se estruturado em 5 capítulos, precedidos pela Introdução, que corresponde ao Capítulo I.

No capítulo II, apresentamos uma revisão de literatura tendo como elemento principal da discussão as tecnologias. Esse capítulo procura oferecer respaldo teórico para a análise dos dados. Iniciamos, fazendo um relato dos avanços tecnológicos, desde a origem do livro até a internet, mostrando as possibilidades de leitura no ciberespaço, enfocando o Facebook como suporte para uma prática de ensino inovadora e motivadora para os alunos.

O capítulo III traz uma reflexão sobre o ensino de leitura. Nele, são explicitadas, inicialmente, algumas considerações sobre as concepções de leitura, com foco na concepção interacionista. Explora ainda o ensino, os gêneros textuais e o multiletramento até chegar ao Facebook, elemento fundamental para essa pesquisa.

Em seguida, no capítulo IV, referente à metodologia, apresentamos de forma detalhada a descrição metodológica da pesquisa. Inicialmente, discorreremos sobre a sua natureza, caracterizando os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. Dando continuidade, apresentamos a caracterização da pesquisa e o tipo de investigação adotado, a pesquisa-ação. Logo após, apresentamos o contexto da pesquisa, a instituição escolar, o ensino de leitura adotado na instituição e o perfil detalhado dos participantes. Na etapa seguinte, descrevemos

os instrumentos e procedimentos utilizados na geração dos dados e, posteriormente, explicitamos a proposta de intervenção. O capítulo se encerra com os procedimentos de análises dos dados.

O capítulo V é dedicado à análise dos dados. Em primeiro lugar, apresentamos uma análise qualitativa da pesquisa exploratória realizada com os alunos participantes, através de um questionário misto, ou seja, contendo perguntas abertas e fechadas. Em seguida, descrevemos a trajetória da criação do grupo no Facebook e como foram desenvolvidas as atividades nas aulas de leitura. Logo após, analisamos, tendo como dados às atividades de leitura no grupo, os conceitos de interação e autonomia, e, por fim, recorreremos à entrevista para discutirmos como os alunos passaram a perceber o ensino de leitura após o trabalho realizado com o Facebook na sala de aula.

Na sequência, construímos as Considerações Finais para esta pesquisa, onde discutimos os resultados e as respostas às perguntas de pesquisa, e ainda apresentamos propostas de investigação para outras pesquisas, demonstrando a relevância do trabalho pedagógico com as Tecnologias da Informação e Comunicação.

II AS NOVAS TECNOLOGIAS E O ENSINO DE LEITURA

As transformações culturais, as novas condições de produção dos conhecimentos levam a novos estilos de sociedade nos quais a inteligência é o produto de relações entre pessoas e dispositivos tecnológicos. Mudam, assim, as formas de construção e os processos de ensino-aprendizagem (FREITAS, 2005, p. 4).

Neste capítulo, discutimos sobre as tecnologias, desde as mais remotas até as mais atuais, dentro de um contexto histórico. Promovemos ainda uma reflexão temática, apresentando a inserção das tecnologias na vida das pessoas e no ambiente escolar, explicitando como os aparatos tecnológicos estão, cada vez mais, fazendo parte da aprendizagem do ser humano.

2.1 A era das tecnologias digitais

A capacidade humana de fazer uso do raciocínio garantiu ao ser humano o domínio e acesso às diferenciadas tecnologias, daí estas tecnologias serem tão remotas quanto a espécie humana. Desse modo, desde que homens e mulheres utilizaram seus conhecimentos na prática foram, simultaneamente, originando novos instrumentos, recursos, ferramentas, enfim, tecnologias. A esse respeito, Kenski (2012, p. 15) realça que:

Desde o início dos tempos, o domínio de determinados tipos de tecnologias, assim como o domínio de certas informações, distinguem os seres humanos. Tecnologia é poder. Na Idade da Pedra, os homens – que eram frágeis fisicamente diante dos outros animais e das manifestações da natureza – conseguiram garantir a sobrevivência da espécie e sua supremacia, pela engenhosidade e astúcia com que dominavam o uso de elementos da natureza.

Percebemos que foi devido à engenhosidade humana que as novas tecnologias emergiram, o que desencadeou novos desafios e o surgimento de outras tecnologias. Essa necessidade de poder e de descobertas até hoje continua ocorrendo graças ao fortalecimento dos vínculos existentes entre conhecimento, poder e tecnologia.

Seguindo a afirmativa feita por Kenski (2012), é possível dizer que o crescimento e o avanço tecnológico se confundem com a própria evolução social humana, isso é notório perante cada época da história da humanidade com suas respectivas descobertas. Como vimos, o avanço científico favorece a ampliação dos conhecimentos e possibilita a criação de novas tecnologias, cada vez mais renovadas e atualizadas dentro do contexto histórico e social de cada período.

É muito comum atribuímos à tecnologia o conceito limitado e unilateral de equipamentos eletrônicos. Contudo, é importante percebermos que as tecnologias vão muito além dos aparelhos. As tecnologias se referem à engenhosidade do cérebro humano, que conseguiu ao longo dos tempos e da história criar, modificar, usar e aplicar diferentes artefatos em prol da sociedade. Essa visão conceitual da tecnologia pode ser variável e contextual, muitas vezes chega a se confundir com inovação (MORAN, 2013). Kenski corrobora com a discussão, quando discorre na fala abaixo como percebemos o uso da tecnologia na atualidade:

Ao falarmos em novas tecnologias, na atualidade, estamos nos referindo, principalmente, aos processos e produtos relacionados com os conhecimentos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações. Essas tecnologias caracterizam-se por serem evolutivas, ou seja, estão em permanente transformação. Caracterizam-se também por terem uma base imaterial, ou seja, não são tecnologias materializadas em máquinas e equipamentos. Seu principal espaço de ação é virtual e sua principal matéria-prima é a informação. (KENSKI, 2012, p. 25)

Outro ponto relevante para essa discussão é o comportamento humano, aspecto que também passa por alterações devido às tecnologias. A esse respeito, Kenski (2012, p. 21) enfatiza o seguinte: “a evolução tecnológica [...] altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social”. Essas modificações fizeram com que o homem pudesse transitar culturalmente mediado pelas tecnologias do seu tempo, possibilitando-o agir, pensar, argumentar e intervir quando necessário, não apenas de forma individualizada, como também fazendo parte de grupos sociais.

A partir da década de 1990, a população começou a utilizar a máquina em seu dia a dia, tanto no trabalho quanto em casa, isso devido aos avanços tecnológicos digitais de comunicação e de informação. De acordo com Coscarelli (2007), a maneira como as máquinas ganharam espaço nas empresas e residências foi rápida, pois a internet deixou de ser considerada luxo e passou a ser uma ferramenta de necessidade com finalidades

diversificadas, tais como: estudar, pesquisar, comunicar, gerenciar negócios, dentre tantos outros. Além das residências, as escolas também começaram a usufruir das TIC, porém ainda de forma inibida, devido à falta de conhecimento em manusear a máquina.

As Tecnologias da Informação e Comunicação impactaram e continuam impactando o processo ensino-aprendizagem. Com isso, o professor encontra-se perante um grande desafio: articular as ferramentas no ciberespaço como instrumento de ação pedagógica. Nesse sentido, o professor precisa acompanhar as mudanças tecnológicas e inserir no dia a dia do universo escolar o uso das TIC, as quais modificaram as concepções de sujeito, de identidade e de sociedade.

A rapidez da informação alcançou uma grande velocidade, nos permitindo acesso rápido, fácil e prazeroso. Tudo isso, graças à evolução da era digital. Corroborando com isso, Grinpsun (1999, p. 19) descreve que “a tecnologia faz parte desse contexto não como algo de fora, mas como parte de um todo em que o homem cria, recria e se beneficia da sua própria realização e das demais colocadas na sociedade”. Dessa forma, ocorre uma tomada de consciência, na qual o ser humano assume o papel de sujeito que faz e refaz o mundo; criando sua própria existência a partir de todo o material que a vida lhes proporciona.

Na atualidade, nossa sociedade recebeu uma nova nomenclatura sociedade da informação; esse crescimento informacional de fácil acesso está modificando nossos hábitos e, evidentemente, a educação necessita caminhar lado a lado nesse processo (COSCARELLI, 2007). O desenvolvimento dos recursos tecnológicos, bem como seus suportes e ferramentas para ler e escrever também mudaram, com isso o leitor que há séculos atrás aprendeu a lidar com novos suportes como o códice de papiro, substituto do pergaminho enrolado, certamente passou por algumas dificuldades. Percebemos que “aos poucos, à medida que praticava, o leitor reconheceu características do velho texto no novo objeto e passou a consolidar suas práticas” (COSCARELLI, 2007, p. 129). Certamente, podemos comparar com o que sentimos hoje ao nos depararmos com a leitura na tela, nada melhor do que praticar, pois isso faz parte de um processo histórico, no qual o leitor foi vivenciando e se adaptando. Coscarelli (2007, p. 129) demonstra o que discutimos dizendo que:

A relação estabelecida (durante séculos) entre as mãos e o papel, o tato e a capa, as pontas dos dedos, a saliva e as arestas do papel, a página e a numeração, o movimento dos olhos e a forma das letras - a serifa -, a lombada e a estante, o cheiro de papel e a cor amarelada, a traça e o tipo de papel, a posição do corpo e o objeto mínimo que marca a página em que se interrompeu a leitura... tudo isso ganha *status* de opção e passa a fazer parte de um universo ampliado por uma nova possibilidade: a de ler diante de uma tela que emite luz, mover o texto de maneira indireta (por meio do *mouse* ou do teclado), sentir a eletricidade, ouvir os estalos da eletrostática,

escrever copiando e colando, não precisar fazer muitas vias enquanto o texto não estiver pronto, corrigir o original virtualmente, escutar o ruído leve do computador ligado, a ventoinha que refresca os computadores eletrônicos, desligar o texto da tela e deixá-lo marcado com um marcador virtual.

Vimos que a tecnologia na era digital invadiu também o mundo da leitura e da escrita. Na diversidade do ciberespaço¹ (*cyber*: realidade virtual, cibernética e espaço) existem estratégias para que o indivíduo/aluno vivencie situações variadas de leitura utilizando ferramentas digitais tais como: Facebook, blog, msn, twitter, sites e tantos outros. Sendo assim, tem-se na tecnologia a possibilidade de fazer as pessoas interagirem e dialogarem, favorecendo a promoção de canais de comunicação que podem e devem estar a serviço da educação e, conseqüentemente, do ensino.

As novas tecnologias² trouxeram inovações para a sociedade e, por outro lado, um desafio para a escola. Afinal, não basta ter os equipamentos, é necessária uma formação para os professores saberem utilizar adequadamente tais recursos. Entretanto, percebemos que faltam políticas públicas para a consolidação de tais necessidades, pois o docente que tem interesse em acompanhar o desenvolvimento tecnológico é que busca se qualificar por iniciativa própria e aplicar seu aprendizado na prática educativa. Com isso, o educador ocupa seu verdadeiro lugar na aprendizagem do aluno e passa a refletir sua prática em prol da superação de desafios, tais como o uso das novas tecnologias. Moran *et alii* (2000, p. 15) apontam essa temática mostrando que:

Nosso maior desafio é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando.

Para utilizar-se dos recursos tecnológicos é essencial que existam objetivos reais como, por exemplo, informar o aluno, promover uma transformação intelectual e uma visão holística do mundo. A tecnologia apresenta-se como um meio e um instrumento de colaboração no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Torna-se, portanto, imprescindível compreender que a era digital, com o uso das TIC, não ensina por si só aos

¹ Informação disponível em: <http://www.facebook.com/?ref=logo#!/facebook?sk=info>. Acesso em: 23 març. 2015.

² Segundo Kenski (2012, P. 25), “O conceito de novas tecnologias é variável e contextual. Em muitos casos, confunde-se com o conceito de inovação. Com a rapidez do desenvolvimento tecnológico atual, ficou difícil estabelecer o limite de tempo que devemos considerar para designar como ‘novos’ os conhecimentos, instrumentos e procedimentos que vão acontecendo”.

alunos, o professor continua sendo o principal mediador responsável por cumprir seus objetivos e metas de trabalho.

As oportunidades de leitura estão em toda parte, em uma variedade de gêneros que evidenciam a efervescência tecnológica pela qual passa o mundo. Assim, a velocidade da informação permite que o conhecimento seja revisto, renovado, modificado e sistematizado. Diante desse conhecimento dinâmico, Kleiman e Moraes (2002, p. 90) ressaltam que “as sociedades altamente tecnologizadas precisam de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem independentemente, e, para isso, o cidadão precisa ler”. Essa necessidade torna-se patente na atual sociedade, considerada multiletrada, que exige uma competência leitora ativa perante as inúmeras possibilidades comunicativas. Foucambert (1994, p. 5) trata da leitura, relatando que “ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. Percebemos, então, que a leitura é um processo de interação com a escrita, com o mundo, com o professor e com as TIC. As tecnologias de fácil acesso, como a internet e os celulares podem ser utilizados na comunicação e interação entre pares ou grupos e, assim, tornar o ato de ler uma prática social, atualizada, prazerosa e dinâmica.

Vale ressaltar que o uso das novas tecnologias possui um valor relativo. Será relevante se for adequado e coerente com os objetivos traçados pela escola e pelo professor. As tecnologias digitais se justificam pelos objetivos almejados, não basta apenas disponibilizar e/ou possuir equipamentos tecnológicos, o educador, além de ter que conhecê-los e saber manuseá-los, precisa acompanhar as constantes mudanças e concretizá-las de fato na utilização de estratégias que redirecionem o aluno a realizar a leitura de diferentes gêneros textuais que se fazem presentes no contexto tecnológico. As tecnologias servem como uma renovação no campo da leitura, da escrita, bem como no dia a dia das pessoas, e a escola precisa fazer uso dessas ferramentas a favor da aprendizagem, já que os gêneros textuais se (re)criam a cada instante. Sendo assim, o professor, que tem a função de incentivador, motivador e mediador desse processo, deve assumir essa atitude e despertar o aluno para uma leitura crítica da diversidade de gêneros que circula na sua vida escolar e, na maioria das vezes, na vida social (MORAN, 2013).

Acreditamos que esta temática relacionada à leitura em sala de aula e o uso das TICs tem grande importância, principalmente por se tratar de uma realidade que vivenciamos no cotidiano escolar. Por isso, torna-se relevante esta reflexão para todos aqueles que promovem um ensino interligado com os acontecimentos e conhecimentos voltados para a formação do

aluno – leitor. Considerando tais colocações, explicitaremos a seguir, um percurso histórico das tecnologias, desde o quadro negro até a inserção da internet nas escolas.

2.2 Do quadro negro à internet

O surgimento de novas tecnologias é indissociável da história do ensino. Pensando nessa relação, Paiva (2008) se reporta a origem do livro, lembrando que os primeiros foram escritos em um rolo de papiro, conhecido como *volumen*, em seguida o *codex*, um conjunto de folhas que eram costuradas em formato de um livro. Vale ressaltar que o livro é um dos exemplos de tecnologias e que, como toda ferramenta tecnológica, também foi temido e censurado. Assim, de acordo com Paiva (2008), o surgimento de uma tecnologia considerada nova sempre implica tanto desconfiança quanto rejeição, mas isso ocorre apenas em um primeiro momento, pois à medida que a sociedade se apropria dela passa a incorporá-la em suas atividades. Rocco (2005, p. 78-79) corrobora tal afirmativa dizendo que:

Novos inventos sempre provocaram reações de receio e desconfiança entre os homens. O desconhecido intimida, amedronta, e a tendência mais geral é de atribuir a ele culpas e poderes que na verdade não tem. [...] O medo diante dos novos inventos revela duas faces. Uma primeira indaga sobre as consequências negativas que o novo produto pode trazer à realidade imediata. Uma segunda teme pelo desaparecimento dos utensílios e valores mais antigos, diante de uma eventual substituição do conhecido pela novidade recém-criada.

Outros exemplos de tecnologias consideráveis e que continuam presentes em nossas escolas são o quadro negro, o giz e o apagador, estes são, seguramente, excelentes representantes de artefatos tecnológicos sobreviventes ao longo do tempo e que ainda têm seu espaço garantido na maioria das escolas. Para explicitarmos a longevidade desses objetos, tomemos como referentes a invenção do quadro negro que nos remete a 200 anos atrás e eram os principais recursos tecnológicos usados pelos professores³. Desse modo, é possível dizer que as pinturas rupestres descobertas em cavernas são os quadros negros da história da humanidade, pois mesmo sendo consideradas manifestações artísticas, eram também a forma de comunicação que os povos antigos utilizavam para informar e registrar acontecimentos do seu cotidiano.

³ Informação disponível em: <http://noosfera.org.br/?p=47> Acesso em: 29 de Març. 2015.

Podemos considerar que tanto o *volumen* quanto o *cordex* e as pinturas rupestres foram meios de comunicação e também instrumentos de ensino. Com o decorrer do tempo, essas tecnologias foram cedendo lugar para novas invenções, porém não se tornaram obsoletas e desnecessárias a sociedade. Ao longo desse processo inventivo, várias ferramentas tecnológicas foram surgindo e dentre elas o computador, que passou a ser utilizado no ensino desde 1960, porém só a partir da década de 1980 as pessoas começaram a adquirir essa máquina para uso pessoal, mas poucos tinham acesso, devido seu alto custo. Com o passar do tempo, o produto conseguiu alcançar seu auge de vendas e se tornou um instrumento de trabalho para empresas e escolas (COUTO JÚNIOR, 2013).

Junto com o computador, muitas outras inovações foram inseridas nesse contexto, alterando a dinâmica e comportamento dos sujeitos. Dentre essas novidades, destacamos o impacto que as TIC provocaram e continuam provocando no trabalho, na escola e na sociedade. As mudanças no próprio estilo de vida das pessoas têm promovido uma reflexão sobre como a sociedade utiliza tais ferramentas tecnológicas. A esse respeito, Coscarelli (2007, p. 20-21) comenta que:

A sociedade tem que utilizar, da melhor maneira, as tecnologias disponíveis. Esse novo ambiente tecnológico tem importância fundamental para a educação e para a formação, embora as escolas não estejam suficientemente equipadas de computadores e ligadas a internet. O pessoal docente, em especial educadores e professores, precisa melhorar sua qualificação em termos de tecnologia. Numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país.

É importante afirmar que ainda enfrentamos muitas dificuldades no que se refere ao acesso à internet e também a escassez de laboratórios de informática nas escolas públicas brasileiras. Vogt (2001) apresenta dados sobre isso e deixa claro o fato de, mesmo o Brasil estando entre os 12 (países) mais bem posicionados no ranque da inclusão digital, somente 5% da população utiliza os serviços de rede. Outro problema enfrentado, pontuado por Vogt, é o conteúdo disponibilizado na internet, 85% dele está na língua inglesa dificultando seu entendimento. Além disso, foi verificado que há um número muito pequeno de telecentros para uso público e somente 3% das 165 mil escolas de ensino fundamental utiliza a internet. Como percebemos, as tecnologias mudaram, porém o acesso a elas ainda tem sido um processo gradual. Com a necessidade da internet na atualidade, fica evidente que ainda existe um distanciamento quanto ao acesso. A esse respeito, Marinho (2010, p. 3) diz que:

A educação escolar anda em descompasso com uma sociedade marcada pelas tecnologias. Em um mundo da multimídia, invadido por sons e imagens, estáticas e, principalmente, em movimento, com cores em profusão, a escola insiste nas monotonias da cor do quadro de giz e da voz do professor. Em suma, continuamos, em pleno século XXI, a fazer uma educação do século XIX.

Nesse novo contexto, a escola como instituição social não pode e não deve ficar à margem desse acesso. Precisa repensar o ensino e as possibilidades de utilizar as tecnologias educacionais a serviço do processo ensino-aprendizagem, de forma planejada, articulada e coerente com as reais necessidades dos alunos, pois a internet oferece uma diversidade de assuntos que precisam da mediação do professor, uma vez que se constitui também como novo ambiente de leitura e de escrita. É o que discutiremos no tópico seguinte.

2.3 A leitura na era das tecnologias digitais

A leitura é muito mais que um instrumento escolar e, como tal, tornou-se um assunto prioritário nas instituições escolares e acadêmicas, principalmente na atualidade, na qual não se pode ignorar o uso das tecnologias digitais. Nesse contexto, o ensino de leitura pressupõe desafios para o (a), professor (a) devido às novas concepções de leitura, de sujeito e de identidade que permeiam a escola e a sociedade. Bortoni-Ricardo *et al* (2012, p. 87) apontam que:

Há um consenso entre teóricos e professores, segundo o qual a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias.

É nessa perspectiva que o fazer pedagógico se redimensiona e o educador precisa acompanhar esta evolução digital, uma vez que se torna indispensável para sua profissão seguir o desenvolvimento tecnológico e ainda inseri-lo na prática pedagógica, tornando o ensino próximo da realidade do educando e permitindo-o observar o mundo através das tecnologias digitais, compreendendo-as não apenas como instrumentos, mas como elementos necessários na construção e aquisição de conhecimentos.

Sabemos que a década de 1990 foi marcada pelo avanço tecnológico e isso repercutiu diretamente no setor trabalhista que exigiu qualificação na área dos conhecimentos ligados as novas tecnologias. Ocorreu também a proliferação de aparelhos eletrônicos como celulares e

computadores, aos quais uma parte significativa da sociedade brasileira teve acesso e isso vem crescendo devido a facilidade de compra, uma vez que os preços tornaram-se acessíveis à maioria das pessoas. Através dessas novas ferramentas, vimos também o surgimento de mudanças nos aspectos relacionados à leitura e à escrita numa sociedade contemporânea. Santaella (2003, p. 272) realça o que estamos discutindo:

Dos anos 90 para cá, estamos assistindo a uma nova revolução que, provavelmente, trará consequências antropológicas e socioculturais muito mais profundas do que foram as da Revolução Industrial e eletrônica, talvez ainda mais profundas do que foram as da revolução neolítica. Trata-se da revolução digital e da explosão das telecomunicações, trazendo consigo a cibercultura e as comunidades virtuais.

A nosso ver, a escola não pode ficar aquém dessas possibilidades. Assim, consideramos que a utilização das novas tecnologias tornou-se emergencial. O professor precisa rever, refletir e incluir práticas diferenciadas de ensino em suas aulas, favorecendo aos alunos novas oportunidades de aprendizagem inseridas em contextos reais. Corroborando com esse enfoque, Orlandi (2001, p. 9) diz que “a leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos em uma palavra de historicidade”. A escola precisa acompanhar a dinamicidade da contemporaneidade, sendo parte integrante na construção da sua própria história e com isso, promover novas metodologias de ensino inseridas em um contexto histórico, social e cultural.

Dessa maneira, a leitura na era das tecnologias digitais engloba dois aspectos básicos: o acesso à informação e a produção do saber, e o domínio de competências que sejam capazes de possibilitar ao aluno práticas de leitura e de letramento contínuo (SILVA, 2008). Não nos resta dúvida dos inúmeros desafios da escola no que concerne ao trabalho com a leitura virtual, pois a circulação de textos na internet traz, por sua condição hipertextual⁴, diversas possibilidades de atribuir significados, mesmo quando lidamos com textos produzidos através da escrita. A esse respeito, Silva (2008, p. 14) faz a seguinte observação:

Ainda que esses textos sejam produzidos por meio da escrita, o que recoloca a importância do seu domínio (da escrita) num mundo que, até recentemente, tendia a hegemonia das imagens da televisão, eles se apresentam dentro de um suporte específico (a tela do computador) e adquirem configurações únicas, permitindo, por exemplo, as ações de interatividade por parte do leitor e as múltiplas possibilidades de trajetos de leitura pelas janelas dos hipertextos.

⁴ Para Lévy (1999, p. 27) “Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluído. Ele é composto por blocos elementares ligados por *links* que podem ser explorados em tempo real na tela”.

Percebemos que as possibilidades de leitura de textos escritos na internet se constituem através de *links* que podem ser explorados simultaneamente. Ao mesmo instante em que o usuário da internet lê um texto pode também explorar outros através dos hipertextos. Podemos ressaltar que a leitura do texto virtual apresenta distinções do texto impresso tanto nas dimensões físicas quanto atitudinais. Com relação às dimensões físicas, a leitura do texto digital acontece na horizontal, já no texto impresso ela é feita na vertical; no que se refere às dimensões atitudinais, a distinção dependerá dos hábitos do leitor. Assim, se este for desatento é provável que se perca nas inúmeras informações oferecidas pelo texto virtual (MORAN, 2013). Outro aspecto que merece discussão é a leitura através das redes sociais, como o facebook, o MSN, o *twitter* dentre outros. Reconhecendo a relevância dessas novas ferramentas de comunicação e, por conseguinte, de leitura, dedicaremos o tópico seguinte a esse tema.

2.3.1 A leitura via redes sociais

A leitura é um processo que atravessou e continua atravessando avanços, tanto sociais, quanto históricos e tecnológicos. Percebemos isso quando o leitor começou a lidar com um novo suporte, ou melhor, quando ele (leitor) evoluiu do pergaminho para o códice de papiro (COSCARELLI, 2007). Desde então, o leitor vem se adaptando as novidades tecnológicas, pois os suportes e ferramentas para a leitura e a escrita continuam mudando e evoluindo. Diante disso, temos um leitor com interesses e práticas diversificadas. Coscarelli (2007, p. 126 -127) demonstra isso realçando que:

A prática do leitor fornece subsídios para que os produtores de material escrito e/ou dispositivos para a leitura possam repensar, reprojeter e reinventar matérias e recursos, de acordo com a demanda constante do leitor, que busca conforto, eficiência, eficácia, portabilidade e compreensibilidade. E o leitor vai se acostumando ao objeto de ler, num ciclo realimentado e retroalimentador.

Através das mudanças advindas das redes sociais, como o sms, o facebook, os chats, os e-mails e tantos outros, vimos também mudanças relacionadas ao saber. Considerando essas transformações, Kenski (2012, p. 47) discorre sobre a necessidade das pessoas adaptarem-se aos avanços da contemporaneidade. Para ela, “as pessoas precisam atualizar seus conhecimentos e competências periodicamente, para que possam manter qualidade em seu desempenho profissional. Em uma sociedade em que os conhecimentos não param de

crescer, surge uma nova natureza para o trabalho”. Sendo assim, precisamos nos manter atualizados, informados e contextualizados para conseguirmos trabalhar de forma competente e eficaz.

As redes sociais criam mundos paralelos e as pessoas/usuários das redes experienciam novas identidades e realidades que, por sua vez, oportunizam novas vivências, conhecimentos e mudanças de comportamento. Tudo isso pode ser compartilhado ao mesmo tempo por várias pessoas e em lugares diferentes, de modo que “o fluxo de interações nas redes e a construção, a troca e o uso colaborativos de informações mostram a necessidade de construção de novas estruturas educacionais que não sejam apenas a formação fechada, hierárquica e em massa como o que está estabelecida nos sistemas educacionais” (KENSKI, 2007, p. 48). Com isso, percebemos que a leitura se configura na interação entre pessoas e máquinas, numa relação em tempo real e virtual.

Ao discutirmos sobre leitura e as redes sociais, observamos um leitor que participa ativamente desse contexto, muitas vezes atribuindo a si mesmo uma nova identidade. Ele tem a sua disposição a possibilidade de percorrer, conhecer e interagir com outros através de “cliques”, que o conduz a lugares virtuais e realidades distintas. A mudança da linearidade textual para a não linearidade, o hibridismo, a interatividade e a rapidez dos textos virtuais fizeram com que surgisse um novo tipo de leitor e um novo tipo de leitura. Silva (2008, p. 47) enfatiza que ao lidarmos com a diversidade das informações virtuais, o ser humano também “explora o pensamento não linear, sendo esta uma característica vista cada vez mais como necessária na sociedade contemporânea, principalmente porque o mundo atual é múltiplo, denso, fragmentado e marcado pela pluralidade”. A não linearidade permite ao leitor escolher os caminhos que irá prosseguir, explorando e descobrindo informações sempre sinalizadas de forma adequada.

O hibridismo, entendido como a miscigenação das linguagens visuais, verbais, sonoras dentre outras, diz respeito à diversidade encontrada no ambiente virtual. O leitor tem diante dos seus olhos uma tela (ou interface) híbrida que integra simultaneamente imagens em vídeos, fotografias, animação e som; de forma a criar um contexto visual e semântico inovador. Quanto à interatividade, Moura (2003, p. 256) diz que “refere-se ao caráter aberto dos sistemas que o usuário pode acessar, estabelecer relações e interferir nos documentos, registrando suas opiniões e até transformando as informações, dando vida ao processo de construção do conhecimento”. A interatividade, vista dessa forma, demanda participação ativa do leitor diante do que leu para a construção de sentido.

As redes sociais se tornaram o maior veículo de comunicação entre as pessoas, isso, *a priori*, graças à expansão do aparelho celular e as suas inúmeras funções das quais dispõe. Independente do aparato utilizado, o fato é que a cada dia as pessoas recorrem as redes sociais através de messenger (e-mails), Facebook, *twitter*, *whatsapp* e congêneres, seja em busca de entretenimento, comunicação, informação e até para reivindicar direitos. Dentre as inúmeras possibilidades existentes à nossa disposição nas redes sociais, destacamos o Facebook⁵, que originalmente foi chamado de thefacebook. Essa ferramenta foi lançada nos Estados Unidos em 2004, por Mark Zuckeberg, na época estudante da Universidade de Havard. Ele desenvolveu com a intenção de manter contato com os colegas que estavam terminando a universidade. O Facebook inicialmente foi usado através de um sistema fechado, no qual só tinham acesso as pessoas que se tornassem membros das instituições escolares que integravam o sistema. Logo após, se tornou uma rede social que funciona a partir de perfis e grupos, nos quais podemos agregar aplicativos como jogos e ferramentas diversificadas. É interessante mencionar que entre suas normas de uso há o limite estabelecido de contatos, 5.000 amigos, e disponibiliza um *feedback* ao usuário através da opção curtir.

O aluno/leitor da atualidade está rodeado por tecnologias digitais, e sendo assim, o professor se depara com uma geração que desde cedo teve contato com a televisão, o computador, os jogos e os celulares. Dessa maneira, observamos a predominância da cultura tecnológica a partir da relação com a TV e o manejo das redes de informática. Os alunos estão a cada dia mais focados na informação e na comunicação através de um mundo imagético e virtual (OLIVEIRA, 2005).

As novas experiências nas redes sociais *on-line* representam a dinâmica de uma sociedade contemporânea e tecnológica, uma vez que as comunidades ou grupos virtuais vivenciam novas possibilidades no ciberespaço, permitindo às pessoas a troca de saberes tanto imaginários, quanto reais. Esse ambiente, relacionado às tecnologias digitais é familiar para os alunos, pois fazem parte do seu universo. De acordo com Oliveira (2005, p. 501), “misturam imagens estáticas em movimento, textos e sequências sonoras, palavras e gráficos formando um sistema integrado [...] chamado hipertexto ou hipermídia”. Essa integração de vários elementos disponibilizada pela internet influenciam, instigam e motivam os alunos a acompanharem as mudanças oferecidas pelas tecnologias digitais e ainda a tornarem-se seguidores das redes sociais.

⁵ Informação disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Acesso em: 02 de abr. 2015.

Perante tudo isso, o professor se depara com uma geração que aprendeu rapidamente a utilizar/manusear os aparatos tecnológicos desde muito cedo. Tal realidade indica que o professor deve tornar essas linguagens significativas para sua prática e para a vida escolar do aluno, utilizando os recursos digitais na sala de aula, principalmente a internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para a interação entre grupos dentro e fora da turma, entre muitas outras possibilidades (MORAN, 2013). A leitura, agora com outra roupagem, precisa garantir o desenvolvimento de competências leitoras que mostrem que o hibridismo dos textos é apresentado como um leque de novas possibilidades de leitura, pois estamos lidando diariamente com o aluno que também está sempre em conexão com o mundo, através da internet.

2.4 Os conceitos de interação e autonomia diante da leitura na internet

O uso da internet no ensino vem ganhando espaço, assim como estudos e pesquisas nessa área. Pensando nessa ampliação, acreditamos que alguns conceitos referentes às TIC também merecem ser discutidos e, dentre eles, destacamos a interação e a autonomia. Revisitando autores que tratam de tais temáticas, discutiremos a relação da internet com a interação e a autonomia na educação.

O conceito de interação não surgiu na educação, seus primórdios remontam para a física e estavam relacionados ao processo de alteração que sofre a partícula devido à ação de outra partícula. Posteriormente, no início do século XX, o termo passou a designar a reciprocidade das ações e relações entre membros de um grupo (*cf.* MONTEIRO; RIBEIRO; STRUCHINER, 2007). O conceito de interação no âmbito das tecnologias oportunizou aos usuários interagirem ora com outros usuários, ora com os próprios materiais disponibilizados no ciberespaço. A esse respeito Belloni (1999, p. 59) ressalta a discussão enfatizando que:

As TICs oferecem possibilidades inéditas de interação mediatizada (professor/aluno; estudante/estudante) e de interatividade com materiais de boa qualidade e grande variedade. As técnicas de interação mediatizada criadas pelas redes telemáticas (*email*, listas de grupos de discussão, *webs*, *sites* etc) apresentam grandes vantagens, pois permitem combinar a flexibilidade da interação humana (com relação a fixidez dos programas informáticos, por mais interativos que sejam) com a independência no tempo e no espaço, sem por isso perder velocidade.

De acordo com o autor, fica evidente que o trabalho com as TIC, na sala de aula, atribui ao professor a responsabilidade de promover diferentes modos de interação, sempre de forma mediatizada. Além disso, é possível perceber a amplitude desse tipo de interação, uma vez que ela favorece não só o contato com várias pessoas, mas também com vários tipos textuais e diversas temáticas. A educação, entendida como um direito de todos, precisa funcionar dentro de uma perspectiva emancipatória e interativa, conjuntamente com as novas tecnologias. Sendo assim, Porto (2009, p. 24), no âmbito do trabalho com a leitura nas aulas de língua portuguesa e dentro de uma concepção interacionista, aborda que:

A leitura é entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica que acontece entre dois sujeitos – o autor do texto e o leitor. É nessa dimensão dialógica, discursiva, que a leitura deve ser experienciada, como um ato social em que o autor e leitor participam de um processo interativo no qual o primeiro escreve para ser entendido pelo segundo.

Após compreendermos melhor o conceito de interação e sua relação com a leitura na internet, percebemos ainda que compete ao professor a tarefa desafiadora de selecionar, organizar e proporcionar aos alunos interações entre eles e as redes sociais. No caso dessa pesquisa, sugerimos e defendemos o uso do facebook nas aulas de leitura, visando a promoção de uma aprendizagem mais significativa e motivadora nas aulas de língua portuguesa.

Um ponto bastante interessante, discutido por Lévy (1996, p. 17), é a reflexão sobre a interação homem/máquina, o que o autor nomeia como princípio da dinamicidade. Quanto a esse termo, ele fala que “a dinamicidade permite que a tecnologia desqualifique “certas competências”, fazendo emergir “outros funcionamentos”, desencadeando conflitos, desbloqueando situações, instaurando uma “nova dinâmica de colaboração”. Essa relação dinâmica entre sujeito e maquinaria se estabelece com a dialética do virtual e do atual; atual no sentido de algo constituído, real possível e estático, e virtual no sentido do que já existe em potência, na atualização que instiga e convida o aluno a adentrar nesse novo contexto.

Para Grinspun (1999), essa relação entre homem e máquina deve ser compreendida como uma atitude de reflexão, que promova a conscientização do homem atual que vive com e para a tecnologia. Faz-se necessário que a humanidade compreenda e reconheça o fato de as descobertas tecnológicas terem sido e continuarem sendo muito importantes, porém é fundamental lembrar que estas não invalidam a relevância do homem como criador e produtor das tecnologias. O homem precisa fazer das tecnologias sua aliada e não se tornar um objeto de alienação e dominação; com isso, fica claro que a parceria entre essas duas instâncias é

indissociável, visto que a máquina sempre precisará dos conhecimentos humanos para vir a ser um instrumento de apoio ao desenvolvimento de novas aprendizagens e conhecimentos.

Quanto ao conceito de autonomia, iniciamos essa discussão com Freire (2007), enfatizando que a autonomia deve ser compreendida como um direito que todo ser humano tem sobre sua própria construção ou produção do conhecimento. De acordo com o mesmo autor, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2007, p. 59). Trabalharmos a autonomia nos nossos alunos implica sermos éticos e respeitarmos o direito que cada um tem nas suas escolhas. Para isso, há necessidade do professor saber intervir em prol da promoção do conhecimento dos alunos.

Diante das inúmeras possibilidades de aprendizagem advindas do uso das tecnologias digitais, percebemos a capacidade que alunos/aprendizes possuem para gerenciar o ritmo e nível de assimilação do seu próprio conhecimento; daí a emergência de repensarmos sobre a autonomia e sua relação com os avanços tecnológicos que circulam diariamente nas casas, nas escolas e na sociedade. Para Paiva (2006), dentro da complexidade que a autonomia representa, existem fatores que estão relacionados, a saber: o aprendiz, o professor, a instituição, o material, os contextos sociais e político, a legislação e a tecnologia. Sabendo que a autonomia não é inata, durante nosso processo de aprendizado alguns desses fatores podem inibir ou reprimir essa soberania, como também incentivar a desenvolvê-la melhor no dia a dia dentro do processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, o aprendiz que desenvolve sua autonomia pode também auto-organizar sua aquisição, devido à capacidade de gerenciar seu processo cognitivo e também de escolher sua própria aprendizagem. Quando isso acontece, ocorre o despertar do sentimento de liberdade do aprendiz (FREIRE, 2007).

No que diz respeito à relação entre autonomia e tecnologia e o uso da internet, ou melhor, como o conceito de autonomia pode refletir no uso da internet e na vida das pessoas, Warschauer (2002, p. 427) discorre que:

O conceito de autonomia deve ser ampliado para ser aplicado não apenas ao auto-direcionamento no uso da língua e na tecnologia atual, mas à capacidade de desenvolver, explorar, avaliar e adaptar a nova tecnologia à medida que evolui. Isso requer o desenvolvimento de meta-habilidades de crítica e de inovação além das competências da implantação de qualquer tecnologia em particular.

As inúmeras possibilidades que o ciberespaço oferece podem propiciar o desenvolvimento da autonomia do aluno. Assim, à medida que surgem novas tecnologias, os usuários da internet têm a sua disposição um emaranhado de informações. Paiva (2006, p. 94)

aborda que “novos caminhos podem ser gerados a qualquer momento quando uma pessoa faz uma conexão justapondo conceitos que nunca haviam sido antes associados”. Através disso, o aluno tem ao seu alcance um ambiente propício a novas abordagens de ensino e, conseqüentemente, de aprendizagem que facilita o desenvolvimento da sua autonomia.

Vimos, até então, que o uso das ferramentas tecnológicas além de gerar novas possibilidades de aprendizagem também promove o aspecto emancipatório do aluno que por sua vez o conduz a autonomia, tanto sobre o conhecimento que almeja como sobre a própria tecnologia (FREIRE, 2007). Isso nos faz compreender que a autonomia está atrelada a responsabilidade que o aluno dispõe sobre a sua aprendizagem e quando ele passa a ter controle sobre sua própria aprendizagem, gradativamente, cresce a autonomia.

Diante de todas as discussões apresentadas, fica evidente que tanto a interação, quanto a autonomia são elementos que se intensificam com o uso das tecnologias digitais. Isso nos permite compreender que diante de um mundo interconectado, há sinalizações de mudanças urgentes na forma de ensinar e aprender (MORAN, 2013). Para isso, é necessária uma reflexão crítica dos paradigmas convencionais da educação escolar, com o intuito de ampliar as possibilidades que surgem constantemente com o uso das tecnologias digitais na escola.

III O ENSINO DE LEITURA E OS MULTILETRAMENTOS

Ensinar a ler é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só têm valor na medida em que elas dão suporte ao significado global (KLEIMAN, 2004 p. 28).

Abordaremos, neste capítulo, as concepções de leitura à luz de vários autores, como também sobre o ensino de leitura e as tecnologias digitais, destacando a relevância da diversidade dos gêneros textuais em sala de aula e ainda o facebook como suporta para trabalhar esses gêneros na prática de ensino-aprendizagem. Por fim, discutiremos o conceito dos multiletramentos explicitando os novos modos de representação da linguagem.

3.1 As concepções de leitura

A leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever, seu exercício abrange o domínio de um conjunto de práticas sociais e culturais que envolvem uma compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso a ela. Infelizmente, a problemática que gira em torno da leitura está na sua própria concepção, na insignificância com que, muitas vezes, é tratada e na lateralidade em que é colocada para ceder lugar a programas conteudistas que objetivam amontoar assuntos desprovidos de compreensão, de construção de sentido e de uma leitura significativa. No entanto, é preciso lembrar que o domínio da leitura está relacionado a uma série de habilidades complexas que precisam ser desenvolvidas progressivamente, e mesmo esta sendo uma atividade plenamente realizável, a realidade mostra o contrário. Nessa dimensão, a escola precisa repensar sua concepção de leitura e que significados ela aborda, a fim de rever sua prática de ensino promovendo reflexões sobre os procedimentos que poderão melhorar qualitativamente o ensino dessa competência tão ampla e representativa.

Kleiman (2001) apresenta várias concepções de leitura, consideradas pela própria autora como ‘práticas empobrecedoras’, mas que muitos professores ainda adotam sem nenhuma reflexão sobre suas possíveis contribuições. A primeira delas é a concepção da leitura como decodificação, que consiste apenas na tradução dos sinais gráficos em palavras; tal modalidade funciona como uma espécie de mapeamento entre os sinais gráficos da pergunta elaborada sobre o que foi lido e sua resposta nítida dada ao receptor no instante em

que ele passa o olho sobre o texto. Essa concepção estaciona o leitor no tempo, não favorece uma abertura para as novas descobertas no mundo da leitura. A segunda, a leitura como avaliação, caracteriza-se por avaliar o aluno de acordo com sua capacidade leitora no momento da leitura em voz alta. De acordo com a autora (2001, p. 20), “esse é um outro tipo de prática que inibe, ao invés de promover a formação de leitores”. Quanto à terceira concepção, a leitura autoritária, está vinculada a ideia de que só há uma maneira de compreender o texto e interpretá-lo, por isso, a experiência e o conhecimento prévio do aluno são desnecessários. Ao lado dessas concepções, alguns professores acabam adotando estratégias incoerentes ao ensino de leitura, o que dificulta a aprendizagem significativa da mesma.

Tendo como base teórica renomados autores, pretendemos explicitar concepções que acreditamos e defendemos como coerentes para o ensino de leitura. Numa concepção ampla de leitura, Solé (1998, p. 22) ressalta que esta “é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam sua leitura”. Entendemos que os professores precisam estabelecer os objetivos de leitura no momento de ensinar aos alunos a ler e compreender um texto, atribuindo-lhe ou construindo significados, já que o sentido que o autor propôs ao texto pode ser alterado pelo leitor de acordo com seus conhecimentos prévios e com o objetivo daquela leitura. De tal modo, mesmo que o aspecto conteudista do texto seja inalterado, é viável que dois leitores ativos extraíam informações distintas dentro de suas finalidades.

Podemos ressaltar que o sentido de um texto não se concentra em si próprio, há todo um manancial de pressupostos cognitivos, culturais e sociais que norteiam a descoberta ou a redescoberta de um novo significado para o que foi lido. Solé (1998), ampliando suas colocações, apresenta dois métodos que definem a leitura numa perspectiva interativa, são eles: o método ascendente (*Button up*) e o descendente (*top dow*). O ascendente está ligado a uma sequência hierárquica que se inicia do mais simples ao mais complexo. Nesse processo, a decodificação se torna relevante na medida em que o leitor compreende o texto porque consegue decodificá-lo numa ordem lógica e sequencial, englobando todos os elementos que o compõem. O método descendente apresenta uma visão oposta do método anterior, pois parte dos conhecimentos já vivenciados pelo leitor e também de recursos cognitivos que favoreçam uma antecipação acerca do que abordará o texto. Solé (1998, p. 24) diz que “quanto mais informações possuir um leitor sobre o texto que vai ler, menos precisará se ‘fixar’ nele para construir uma interpretação”. Esse método também pode ser considerado sequencial e

hierárquico, pois parte dos conhecimentos prévios para construir significados, por isso, ser denominado descendente.

Outro estudioso que se debruçou sobre o tema foi Smith (1989) e, dentro de suas colocações, ele apresenta o modelo de processamento psicolinguístico para a leitura. Segundo o autor, no momento da leitura a mente do leitor interage com o texto, favorecendo a esse receptor construir sentido perante o que leu. O processo de leitura ocorre através da predição, testagem e confirmação utilizada pelo leitor diante das pistas existentes no próprio texto; a partir de então, o leitor prediz o que será lido de acordo com a situação em que ocorre a leitura e constrói seu campo semântico. Nessa concepção, a leitura envolve as informações visuais e não visuais; dependem da quantidade de conhecimento prévio que o leitor dispõe, pois esses serão imprescindíveis na construção de sentidos; mas o leitor não pode se limitar a tais informações, pois há uma restrição para a quantidade de informações que captamos. Segundo Smith (1989), essa limitação mencionada anteriormente se dá devido a três fenômenos: o cérebro não vê o que realmente os olhos percebem; ver toma tempo e ver é episódico, ou seja, é um fato. Com isso, percebemos que o cérebro funciona como um captador de informações, ele pode selecionar e prever dados sem intermédio da visão, o leitor nesse modelo de processamento pode saltar partes do texto e selecionar as mais importantes.

O modelo de processamento de leitura, de acordo com Kleiman (2004), além de compreender o papel do leitor e o papel do texto como elementos fundamentais para o processo de leitura, ainda abrange um terceiro elemento, o qual trata da leitura como um processo de interação entre o leitor e o texto. O referido modelo diverge dos demais apresentados anteriormente, por não estar centrado no texto, nem no leitor e apresentar, simultaneamente, um fluxo ascendente e descendente, ou melhor, o ato de ler é tratado como um processo em que a informação do texto e do leitor se envolve, favorecendo uma melhor compreensão diante do objeto lido.

Segundo Kleiman (2004, p. 10), “ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que reflete o grupo social em que se deu a nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados”. Essas palavras reforçam a leitura enquanto atividade interativa, que se concretiza através do confronto entre ideias e palavras do autor e a construção de significação do leitor. Tudo isso em consonância com seus objetivos e os seus conhecimentos pré-estabelecidos. Para Chiappini (1997), o texto jamais poderá ser entendido como um ato passivo, o autor sempre escreve pressupondo o outro, o leitor, quer seja ele empírico, real ou virtual. O texto só se complementa com o ato da leitura, na medida em que ele for atualizado e tiver sua

significância para o leitor. Assim, por apresentar um aspecto interacionista, a leitura jamais pode ser considerada passiva, e é na sua prática que o texto passa a ser um meio de interlocução do leitor com o autor, estabelecendo um sentido dialógico, ou melhor, uma construção de entendimento entre ambas as instâncias.

Nessa dimensão, a função do professor, na visão de Kleiman (2004, p. 40), “pode ser não o de mediador entre autor e leitor, mas o de fornecedor de condições para que se estabeleça a interlocução”. O professor, portanto, facilita a compreensão do texto e assume a função de guia, norteando o leitor para uma prática significativa de leitura. A mesma autora ainda reforça a prática social da leitura dizendo que “uma vez que o leitor se coloca como sujeito, não apenas objeto de ensino, e passa a perceber também o autor como sujeito; nessas condições, a leitura se transforma em interação” (KLEIMAN, 2001, p. 100). Ela afirma ainda que o leitor, como sujeito que interage com o texto, não pode ser apenas considerado um leitor proficiente, mas também crítico. O leitor deve interagir com a obra e, conseqüentemente, a obra com o leitor.

Cosson (2014) apresenta algumas concepções de leitura, dentre elas a leitura como diálogo. Essa concepção tem como base teórica os postulados defendidos por Bakhtin (1922; 1997), que concebe o enunciado como indissociável da comunicação verbal, numa relação entre enunciados anteriores e posteriores; numa interação social. O autor aborda que o contexto é o elemento principal diante do que será assimilado pelo leitor, por isso podemos dizer que o processo de leitura não é o mesmo em todo lugar, este dependerá das formas de interação, sociabilidade e individualidade do leitor. Cosson (2014) também apresenta vários autores e suas definições, concepções e teorias. Uma delas é a leitura ‘conciliadora’ - termo usado por Leffa (1996; 1999). Essa teoria se agrupa em três abordagens: o primeiro grupo é o das abordagens ascendentes, que trata a leitura como decifração ou processo de extração. O segundo é o das abordagens descendentes, na qual o leitor se torna o fator principal na atribuição de sentido ao texto. E o terceiro grupo versa sobre as abordagens conciliadoras que procuram conciliar o que há de produtivo nas abordagens anteriores, incorporando e superando seus limites.

Outro ponto interessante e discutido por Cosson (2014) diz respeito ao processo de leitura, seja qual for seu aspecto teórico e seu ponto de partida, a leitura sempre perpassa pelo leitor, autor, texto e contexto. Fica evidente que a leitura acontece por meio de uma relação entre os elementos presentes no ato de ler, e qualquer leitor, independente do ponto de partida teórico que estabeleça, sempre desenvolve procedimentos e estratégias para ler e atribuir sentido ao texto.

Após discutirmos sobre as várias concepções de leitura à luz de autores renomados, também merece destaque uma discussão sobre os tipos de leitores. Lúcia Santaella (2004) classifica-os em três categorias: contemplativo ou mediativo; movente ou fragmentado e imerso ou virtual. De acordo com a autora, o leitor contemplativo se refere ao leitor do livro impresso e da imagem expositiva, cujas raízes vêm do Renascimento e da era pré-industrial. Já o leitor movente ou fragmentado é, por sua vez, marcado pelo hibridismo presente na Revolução Industrial. Esse tipo de leitor relaciona-se ao movimento e a dinamicidade do mundo, devido ao surgimento da imprensa, da fotografia e do cinema e ainda é marcada pela era televisiva. Por último, ela fala sobre o leitor virtual, aquele que tem como suporte a multimídia e está imerso na avalanche tecnológica do nosso século. Vale ressaltar que, mesmo cada tipo de leitor emergindo numa sequência histórico-temporal, um novo perfil não exclui totalmente os outros, demonstrando que as conquistas, tanto culturais quanto históricas, são cumulativas e isso contribui para a aquisição de habilidades perceptivas e cognitivas necessárias ao leitor.

Vimos, até então, algumas concepções sobre o processo de leitura que nos fizeram refletir sobre as visões centradas no ensino tradicional, como é o caso da leitura apenas como decodificação. Outros apontamentos, como os feitos por Kleiman (2001), Cosson (2014) e ROJO (2004), nos mostraram a valorização da leitura enquanto ato social e interativo, em que tanto o leitor quanto o texto são decisivos no processo de construção do sentido. Assim, considerando todas as teorias estudadas podemos ressaltar que a leitura é um processo repleto de complexidade que, por sua vez, gera outros processos possíveis na medida em que houver a interação entre o texto e o leitor, entre o homem e a máquina, numa influência mútua pessoal e/ou virtual. No tópico seguinte, trataremos do ensino de leitura e as tecnologias digitais e discutiremos, com base nos teóricos em estudo, acerca das possibilidades do ensino utilizando o ciberespaço como uma ferramenta que está disponível e acessível aos alunos e professores.

3.2 O ensino de leitura e as tecnologias digitais

As transformações tecnológicas e a popularização do acesso à internet e do uso das redes sociais atingiram também a educação e, por conseguinte, o ensino. A linguagem hipermidiática (digital) trouxe novas possibilidades para o professor utilizar conteúdos digitais na sua prática diária, perante essa avalanche de novidades que tanto encanta nossos

alunos como também amedronta nossos professores. Amedronta por, na maioria das vezes, nos sentirmos inseguros para metodologicamente utilizarmos a internet e as redes sociais com fins educativos, e, ainda, nos põe a margem quando percebemos o quanto nossos alunos são hábeis e competentes nesse meio digital (COSCARELLI, 2012).

Desse modo, temos que manter uma postura diante das novas tecnologias, nada melhor do que começarmos nos questionando: É possível, em plena era do crescimento tecnológico, ignorá-lo na sala de aula? Como utilizar a internet e as redes sociais na escola, com fins educativos? E, por fim, como perceber e avaliar a qualidade dos materiais via redes sociais (como textos, vídeos, sons, imagens etc.) que podem ser utilizados no ensino de leitura?

Pensando e refletindo sobre tais questões, tomamos ciência da importância dessas discussões no planejamento das aulas, principalmente se nos propusermos a trabalhar com o uso das novas tecnologias em sala de aula. A tecnologia pode ser uma ferramenta indispensável ao processo de ensino e aprendizagem, isso se for utilizada com seriedade, ética, planejamento e percebida na sua totalidade como estratégia de ensino que permite a motivação do aluno e sua aprendizagem significativa. Corroborando com esse pensamento, Moran (2013, p. 57) diz que “ensinar utilizando as tecnologias traz uma série de desafios cada vez mais complexos. De um lado, temos mais informações, variedade de materiais, canais, aplicativos, recursos. Essa variedade exige capacidade de escolha, avaliação e concentração”. Por isso, o planejamento das aulas utilizando como recurso as tecnologias digitais, devem contemplar estratégias bem elaboradas e selecionadas para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Quanto ao ensino de leitura, o uso das tecnologias digitais podem vir a ser um suporte para a prática do professor, que exercerá o papel de mediador na busca, com seus alunos, da construção do conhecimento, processo estabelecido a partir das relações interpessoais (VYGOTSKY, 1998). Bortoni-Ricardo (2012, p. 90) apresenta a importância de uma prática de ensino envolvendo a leitura em suas mais variadas facetas:

O trabalho pedagógico com a leitura visa possibilitar ao aluno o contato com diversos contextos de uso da linguagem, orais ou escritos, para aprender a adequá-la às diversas situações vividas no cotidiano. Nesse contexto de interação entre professor, aluno e texto, o papel do professor é o de mediador, colaborando com seus interlocutores na construção de sujeitos: questionando, sugerindo, provocando reações, exigindo explicitações sobre as informações ausentes do texto, refutando, polemizando, concordando e negociando sentidos mediante as pistas deixadas no texto.

Para a concretude das discussões explicitadas, temos como elemento principal o professor que assumirá o papel de mediador, minimizando a distância entre educador e educando. Nessa perspectiva, o professor precisa ir além da sala de aula e atravessar as paredes da escola para conectar-se com o mundo. Silva (2008, p. 53) aponta para a importância da capacitação desse profissional no que se refere ao uso dessas novas ferramentas:

Sem que o professor esteja objetivamente habilitado para o uso dos computadores, incluindo aqui o domínio dos principais programas e das principais linguagens para a produção/recepção de informações virtuais, serão mínimas as chances de uma socialização da internet em nosso meio ou, se quiser, será muito lento esse processo, retardando sobremaneira o usufruto dos seus benefícios pela maioria da população brasileira.

Além dessa questão mencionada anteriormente, da necessidade do professor conhecer e saber utilizar as novas tecnologias, outro ponto também merece atenção. Muitos professores, mesmo empregando as novas tecnologias nas suas aulas, acreditam que estas podem se sobrepor a sua competência profissional, tornando seu espaço de atuação restrito. A esse respeito, Kenski (2012, p. 104) enfatiza que “o professor precisa ter consciência de que sua ação profissional competente não será substituída pelas tecnologias. Elas, ao contrário, ampliam o seu campo de atuação para além da escola clássica. O espaço profissional dos professores, em um mundo em rede, amplia-se em vez de se extinguir”. Compreendemos, dessa maneira, que novas qualificações são necessárias, ao passo que surgem novas metodologias de ensino. Com essa combinação bem estabelecida, os professores, além de acompanharem o crescimento tecnológico, ainda caminham lado a lado com seus alunos num processo colaborativo, em que o uso da internet e das redes sociais possibilitam ao ensino implementações sempre atualizadas.

Diante de tais constatações, o professor precisa assumir o papel de explorador da aprendizagem, pois assim como o aluno, ele também está sempre aprendendo. Daí surge a necessidade dos docentes repensarem e refletirem sobre sua postura pedagógica diante do uso das novas tecnologias, e ainda perceberem que estamos diante de um aluno contemporâneo, que consegue adentrar e absorver as ferramentas tecnológicas com muita rapidez e eficiência. Enfim, o planejamento escolar, a qualificação dos professores e uma visão holística do mundo conectado são os caminhos para um ensino que engloba conhecimentos, realidade, descobertas e interação.

3.2.1 A leitura no ciberespaço

A todo instante, a conexão à internet se reafirma como um elemento universal que marca a história desse meio comunicativo. Assim como Lévy (1999, p. 111) destaca, “a cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede”. Com isso, as condições de vida em sociedade se transformaram e ainda continuam se transformando efetivamente. Corroborando com esse pensamento, Kenski (2012, p. 46) diz que:

Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário.

É preciso discutirmos de modo mais intenso e acentuado acerca das práticas de leitura, levando em consideração o ciberespaço e as suas redes sociais, que tanto encantam como agregam pessoas rotineiramente. Torna-se imprescindível que os recursos disponíveis e já utilizados pelos alunos fora do contexto escolar, possam se transformar em meios de incentivo ao ensino de leitura. O ciberespaço, compreendido em seu sentido amplo, apresenta a seguinte definição:

[...] ele se refere a um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e os computadores em uma relação simbiótica que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa. Trata-se, portanto, de um espaço informacional, no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de usuários. (SANTAELLA, 2004, p. 45)

Diante das imensas informações, dados e interatividade que o ciberespaço nos disponibiliza, assistimos ao seu crescimento de forma intensa; e isso repercute na educação, tanto na prática de ensino do professor, quanto na aprendizagem dos alunos. De acordo com Lévy (1999), o crescimento inicial do ciberespaço aponta três princípios: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. O primeiro deles, a interconexão, é considerado o principal da origem do ciberespaço, pois vai além da física da comunicação favorecendo aos usuários uma sensação de espaço envolvente. Lévy (1999, p. 127) reforça essa observação quando diz que “[...] a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato”.

Quanto ao princípio das comunicações virtuais vimos que este depende da interconexão para se efetivar concretamente. Desse modo, a constituição de uma comunidade virtual se fundamenta nas afinidades de interesses, de projetos, de conhecimentos em um processo de troca independente do contexto físico e social do indivíduo. Lévy (1999, p. 128) tece um comentário significativo a respeito da vivência nesse novo modelo de comunidade, no qual afirma que

A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos, [...]. Por outro lado, afinidades, alianças intelectuais, até mesmo amizades podem desenvolver-se nos grupos de discussão, exatamente como pessoas que se encontram regularmente para conversar. Para seus participantes, os outros membros das comunidades são os mais humanos possível, pois seu estilo de escrita, suas zonas de competências, suas eventuais tomadas de posição obviamente deixam transparecer suas personalidades.

Como vimos, as comunidades virtuais se constroem a partir de um laço social estabelecido em torno dos interesses comuns e o compartilhamento dos saberes que ocorrem num processo de colaboração e aprendizagem cooperativa, tudo isso graças ao ciberespaço.

No que diz respeito à inteligência coletiva, terceiro princípio básico do crescimento inicial do ciberespaço, Lévy (1999, p. 131) enfatiza que ela “é praticada sobretudo *on-line* por um número cada vez maior de surfistas da net, de participantes de newsgroups e nas comunidades virtuais de todos os tipos”. Sendo assim, o ‘surfista da net’ tem uma possibilidade infinita de usar os recursos disponíveis e participar ativamente de grupos, comunidades etc.

O ciberespaço nos remete a uma reflexão do futuro dos sistemas educacionais em consonância com as mutações contemporâneas da aquisição dos conhecimentos. A escola, como espaço de convivência e interação, também precisa utilizar-se de recursos para facilitar seu trabalho. Segundo Coscarelli (2007, p. 121), “os meios de comunicação e interação mediada por computadores e redes são uma grande promessa, além de uma tendência para a criação de novas formas de ensinar e também para o auxílio do aprendizado”. Sendo assim, em plena era digital, as TICs se apresentam como suportes de apoio a prática escolar, fornecendo elementos que servem para compreendermos a conexão entre o contexto tecnológico e o aprendizado, por isso, sua relevância na práxis pedagógica. O professor que consegue identificar e reconhecer a importância do uso das tecnologias como ferramenta eficaz e capaz de maximizar os conhecimentos vai de encontro à descoberta de novas estratégias no campo das pesquisas.

Diante da aprendizagem com enfoque tecnológico, Lévy (1999) apresenta duas expressões para classificar o professor no contexto da era digital: arquiteto cognitivo e estrategista da aprendizagem. O primeiro seria um profissional capaz de utilizar procedimentos metodológicos voltados para uma aprendizagem contínua, autônoma e integrada ao uso crítico dos aparatos tecnológicos; no segundo caso, o profissional seria um animador e mediador da inteligência coletiva e estimulador do conhecimento. Moran (2013, p. 13) realça a discussão enfatizando que:

Educar é, simultaneamente, fácil e difícil, simples e complexo. Os princípios fundamentais são sempre os mesmos: saber acolher, motivar, mostrar valores, colocar limites, gerenciar atividades desafiadoras de aprendizagem. Só que as tecnologias móveis, que chegam às mãos de alunos e professores, trazem desafios imensos de como organizar esses processos de forma interessante, atraente e eficiente dentro e fora da sala de aula, aproveitando o melhor de cada ambiente, presencial e digital.

Em tal situação, o professor precisa compreender que pode romper barreiras na sala de aula e fora dela, criando atividades presenciais e virtuais que atraiam os alunos a acessarem as informações e participarem efetivamente da construção do seu conhecimento. Acreditamos que o professor de língua portuguesa pode usufruir das tecnologias digitais e desenvolver com seus alunos uma diversidade de atividades capazes de motivá-los a alcançarem os objetivos traçados pelo educador. Ademais, vemos a aplicabilidade das TIC como um meio que promove a interação, o interesse e a autonomia para que o aluno se sinta capaz de entender e utilizar de forma prática tais ferramentas. Perante isso, o conceito de leitor-professor se torna mais amplo, conforme destaca Barreto (2001, p. 199-200):

O leitor-professor é o sujeito que deve estar preparado para lidar com as tecnologias de leitura. E, é claro, com as leituras das tecnologias. Ser preparado para formar novos leitores no processo de ensinar/aprender novos gestos de leitura de diferentes suportes, materiais, texturas, configurações textuais etc., num movimento de apropriação das novas tecnologias. Novas tecnologias implicam novos modos de relação entre os sujeitos cognoscentes e os objetos do conhecimento. Abrangem textos e leituras, ambos necessariamente plurais.

Nesse contexto, o professor é ao mesmo tempo um leitor, que deve propor novas formas de aprender, e, ainda, saber se apropriar das novas tecnologias. Essa relação se configura numa metodologia inovadora, a qual os alunos são privilegiados como sujeitos ativos na construção do conhecimento mediatizado pelo professor. Dessa forma, as TIC, no contexto escolar, promovem novas nomenclaturas, novos conceitos e novas metodologias de trabalho, primordialmente para o professor de língua portuguesa que precisa organizar e

planejar aulas dentro desse novo paradigma, com o intuito de garantir uma prática atualizada e instigadora. As tecnologias atuais podem tornar-se um espaço rico e significativo de aprendizagem e, por conseguinte, motivar os alunos para além da facilidade das pesquisas, serem ainda proativos, pessoas de iniciativa própria e capazes de interagir nas mais diversas situações do dia a dia.

3.2.2 Os gêneros textuais na era digital

Os gêneros textuais que circulam socialmente são modelos que apresentam formas próprias e ampliam a competência linguística e discursiva dos alunos, possibilitando-lhes as mais variadas modalidades de participação social através da linguagem. Existem inúmeras maneiras de interação entre os homens que acontecem nas mais variadas esferas sociais e, durante essa interação, usamos diferentes tipos relativamente estáveis de enunciados, estes, por sua vez, são nomeados gêneros do discurso. Os gêneros se apresentam como primários e secundários. Primários quando emergem da comunicação verbal de forma espontânea e simples; e secundários quando apresentam uma comunicação mais elevada culturalmente, são os gêneros considerados mais complexos (BAKTHIN, 1998). Já Travaglia (1991) defende que os gêneros textuais exercem uma função social específica, ou melhor, os usuários sabem usar o gênero de acordo com a função social e os momentos de interação.

Seguindo a mesma temática, Marcuschi (2005) diz que o surgimento de novos gêneros textuais se deu devido às novas tecnologias, o uso intensivo das ferramentas tecnológicas interferiu nas atividades comunicativas dos usuários. Mesmo assim, para Porto (2009, p. 40), “esses gêneros não são inovações absolutas, pois estão baseadas em outros já existentes, mas ocorre a transmutação, em que um gênero é assimilado por outro, fazendo surgir novos”. É possível inferir que os novos gêneros trazem em si marcas dos antigos e sofrem mutações para se adaptarem às novas mídias, ou seja, aos novos meios de circulação. Sendo assim, essas inovações promovem uma ruptura na dicotomia oralidade e escrita ampliando as possibilidades de uso das linguagens.

Vale ressaltar que os gêneros textuais apresentam características sociocomunicativas e funcionais que são determinados ora por sua forma, ora por sua função. Desse modo, os gêneros textuais surgem de acordo com as situações sociais em que são utilizados. Os gêneros textuais se distinguem uns dos outros de acordo com as seguintes características: o conteúdo temático que se torna dizível por meio deles; as modalidades discursivas ou estruturas e estilo

ou configurações específicas das unidades de linguagem (aspectos formais e estruturais do texto oral ou escrito). Além das características que determinam cada gênero, a escolha do mesmo depende do seu uso social que por sua vez determina a necessidade imediata do sujeito atuante (PORTO, 2009).

Os gêneros textuais são instrumentos que facilitam a interação humana. De tal modo, é imprescindível que os professores façam da diversidade de textos existentes uma progressão quanto ao domínio do aluno acerca dos gêneros abordados e trabalhados na sala de aula (ROJO, 2012). Quanto à circulação dos gêneros textuais em uso, Porto (2009, p. 42) aborda que “[...] ela depende de suportes que devem preencher os requisitos necessários para que os diferentes objetivos sejam alcançados. O suporte (ou portador de texto) suporta, fixa, mostra um texto. Está relacionado ao gênero textual, chegando, por vezes, a determiná-lo”. Perante os diversos suportes existentes, percebemos a importância dos objetivos pretendidos pelo professor. O suporte será apenas um portador, o essencial será organizar estratégias condizentes com o que pretendemos alcançar durante as aulas.

Sendo assim, a partir do momento em que os mais variados gêneros textuais adentram nas aulas de língua portuguesa, constatamos também a relação entre texto e suporte. Pietri (2009, p. 67), diz que “é possível ao professor atuar sobre o texto, em seus modos de apresentação no suporte, de modo a evidenciar aspectos da estruturação textual que não seriam facilmente percebidos pelo leitor em formação”. Vemos, então, que é necessário o professor conhecer as características do gênero e suas particularidades, a fim de desenvolver atividades de leitura coerentes com os objetivos traçados no seu planejamento. Afinal, os gêneros textuais vão se estabelecendo socialmente e precisamos também ficar atentos para os usos sociais da linguagem, principalmente na era digital, com o desejo de fazer da sala de aula um espaço no qual circulem os mais variados gêneros.

3.2.3 O Facebook como suporte para o ensino de leitura

Com o advento das TIC, assistimos de perto a inserção dos sujeitos nas redes sociais e, especificamente para esta pesquisa, nos interessa aqui o Facebook. É perceptível como o acesso a tal ferramenta desperta o interesse dos sujeitos em se comunicarem, seja comentando, curtindo ou compartilhando informações, que por sua vez, num processo interativo, promove a construção de conhecimentos.

A origem do Facebook se deu com o propósito de ser educativo. Criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, a rede social Facebook tinha como objetivo principal configurar um espaço no qual as pessoas pudessem se comunicar umas com as outras, dividindo opiniões e compartilhando fotografias, por isso era um espaço fechado e limitado apenas para os participantes da rede. Porém, aos poucos, ele foi se difundindo e foi estendido ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts, à Universidade de Boston, ao Boston College, incluindo também alunos de Stanford, Columbia e Yale. Nessa época, ainda era conhecido como thefacebook.com. Em 2005, apenas um ano depois de sua criação, essa rede contava com mais de 5 milhões de membros ativos e se tornou conhecida simplesmente como Facebook, tornando-se uma rede social comum a todos os que tivessem interesse em participar (COUTO JUNIOR, 2013). O Facebook passou, então, a ser um espaço onde os sujeitos se encontram virtualmente com a finalidade de procurar interação, informação e novos conhecimentos sociais, tudo em torno de uma mesma interface, que diz respeito “a todos os aparatos materiais que permitem a interação entre o universo da informação e o mundo ordinário” (LÉVY, 1999, p. 37).

Além disso, o Facebook apresenta que sua principal missão “é dar às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado”⁶. A respeito de tal ampliação e interação, Couto Júnior (2013, p. 29) expõe as inúmeras formas de estabelecer essa conexão, realçando que:

Seus usuários têm a possibilidade de estabelecer o diálogo em tempo real através do *chat*, compartilhar e discutir vídeos, sons, imagens e textos por meio de *links*, criar e postar álbuns de fotos, utilizar inúmeros aplicativos que propiciam ainda mais a aproximação entre os sujeitos, agendar encontros de universitário ou qualquer outro tipo de comemoração (eventos), dentre outras.

O Facebook é considerado uma ferramenta capaz de unir milhões de pessoas dos lugares mais longínquos do mundo, apresenta o recurso das mensagens que chegam instantaneamente a qualquer lugar, promovendo a interação entre os sujeitos, bastando para isso que seja aceito o convite da solicitação de amizade. Assim, levando esses aspectos em conta, Recuero (2009, p. 103) diz que as pessoas que utilizam tais redes são consideradas “atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem essas redes”. As redes sociais

⁶ Nossa tradução livre: “is to give people the Power to share and make tue world more open and connected”. Informação disponível em: <http://www.facebook.com/?ref=logo#!/facebook?sk=info>. Acesso em 04 de abr. 2015.

propiciam um espaço de comunicação que estabelece vínculos entre as informações e os seres humanos, tecendo uma rede de colaboração e interatividade.

Enquanto professores, não podemos negar que nesse contexto tecnológico emerge também a preocupação e o interesse nos modos de leitura e escrita que estão presentes no Facebook e que nossos alunos têm acesso diariamente. Mattar (2013) enfatiza que o uso do Facebook promove a aproximação entre professores e alunos, por estimular a troca de informações entre ambos e ainda por aumentar a credibilidade dos professores, pois estes estarão se aprimorando e acompanhando as redes sociais assim como seus alunos.

Com a democratização e o acesso à internet, vimos surgir novas práticas de leitura e de escrita. Nesse sentido, o Facebook favorece aos seus frequentadores a criação de perfis, no qual o sujeito disponibiliza dados pessoais e sociais que facilitam conhecê-lo de forma virtual; esse recurso permite ao usuário obter dados de pessoas antes de aceitá-la como amiga e também contribui para o aumento significativo de pessoas que procuram a ferramenta social na internet. Para comprovar isso, a Empresa Serasa Experin⁷, que comporta o mais abrangente banco de dados da América Latina sobre os consumidores, empresas e grupos econômicos, realizou em 2013 uma pesquisa sobre as redes sociais mais acessadas no Brasil e o resultado não poderia ser diferente. No resultado ficou constatado que o Facebook sobressai, sendo a rede social mais acessada, com 68,77%. Esses dados nos permitem indagar que existe uma necessidade urgente da escola utilizar essa ferramenta no contexto da prática de ensino.

Como vimos, o Facebook é uma rede social com vários recursos, dentre eles a possibilidade da criação e participação em grupos fechados ou abertos, gerenciados por um sujeito. Qualquer pessoa que tenha se cadastrado no Facebook pode criar um grupo com finalidades diversas; além de outros recursos como a criação de páginas, conversas *online* com seus amigos, envio de mensagens privadas *online* e *off-line*, dentre outras. Os alunos e professores que exploram tal ferramenta precisam conhecê-la para usufruir conscientemente dos recursos oferecidos.

A prática ou visualização das postagens sejam verbais ou imagéticas pode se tornar a porta de entrada para o ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, possibilitando novas maneiras de ler. Gomes (2011, p.13) corrobora com a discussão comentando que “a comunicação mediada pela tecnologia provoca mudanças em nossas maneiras de ler e de escrever. Essas mudanças surgem pela necessidade de utilizar os recursos do meio digital”.

⁷ Empresa responsável pelo maior bureau de crédito contém o maior número de dados sobre empresas, consumidores e grupos econômicos. Fonte: http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2013/noticia_01214.htm Acesso em 06 Abr. 2015.

Tais possibilidades de leitura a tornam mais atraente para o sujeito e foge da linearidade dos textos impressos, que por sua vez pode ser um fator de motivação para a leitura na rede social.

Vale acrescentar que os leitores do Facebook têm a sua disposição a utilização e o acesso a *links* que os direcionam a outros textos. Esse é um dos diferenciais para a leitura na internet, o leitor se depara constantemente com hipertextos, textos virtuais que possuem *links*, os quais conduzem e permitem ao leitor ter acesso a novos conteúdos dentro do mesmo contexto temático (GOMES, 2011). Os *links* proporcionam ao leitor a capacidade de desenvolver sua autonomia, na medida em que tem a possibilidade de escolhê-los. Dessa forma, a internet, assim como o Facebook, pode ser um suporte para a prática de ensino da leitura. A esse respeito, Magnabosco (*apud* LOPES 2012, p. 28) diz que:

A internet pode ser uma grande aliada para resgatar nos alunos motivações e estímulos perdidos, pois, além de oferecer muitas possibilidades para o enriquecimento informacional, possibilita o resgate de um destinatário real para as produções escolares, o que pode repercutir em interesse maior no ensino de língua materna.

Nesse contexto, o Facebook, como a rede social mais acessada no Brasil, pode e deve ser um instrumento motivador para a prática da leitura na escola e principalmente fora dela, basta que os professores conduzam as atividades usando-o como suporte para a aprendizagem; essa é nossa defesa, ou seja, nossa discussão gira em torno dessa ferramenta como recurso para o ensino de leitura, servindo para que professores e alunos acessem a rede social – Facebook, como um espaço para refletir sobre leitura, escrita e novas aprendizagens. Portanto, o uso do Facebook pode se tornar um forte aliado às aulas de leitura, que por sua vez auxilia na escrita, desenvolvendo a capacidade dos alunos lerem com mais autonomia e compreenderem o que leram atribuindo novos significados.

É notório que a escola e em particular os professores de língua portuguesa, conscientes de que o Facebook é muito acessado pelos alunos, precisam desenvolver estratégias de leitura e escrita que promovam a participação, a colaboração e a cooperação entre os sujeitos/alunos. Gomes (2011, p. 14) ressalta que “[...] não é um simples acesso a tais ferramentas que pode trazer algum benefício aos alunos, aos cidadãos, mas sim o uso que se fizer delas”. A forma como podemos conduzir as aulas de leitura, lembrando que sempre pautadas em um planejamento coerente, demonstra nosso desejo de contribuir para a autonomia dos alunos nas mais diversas práticas sociais.

Com base nessas colocações, acreditamos que o Facebook deve ser explorado como ferramenta para o ensino, pois além de ser um elemento motivador, pode contribuir para

fomentar a leitura e a escrita dos alunos, já que estes têm gratuitamente ao seu alcance o acesso a essa rede social. O uso do Facebook, seja através de grupos, páginas, postagens ou outros, torna o sujeito ativo, pois ele participa, interage, opina, argumenta e produz. Vale ressaltar que essas práticas ampliam seus conhecimentos num processo colaborativo, significativo, ativo e virtual.

3.3 Conceituando multiletramentos

Antes de iniciarmos nossa discussão sobre os multiletramentos, cabe retomarmos o conceito de letramento dentro do contexto tecnológico. Para Soares (2003), o letramento vai além da decifração dos códigos; perpassa a simples decodificação e se efetiva dentro de um contexto no qual a leitura e a escrita tenham sentido para o leitor e seja parte integrante na vida dos seres humanos. Todavia, o intuito dessa discussão vai além, pois a sociedade da informação requer das pessoas letramentos múltiplos, dentre eles o letramento digital, o qual aponta para a multiplicidade e a variedade das práticas letradas, o que corresponde às demandas sociais de leitura e de escrita.

O letramento digital emergiu da necessidade de estabelecer/indicar o grau de competência de um usuário na utilização dos meios eletrônico-digitais. O letramento digital refere-se a forma como um indivíduo se apropria da leitura e da escrita de maneira efetiva, não somente em um espaço virtual, mas ao estado ou condição dos participantes de eventos de letramento caracterizados pela era digital (SOARES, 2009). Para Coscarelli (2007, p. 135), a versatilidade do leitor letrado facilita a compreensão dos textos; a autora enfatiza isso quando escreve que:

O fato é que o leitor, cada vez mais letrado, deve ganhar a versatilidade de lidar com todos os gêneros, de maneira que não tenha a sensação de completo estranhamento quando tiver contato com novas possibilidades de texto ou de suporte. O letramento além de significar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e, assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo.

O letramento corresponde às várias possibilidades de leitura e escrita, favorecendo ao leitor contato com textos múltiplos e variados, possibilitando o reconhecimento do gênero em suas especificidades. O conceito de letramento está relacionado também com a seleção, o

gerenciamento, a avaliação, o uso e a criação que se faz a partir das informações disponíveis para a promoção do conhecimento do aluno (ROJO, 2012). Porém, como ressalta Baladeli (2011, p. 9), já os multiletramentos vão além dessa discussão, estes, por sua vez, permitem ao leitor digital uma ampliação nos modos de representatividade da linguagem:

[...] a compreensão dos novos modos de representação da linguagem verbal e não verbal que se materializam em diferentes gêneros textuais, digitais veiculados na Internet, domínio discursivo em crescente evolução [...] e a habilidade de interpretar a língua (gem) em suas diferentes representações.

Percebemos, portanto, que os multiletramentos estão presentes no contexto de ensino atual, isso devido aos desafios que os professores têm diante da proliferação das mídias. Os multiletramentos preparam os alunos para as situações de interação, nas quais são relevantes e necessárias posturas mais contemporâneas de leitura e escrita, situações que abordem o estudo da língua e o estudo dos gêneros. Através da ‘pedagogia dos multiletramentos’⁸ pretende-se favorecer aos alunos o acesso à internet e ao mesmo tempo garantir o engajamento crítico necessário para que os mesmos se tornem agentes de transformação social dentro de um contexto midiático.

Os multiletramentos, independente do sentido da palavra apresentam características próprias, conforme nos informa Rojo (2012, p. 23), “eles são interativos, mais que isso, colaborativos; eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade; eles são híbridos, fronteiriços, mestiços”. Dessa forma, os multiletramentos existem e se configuram nas redes sociais, dentro de um contexto inesgotável e infindo conhecido como internet.

Partindo dessa assertiva, podemos ressaltar que os multiletramentos favorecem a interação entre os sujeitos. Nessa perspectiva, o professor de língua portuguesa precisa sistematizar as práticas de ensino englobando situações que envolvam tanto o estudo da língua, quanto do gênero textual, ampliando os conhecimentos já adquiridos e potencializando outros, na medida em que ocorre a interação com textos disponibilizados na internet e fora dela.

⁸ De acordo com Rojo (2012), formou-se o grupo de Nova Londres, nos Estados Unidos, em 1996. Esse grupo procurou articular os estudos do letramento aos estudos educacionais, com a chamada ‘pedagogia dos multiletramentos’, a qual foi sintetizada em um manifesto e publicada na *Rarvard Review*.

IV ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Educador e educando, os dois seres criadores libertam-se mutuamente para chegarem a ser, ambos, criadores de novas realidades (FREIRE, 2007, p. 32).

Este capítulo estrutura-se em 6 tópicos, nos quais explicitaremos todos os procedimentos realizados durante a investigação, a saber: a natureza da pesquisa e a questão norteadora; caracterização da pesquisa (com enfoque na pesquisa-ação); o contexto da pesquisa (onde apresentamos a instituição escolar, o ensino de leitura adotado na escola e os participantes da pesquisa); instrumentos e procedimentos de geração de dados; a proposta interventiva e, por fim, os procedimentos de análises dos dados.

4.1 A natureza da pesquisa e as questões norteadoras

Inicialmente, gostaria de situar o leitor sobre a importância desta pesquisa tanto para minha vida pessoal quanto profissional, já que se refere a minha história. Desde criança, o estudo sempre foi uma prioridade em minha vida, apesar de ser filha de pais semianalfabetos, sempre recebi da minha mãe o incentivo necessário para prosseguir meus estudos. Em 1998, concluí a faculdade em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN; logo em seguida, comecei a lecionar em uma escola privada. Em 2006, já ensinava língua portuguesa em uma escola pública e simultaneamente cursava a Especialização em Linguística Aplicada também ofertada pela UERN. Foi, então, que despertou em mim o desejo de trabalhar e pesquisar sobre leitura, visto que o tema da minha monografia foi “A construção de sentido no ensino de leitura da 5ª série”, trabalho este que tinha como objetivo analisar e refletir sobre como se desenvolvia o ensino de leitura na sala de aula investigada.

Toda essa experiência com o ensino de leitura serviu para aumentar meu interesse em pesquisar e também contribuir para a melhoria da prática de sala de aula. Sempre me preocupei bastante no momento de organizar as aulas, principalmente de leitura, pois sentia *in loco* o desinteresse e a desmotivação dos alunos para lerem. Foi, então, que percebi que as tecnologias disponibilizadas na escola, como televisão, vídeo e *data-show* conseguiam

prender melhor os alunos quanto à atenção e ao interesse. Incorporei nas minhas aulas vídeos, filmes e uma diversidade de gêneros textuais. No entanto, devido a um embasamento teórico ainda preliminar, comecei a perceber que estava apenas trabalhando com um material diferenciado, mas permanecia com uma metodologia ainda tradicional.

Quando surgiu a oportunidade de participar da seleção para o PROFLETRAS e, melhor ainda, quando consegui fazer parte da primeira turma do PROFLETRAS da UERN – 2014, comecei a rever minha prática de ensino, pois estava me aprofundando teoricamente de forma mais reflexiva. A primeira disciplina, intitulada “Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional”, serviu como um convite para o que buscava, pois as possibilidades de ensino com o apoio das tecnologias foram instigantes para ampliar meu interesse em pesquisar nessa área.

De acordo com uma percepção particular, vivenciei uma experiência em sala de aula com um trabalho usando as redes sociais e percebi o quanto os alunos se empolgaram com o recurso e a nova metodologia, principalmente quando as estratégias propostas permitiam a interação entre eles, tanto dentro quanto fora da escola. De acordo com Lévy (1999, p. 158), o uso das tecnologias digitais possibilitam uma educação com “espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva”. Essa primeira experiência com os alunos serviu para confirmar o interesse em desenvolver uma pesquisa qualitativa com a leitura e as redes sociais.

Após perceber a relevância da pesquisa, o estudo intitulado “O ensino de leitura e o Facebook nas aulas de língua portuguesa” pautou-se numa questão mais abrangente: Como pode acontecer o ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa, utilizando o Facebook como suporte para a prática de ensino? O interesse dos sujeitos em interagir e dialogar através do ciberespaço são caminhos fundamentais para pensarmos na educação na/com a cibercultura (COUTO JÚNIOR, 2013). Quanto às outras questões de pesquisa, estabelecemos duas, foram elas: Quais as concepções que os participantes têm acerca do uso do Facebook em sala de aula e fora dela? Quais os efeitos de sentido os alunos incorporam com a utilização do fFacebook nas aulas de leitura, a partir da intervenção pedagógica?

Pretendemos, a partir dessas questões, contribuir para a ressignificação das práticas de ensino e do campo de pesquisa na área das tecnologias e da educação. Vimos também que as questões da pesquisa privilegiam os que estão diretamente envolvidos no ensino-aprendizagem, os alunos e o professor; abrangendo aspectos metodológicos de ensino com o intuito de contribuir para sua melhoria.

4.2 Caracterização da pesquisa

A pesquisa científica se interessa pela investigação feita com a finalidade de obter conhecimento específico e estruturado a respeito de uma problemática, resultante da observação dos fatos, dos registros relevantes para as futuras análises. É um processo reflexivo, sistemático e que contribui para o desenvolvimento do conhecimento. Minayo (2011, p. 16) acrescenta seu entendimento do termo e diz que entende a pesquisa como sendo “[...] a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”. A pesquisa se fundamenta em buscar respostas para indagações propostas, por isso, se refere a solução de um problema que através da ação quer conhecer os resultados.

Antes de caracterizarmos a pesquisa, é importante discutirmos seu conceito. Em sentido amplo, pesquisa significa um conjunto de procedimentos que têm como meta descobrir novos conhecimentos, seja qual for a área ou o nível (PRESTES, 2008). No que se refere à ciência, a pesquisa é o caminho para a busca de solução de um problema já existente. Kauark (2010, p. 24) enfatiza que “não se deve dizer que se faz ciência, mas que se produz ciência através de uma pesquisa. Pesquisar, portanto, é o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento”. A importância da pesquisa ocorre através das ações racionais propostas em busca da solução do problema, o que resulta num processo inacabado e permanente, essa procura é um processo infinito, pois enquanto houver pesquisadores haverá pesquisa e procedimentos. Nessa mesma linha de pensamento, Sampieri, Colado e Lúcio (2006) refletem sobre a pesquisa como um processo dinâmico, mutante e evolutivo, que se desenvolve através de etapas que se relacionam entre si.

Após elencarmos conceitos sobre o termo pesquisa passaremos a discutir a pesquisa quanto à forma de abordagem do problema, tópico já apresentado no capítulo introdutório desse trabalho. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, esta apresenta uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, considerando o ponto de vista de todos os participantes em suas interações e influências recíprocas, por isso, é um tipo de pesquisa que tem como base uma visão holística, fornecendo ao pesquisador uma percepção profunda de uma dada realidade, já que este lida diretamente com o grupo investigado.

Para Kauart (2010, p. 26), “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo da pesquisa qualitativa”. Para a autora, a relação entre pesquisa qualitativa e construção de significados é algo essencial. Sendo assim, a pesquisa

adotada para este trabalho foi fundamental para percebermos o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, principalmente quando discutimos sobre as redes sociais, tecnologias e educação, visto que a interpretação e atribuição de significados foram essenciais para o processo da pesquisa qualitativa.

Quanto ao ponto de vista dos objetivos, a pesquisa realizada comporta dois tipos: exploratória e descritiva. A primeira, a pesquisa exploratória, ocorreu na fase preliminar do trabalho, com o intuito de conhecer o problema, levantar um perfil da turma investigada e obter maiores informações sobre o assunto que seria discutido no trabalho; esse tipo de abordagem serviu ainda para facilitar a delimitação do tema, além da orientação dos objetivos e das questões de pesquisa. A segunda modalidade, a descritiva, serviu para realizarmos uma descrição das características dos participantes, essa etapa envolveu a aplicação de um questionário para os alunos a fim de realizarmos um levantamento de dados para a pesquisa. De tal maneira, realizamos a aplicação de um questionário (anexo) para os alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da Paraíba. O referido instrumento pretendia fazer um diagnóstico sobre leitura, ensino e o uso da rede social – facebook; nosso objetivo era verificar o interesse dos alunos e como poderíamos intervir metodologicamente.

Quanto ao método, Gil (2007) apresenta o conceito deste como um conjunto de etapas ordenadamente dispostas a serem percorridas durante o processo de investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim. Sendo assim, adotamos para esta pesquisa o método indutivo, que pelo nome já deduzimos que se utiliza da indução. De acordo com Kauart (2010, p. 67), a indução é “um processo mental em que, partindo-se de dados particulares, devidamente constatados, pode-se inferir uma verdade geral ou universal”.

Nossa pesquisa também é caracterizada como uma pesquisa-ação. Na década de 1940, o psicólogo americano Kurt Lewin já discutia sobre essa temática, cuja constituição ocorria através de um processo espiral ordenado por etapas como o planejamento, a ação e a análise; nesta última os dados coletados durante a ação seriam analisados. Lewin ainda defendia que os cientistas sociais tinham que inserir os participantes do mundo social em todas as etapas da investigação. Isso poderia resultar nas mudanças de práticas sociais.

Somente a partir da década de 1980, a pesquisa-ação sofreu modificações em seus fundamentos e a perspectiva dialética passou a ser incorporada com o intuito de promover melhorias na prática educativa. A pesquisa-ação não pretendia detectar erros e resolver problemas, mas buscar conhecimentos durante todo o seu processo para transformar a prática educativa. Thiollent (2008), considerado um dos autores mais comentados e citados no campo da pesquisa qualitativa, enfatiza que a pesquisa-ação diferencia-se do positivismo e não

apresenta como finalidade a comprovação observacional. Para o autor (2008, p. 16), a pesquisa-ação é um “tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Como vimos, o pesquisador que adota a pesquisa-ação acaba se comprometendo com a emancipação humana, com ênfase na valorização dos processos sociais.

Segundo Thiollent (2008, p. 28), “do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação etc”. Diante disso, percebemos a flexibilidade da pesquisa-ação, pois esta não segue fases rígidas de modo que o planejamento sofre alternâncias durante toda a investigação. Para Mctaggart (1992), esse tipo de pesquisa não se preocupa em solucionar problemas e descobrir erros, mas em buscar conhecimentos sobre como a nossa prática pedagógica pode mudar e/ou melhorar qualitativamente.

Na pesquisa-ação o professor/pesquisador tem um papel ativo durante todo o percurso da investigação, desde os problemas encontrados até as ações desenvolvidas em função da minimização dos mesmos. Ao adotarmos a pesquisa-ação como o tipo de pesquisa adequado para este trabalho, consideramos também que a situação e o problema investigados e analisados, a busca de soluções e a aprendizagem dos participantes se efetivam como características qualitativas que, por sua vez, estão atreladas a pesquisa científica. Pensando nessa escolha e em sua relevância, segue detalhadamente todo o contexto da pesquisa, fornecendo ao leitor a capacidade de compreender onde, como, quando e com quem a pesquisa foi desenvolvida.

4.3 O contexto da pesquisa

Esta seção apresenta duas subseções descritas com o intuito de explicitar os aspectos relevantes quanto ao contexto no qual a pesquisa foi realizada. A primeira seção versa sobre a instituição escolar, apresentando o contexto histórico da mesma e os aparatos legais para seu funcionamento; na segunda, trataremos sobre os participantes da pesquisa, salientando que para preservar a identidade dos mesmos, tanto o nome da escola como dos participantes, estes

não serão registrados, apenas trataremos os participantes como alunos e atribuiremos um número para cada um que participou das atividades.

4.3.1 A instituição escolar

A escola na qual a pesquisa foi realizada fica no estado da Paraíba e pertence à rede estadual de ensino. A referida instituição faz parte do marco histórico da cidade, por ser a primeira escola do município, iniciando suas atividades educativas antes mesmo da emancipação política da cidade. Desde o ano de 1951, a escola começou suas atividades, mas somente com o Decreto de criação nº 4.701/68, autorizado em 05 de novembro de 1968, a instituição passou a exercer suas funções legalmente. Desde então, passou a oferecer os segmentos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA – Educação de Jovens e Adultos. Seguindo com a cronologia, foi a partir do ano de 2013 que a escola passou a trabalhar apenas com o Ensino Fundamental II – 6º ao 9º Anos. Este ano, 2015, além do segmento citado, também oferece os seguintes programas: Mais Educação, Revisitando os Saberes e Alumbrar; este último funciona como correção de fluxo para alunos que se encontram em distorção idade-série.

Atualmente, o espaço físico da escola se estrutura em 4 salas de aula, 1 galpão, 1 laboratório de informática (que infelizmente não disponibiliza a internet), 1 cozinha e 3 banheiros. Todas essas dependências comportam 112 alunos, distribuídos em 5 turmas do 6º ao 9º Anos e 1 turma do Projeto Alumbrar. Para atender essa demanda, a escola conta com 22 servidores estaduais, que desempenham as seguintes funções: diretora escolar, secretário, coordenador pedagógico, professores, vigilantes, merendeiras e auxiliares de serviços gerais.

Para o funcionamento da instituição, também existem os seguintes documentos: o Regimento Interno Escolar e o Projeto Político Pedagógico. O primeiro, elaborado a partir da LDB – Lei de Diretrizes e Bases apresenta de forma clara, objetiva e legal como deve decorrer o funcionamento da escola. Quanto ao segundo, este aponta as necessidades, interesses e perspectivas da escola em prol do processo ensino-aprendizagem. – O referido documento tem como objetivo “minimizar os problemas educacionais enfrentados, garantindo assim, a consolidação de uma relação consistente e bem sucedida entre o corpo discente e docente, comunidade e funcionários envolvidos” (2014, p. 4).

O Projeto Político Pedagógico da escola apresenta como missão “promover um ensino que oportunize ao educando compreender, intervir, agir e reagir perante as diversas

situações de aprendizagem, enfatizando sempre o espírito patriótico e o cumprimento dos direitos de deveres de cada cidadão” (2014, p. 6). O documento, visto como um plano democrático, considera a necessidade de uma parceria entre administradores escolares, professores, alunos, pais e comunidade, contando para isso com suas representatividades. Essa parceria deve ter como intuito organizar, gerir e trabalhar em prol de uma educação mais eficaz, na qual o aluno construa sua própria cidadania como ser pensante, crítico, autônomo e participativo.

4.3.2 Os participantes da pesquisa

Este trabalho de pesquisa teve como participantes os seguintes agentes: o professor-pesquisador e os alunos da turma do 8º Ano de 2014 e da turma do 9º Ano de 2015 de uma escola pública estadual da Paraíba. Na sequência, descreveremos os participantes destacando sua contribuição durante todo o percurso da pesquisa-ação.

O Professor-pesquisador é licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte desde 1998 e especialista em Linguística Aplicada pela mesma Universidade, em 2008. Nesse período, desenvolveu um trabalho monográfico intitulado “A construção de sentido no ensino de leitura da 5ª série”. Daí o interesse por temáticas envolvendo o ensino de leitura. Atualmente, o professor-pesquisador trabalha com língua portuguesa no ensino fundamental II.

Os alunos participantes da pesquisa e da intervenção pertencem às classes baixa e média do município e são oriundos do campo e da cidade. Independente disso, a maioria tem contato direto com a internet, principalmente através de celulares. Demonstrem gosto pela leitura rápida e abreviada das mensagens via internet; porém, apresentam aversão às atividades de leitura na sala de aula.

Com isso, percebendo a necessidade de promover aulas de leitura que motivassem os alunos a lerem com gosto e vontade. Assim, na tentativa de mudar essa realidade, iniciamos um projeto piloto (anexo 2 – Quadro descritivo das aulas do projeto piloto) no ano de 2014 com os alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental. A turma era composta por 26 alunos e destes apenas 3 não tinham acesso a internet. Em 2015, realizamos a Intervenção Pedagógica com alunos do 9º Ano, a maioria vinda do ano anterior e que já havia participado do projeto piloto. A turma era composta por 28 alunos, numa faixa etária entre 14 e 17 anos, e durante a realização das atividades demonstrou interesse em participar das mesmas.

É interessante ressaltarmos que os alunos do 9º Ano, de 2015, são basicamente os mesmos participantes do projeto piloto desenvolvido no ano anterior. Percebemos, então, que muitos desses alunos eram assíduos nas postagens e outros, mesmo participando vez por outra, contribuíram de forma qualitativa para o desenvolvimento das aulas em sala e ainda curtiam ou comentavam no grupo. Acreditamos que a natureza da geração de dados durante o período de intervenção foi o que definiu os alunos participantes.

4.4 Instrumentos e procedimentos de geração de dados

Durante todo este trabalho, ressaltamos, à luz dos autores estudados, que a internet pode ser uma ferramenta facilitadora e motivadora para o processo ensino-aprendizagem. É relevante ainda pontuarmos que ela nos permite fazer com mais facilidade a coleta de dados devido a maior parte da interação ser realizada através do texto digital e não de áudio. A nosso ver, a internet funciona como uma porta de entrada para investigarmos o mundo virtual. Paiva (2005, p. 7) corrobora nossa ideia enfatizando que “utilizando instrumentos de coleta de dados já conhecidos e agregando a eles as facilidades da rapidez e da assincronia” a investigação torna-se mais célere e, por vezes, mais eficiente. Sendo assim, utilizamos para esta pesquisa vários instrumentos que resultaram na geração de dados e, para melhor situar o leitor, na sequência, apresentaremos e discutiremos cada um deles.

Ao todo, foram empregadas quatro modalidades de instrumentos, conforme exposto: Instrumento 1: Questionário, com perguntas abertas e fechadas; Instrumento 2: Diário do professor-pesquisador, com resumo das atividades realizadas em sala de aula, seguida de comentários; Instrumento 3: Registro das mensagens no grupo criado pelo professor-pesquisador no Facebook; Instrumento 4: Entrevista face a face gravada em áudio.

O instrumento 1, o questionário, foi utilizado para a turma do 8º Ano em 2014 e teve como principal objetivo realizar um diagnóstico a fim de conhecer o perfil dos alunos e sua relação com a leitura, a internet e as redes sociais, prioritariamente o Facebook. O questionário utilizado foi do tipo misto, construído a partir de questões que permitiam respostas fechadas e abertas, através de uma linguagem simples e direta para possibilitar ao participante compreender com clareza o que está sendo perguntado. Todos os alunos do 8º Ano, do Ensino Fundamental, responderam ao questionário, com isso, pudemos traçar um perfil da turma quanto aos seus interesses no que se refere à leitura, visto que as questões

elaboradas pelo professor-pesquisador visavam conhecer melhor as preferências dos alunos no que diz respeito à leitura e às redes sociais.

O diário do professor foi o instrumento 2, utilizado para a coleta de dados dessa pesquisa. O referido aparato se materializava ao final de cada dia de trabalho, sempre nas quartas e quintas-feiras, horário das aulas de língua portuguesa. Durante esses dias, o professor-pesquisador registrava os pontos relevantes das aulas, como também suas angústias e frustrações. Dessa forma, foi construído, ao longo do trabalho de intervenção, um resumo das atividades de sala de aula durante o ensino de leitura.

Um dos focos da nossa pesquisa é a investigação das interações entre professor/aluno; aluno/aluno e aluno/máquina. O instrumento 3, o registro das mensagens no grupo do Facebook foi relevante para a análise dos dados. Como o objetivo principal desta pesquisa é o ensino de leitura tendo o uso do Facebook como suporte para a aprendizagem, os dados que emergiram do grupo “Equipe Aprendendo +” são respostas dos alunos às atividades propostas nas aulas de leitura. Assim, tanto as postagens do professor-pesquisador, quanto os comentários dos alunos participantes foram imprescindíveis para analisarmos as interações ocorridas.

O instrumento 4, a entrevista face a face, foi realizado a partir da disponibilidade dos alunos (06 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental se dispuseram a serem entrevistados pelo professor-pesquisador. Na ocasião, foi lançado o convite aos demais, porém, apenas estes aceitaram por vontade própria). A entrevista realizada foi a face a face ou direta, na qual o entrevistador se posiciona frente aos entrevistados, para isso o professor-pesquisador tinha previamente um plano para a entrevista, com o intuito de garantir que as informações necessárias para a pesquisa não deixassem de ser colhidas. Além disso, a proximidade dos alunos com o professor-pesquisador também assegurou que os participantes detalhassem suas respostas de forma clara e desinibida. A entrevista foi gravada em áudio e depois transcrita para ser apresentada e analisada no capítulo referente à análise dos dados. Para situar melhor o leitor sobre os dados da pesquisa, apresentaremos a seguir um quadro com os instrumentos de geração de dados, especificando cada um deles e suas descrições.

1 - Quadro de instrumentos de geração de dados (autoria própria)

Instrumentos		1 Questionário misto*	2 Diário do professor	3 Registro das mensagens no grupo	4 Entrevista face a face
Descrição dos instrumentos	Geração dos dados	Realizado no ano de 2014 com 26 alunos do 8º Ano.	Realizado ao final de cada dia de trabalho, sempre nas quartas e quintas-feiras.	A partir de novembro de 2014 até o término da pesquisa.	Realizado no final da pesquisa, em maio de 2015.
	Acesso aos dados da pesquisa	Privado	Privado	Público	Privado, gravação em áudio.
	Objetivos	Levantar um diagnóstico da turma e sua relação com a internet e as redes sociais.	Disponibilizar ao pesquisador informações importantes para a pesquisa.	Ter acesso as atividades realizadas no grupo do facebook.	Analisar os resultados da proposta interventiva.
	Participantes	26 alunos do 8º Ano.	Professor-pesquisador.	Professor-pesquisador e alunos: 2014 – 26 alunos e 2015 – 32 alunos.	06 alunos que se dispuseram por iniciativa própria.

*Privado: Apenas o professor-pesquisador tem acesso aos dados.

Público: Os participantes, professor-pesquisador e alunos que são membros do grupo no facebook.

4.5 A proposta de intervenção

A proposta interventiva intitulada “A leitura de gêneros textuais com o apoio do Facebook” partiu do seguinte questionamento: Como pode acontecer o ensino de leitura na sala de aula de língua portuguesa, utilizando o Facebook como suporte para a prática pedagógica? Pensando nisso, organizamos uma proposta de ensino para as aulas de leitura, destinada aos alunos no 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no estado da Paraíba.

A priori, entendemos que a leitura é um processo de produção que ocorre numa relação dialógica entre o autor do texto e o leitor. Nessa perspectiva, a leitura deve ser experienciada, pois envolve práticas e condições individualizadas, tais como: idade do leitor, grau de instrução, gosto, cultura dentre outros. Complementando nossa fala e autorizando nosso pensamento, Foucambert (1998) defende que a realização de uma leitura está atrelada a

criação de significados relacionados as informações que o leitor tem, àquilo que ele já sabe, com isso a atribuição de sentido está vinculado aos conhecimentos prévios de cada um. Nesse mesmo viés, Solé (1998, p. 118) reforça a discussão afirmando que:

Quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes.

A leitura verbal ou não verbal exige que o leitor assuma a postura de sujeito atuante e seja motivado a praticá-la, atribuindo significados e ampliando seus conhecimentos. Cabe ao professor apresentar ao aluno a diversidade de gêneros, possibilitando uma dimensão estendida sobre o uso da língua e percebendo a multiplicidade de sua função nas mais diversas situações cotidianas.

Todo trabalho é orientado por objetivos que determinam a escolha de procedimentos para sua realização. Os objetivos que norteiam essa proposta são: a - Ler, de forma autônoma e prazerosa, textos de diversos gêneros contendo uma mesma temática; b - Desenvolver a capacidade de construir sentidos diante dos textos lidos, extraindo informações não explicitadas; c - Compreender e diferenciar os gêneros textuais; d - Utilizar e valorizar a leitura nos diversos suportes tecnológicos; e - Conhecer e utilizar a ferramenta Facebook, através de um grupo criado nesse aplicativo; f - Utilizar a tecnologia digital como ferramenta de fomentação ao ensino da leitura.

Partindo do pressuposto de que a escola é o espaço privilegiado para o letramento, a leitura se torna o ponto relevante para todo o processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, pensamos em um material que corroborasse com o trabalho com gêneros textuais tendo como suporte o uso de um grupo no Facebook. Para reforçar nossa discussão, Bortoni-Ricardo (2012, p. 104) diz que “o trabalho com a leitura em sala de aula pressupõe estratégias consoantes com a perspectiva teórica adotada pelo professor, que deve ter consciência de suas escolhas pedagógicas para construir o conhecimento e incentivar a participação do educando”. Sendo assim, a leitura pode ampliar o nível de informação, de conhecimento do aluno e primordialmente a compreensão leitora.

A proposta de intervenção se fundamenta em oferecer aos alunos a leitura de diversos gêneros textuais para que os mesmos possam ler, manusear, analisar, discutir e argumentar. De acordo com Porto (2009, p. 38), “o ensino dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia sobremaneira a competência linguística e discursiva dos

alunos, mas também aponta-lhes as inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter fazendo uso da linguagem”. Percebemos que a diversidade textual agregada com as tecnologias digitais pode garantir a ampliação da leitura e, por conseguinte, o crescimento social e intelectual dos alunos. Levando em consideração essas colocações, nossa proposta se organiza obedecendo aos seguintes procedimentos:

- 1º - Apresentação da proposta de trabalho – conversa informal com os alunos;
- 2º - Estudo detalhado sobre a origem do Facebook e seus aplicativos;
- 3º - Criação/retomada do grupo de estudos instituído no Facebook da professora/pesquisadora;
- 4º - Realização em sala de aula da dinâmica “Tempestade de ideias” com o tema Internet;
- 5º - Exibição de um vídeo da TV escola vol. 5 sobre o trabalho em grupo através da internet;
- 6º - Levantamento prévio sobre os gêneros textuais charge, música e poema, que serão trabalhados dentro do tema;
- 7º - Postagem no grupo de cada gênero contendo perguntas e/ou questionamentos para serem compartilhados, curtidos e comentados;
- 8º - Produção final: Os alunos escolherão um dos gêneros estudados e produzirão um texto, o qual será postado no grupo.

Através dessa proposta, entendemos que a aprendizagem é um processo, no qual o professor deverá sempre oferecer diversas situações de uso da linguagem para que os alunos possam criticar e intervir de forma autônoma. Temos, desse modo, um grande desafio pela frente, uma vez que, durante o processo ensino-aprendizagem, o professor precisa trabalhar simultaneamente com oralidade, leitura, produção e análise linguística. Antunes (2003, p. 166) corrobora com essa idéia enfatizando que:

O fundamental é que o professor garanta ao aluno a oportunidade de enfrentar o desafio da leitura, da escrita, da escuta, da fala, com todos os gostos e riscos que isso pode trazer. Só assim ele há de chegar à experiência comunicativa inteiramente assumida, com a autoconfiança de que somos capazes de exercer, também pelo linguístico, a cidadania que nos cabe por pleno direito.

Vale reiterar a relevância de o professor diversificar sua prática, promovendo desafios que instiguem nos alunos o desejo e a motivação para a aprendizagem. Por isso, essa proposta, além de trabalhar com a importância da diversidade dos gêneros textuais, enfoca primordialmente o ensino de leitura através do uso do Facebook, procurando caminhos e metodologias para uma leitura motivadora e prazerosa.

4.6 Procedimentos de análises dos dados

Para a geração dos dados, vimos que vários instrumentos foram utilizados, entre eles: o questionário, o diário do professor-pesquisador, o registro das mensagens no grupo do Facebook e a entrevista face a face. Além dos expedientes já mencionados, utilizamos ainda recursos da internet (grupo criado no Facebook) para a geração de dados. Com isso, percebemos que foi possível ter acesso a detalhes sobre as mensagens e comentários dos alunos participantes. Dentre esses dados, destacamos como exemplo, o horário em que as mensagens foram postadas, a quantidade de alunos que curtiram e comentaram as publicações, bem como a facilidade de monitoramento do professor-pesquisador da participação dos alunos.

Os primeiros dados a serem analisados foram os questionários, respondidos pelos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental em 2014. Esse instrumento pretendia levantar um perfil da turma e conhecer a relação dos alunos com a internet e as redes sociais, dando ênfase a questões como acesso, frequência de uso e o gosto pela leitura nas redes sociais. Em seguida, com os 26 questionários respondidos (número de alunos da turma), realizamos uma análise dos dados através das respostas dos alunos e da construção de gráfico e tabela.

O segundo grupo de dados a serem analisados foram os registros dos comentários gerados no grupo do Facebook. Esses dados foram produzidos do primeiro ao último mês da pesquisa, ou melhor, de novembro de 2014 a maio de 2015. Entre os elementos analisados também foram produtivos e necessários os dados referentes ao diário do professor-pesquisador, que ao final de cada dia de aula registrava os aspectos relevantes, motivadores e desmotivadores ocorridos em sala durante as aulas de leitura. Tais anotações serviram para explicitar momentos vivenciados em sala de aula que se não fossem registrados se perderiam com o tempo.

A entrevista em áudio também foi um dado analisado que serviu para lançarmos novas reflexões sobre o ensino de leitura. A geração dessas informações foi possível através de um entrevista com 6 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental que se disponibilizaram em participar espontaneamente. A entrevista aconteceu em uma sala de aula da escola apenas com os alunos e o professor-pesquisador, os registros foram gravados em um aparelho de celular e posteriormente transcritos para as análises.

Através da releitura de todos os dados foi possível organizá-los em categorias que surgiram a partir dos próprios documentos, de acordo com sua importância para a pesquisa. A

primeira categoria analisada trata das “concepções dos alunos sobre leitura e o uso do Facebook”, na qual descrevemos e analisamos os questionários dos alunos. A segunda categoria versa acerca da criação e da funcionalidade do grupo no Facebook. Na discussão foi apresentada com detalhes a utilidade do grupo nas aulas de leitura. A terceira categoria discute sobre “a interação e a autonomia dos alunos no ensino-aprendizagem de leitura”. Nesse debate foram explicitados os conceitos de interação e autonomia e sua relação com o ensino de leitura. A quarta categoria aborda a respeito dos desafios durante o processo interventivo, tanto pelos alunos quanto pelo professor-perquisador e a quinta categoria “percepções dos alunos sobre o ensino de leitura através do Facebook”, analisa a entrevista realizada com os alunos.

V O ENSINO DE LEITURA ATRAVÉS DA REDE SOCIAL FACEBOOK

Porque é sobre o que não se sabe que se abre no trabalho docente o desafio da prática da procura e da pesquisa; a busca solidária, mas em alguns momentos solitária também, de conhecimentos e de descobertas que estendem mais e mais o imaginário e o cotidiano da educação até limites inacabáveis do saber e do ofício da pergunta (BRANDÃO, 2003, p. 99).

A primeira categoria discorre sobre as concepções dos alunos sobre leitura e o uso do Facebook. Trata-se de uma análise do questionário realizado com os alunos participantes da pesquisa. A segunda, intitulada “A criação de um grupo no Facebook”, discorre sobre os procedimentos para a criação do grupo e sobre as aulas de leitura que foram realizadas com o apoio dessa ferramenta. A terceira categoria retoma os conceitos de interação e autonomia nos dados analisados. Já a quarta categoria apresenta “o processo de intervenção e alguns desafios”, e, por fim, a última categoria descreve as percepções dos alunos sobre o percurso de todo o trabalho, tendo como dado a entrevista realizada com os alunos participantes.

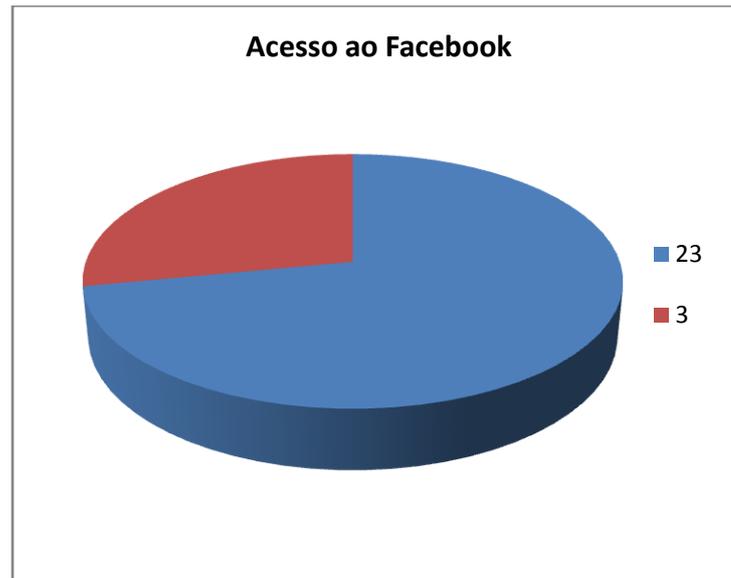
5.1 Concepções dos alunos sobre leitura e o uso do Facebook

Para adentrarmos no contexto da pesquisa e também construirmos um perfil da turma, conhecendo seus gostos e interesses pelas redes sociais, realizamos a aplicação de um questionário, composto por perguntas abertas e fechadas. Partindo desse enfoque, apresentamos as análises, tendo como base os questionários respondidos pelos alunos participantes dessa investigação. É importante ressaltar que a turma do 8º ano do ensino fundamental era composta por 26 alunos e todos responderam ao questionário, no entanto, selecionamos dez destes para fazermos essa análise. O motivo dessa seleção foi o fato de que as respostas eram próximas uma das outras e se tornariam repetitivas, entretanto, apenas para a primeira reflexão, utilizaremos todos os questionários, visto que apresentam um dado de importância global, ou seja, informam quanto ao uso do facebook.

Um elemento significativo para a pesquisa foi a pergunta sobre quantos dos alunos já faziam parte da rede social Facebook; dentre os 26 (vinte e seis) questionários respondidos

apenas 3 (três) não usavam a rede, 2 (dois) por não terem interesse e 1 (um) por não ter acesso. Podemos ver, no gráfico abaixo, a supremacia do uso do Facebook por parte dos alunos desta pesquisa. Isso reflete um potencial tecnológico a ser explorado em sala de aula.

Gráfico 1 Acesso ao Facebook



Como constatamos, o ensino de leitura em língua portuguesa tem a sua disposição uma grande aliada, “a internet”, e especialmente o Facebook, pois além de disponibilizar muitas informações, possibilita um resgate motivacional dos alunos, visto que se torna perceptível o interesse deles pelas redes sociais, especificamente nessa discussão pelo uso constante do Facebook. Corroboramos com Grinspsun (1999), quando discute que educação e tecnologias digitais são indissociáveis. Poderíamos, assim, dizer que essa última é parte integrante do processo educativo e não pode ser tratada de forma isolada.

O questionário que os alunos responderam concretiza o que mencionamos anteriormente, pois diante do quesito sobre quem gostava das aulas de leitura, obtivemos o seguinte resultado: dentre os 10 (dez) alunos participantes, 08 (oito) responderam que sim e apenas 02 (dois) assinalaram às vezes, e, em seguida, fizeram os seguintes comentários:

Al 1 – Gosto das aulas de leitura porque me traz ensinamentos, inspiração e amplia meus conhecimentos.

Al 2 – Eu gosto muito de ler.

Al 3 – Gosto de ler e quando as aulas são boas me esforço mais.

*Al 4 – A leitura serve para **aperfeiçoar nosso aprendizado**.*

Al 5 – Às vezes quando a coragem aparece.

*Al 6 – A leitura está em todas as aulas, principalmente em português, eu acho que a leitura **é importante para tudo na nossa vida**.*

*Al 7 – Porque nos ajuda a **melhorar na escola e na vida**.*

*Al 8 – Eu gosto de ler livros e acabo **envolvendo pessoas nas minhas leituras**.*

*Al 9 – Eu gosto de ler porque **é divertido**, história de terror e de ação.*

Al 10 – Sim, gosto muito de ler.

Na fala dos alunos, vimos que eles gostam de ler, porém percebemos que os mesmos apresentaram interesses e objetivos diversificados para a leitura. Os alunos 1, 4, 6 e 7 (comentários em destaque)⁹ enfatizam que a leitura traz ensinamentos, aperfeiçoamentos, inspiração, conhecimentos e perspectivas de melhoria tanto na escola quanto na vida. Temos, então, uma visão holística, na qual os alunos não se identificam apenas com um único enfoque, mas com o geral, percebendo a leitura como um todo, capaz de, como enfatiza sabiamente Freire (1980, p. 39), “permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história”.

Os alunos 8 e 9 abordaram sobre o poder que a leitura tem de nos envolver e envolver outras pessoas. E ainda o quanto é divertido quando o gênero agrada os sujeitos. Dessa maneira, percebemos que há uma grande necessidade do professor diversificar os gêneros textuais e possibilitar também outros suportes de leitura, pois vimos que os alunos estão aptos a ler e demonstraram isso através das suas respostas.

A leitura faz parte do cotidiano dos alunos, independente do lugar que estejam ou do suporte que utilizam. Com isso, percebemos que a rede social – Facebook é um suporte muito utilizado pelos alunos participantes da pesquisa. Nos comentários, verificamos quais são os verdadeiros interesses dos mesmos na utilização dessa ferramenta, quando perguntamos o que os alunos costumam ler no Facebook e, assim, obtivemos as seguintes respostas:

Al 1 – Porque tem muita coisa para ler.

Al 2 – Leio bastante no facebook.

*Al 3 – Gosto de **ler as postagens e os comentários**, acho bem interessante.*

*Al 4 – Costumo **ler o status das pessoas e adoro o bate-papo**.*

*Al 5 – Sempre **quero saber o que as pessoas dizem**.*

*Al 6 – Leio mais no **bate-papo**.*

Al 7 – Tudo no face precisa ser lido para ser compreendido.

*Al 8 – Leio sim, porque **quero saber o que estão dizendo, sou muito curiosa**.*

*Al 9 – **Leio mensagens e conversas**.*

Al 10 – Leio sempre.

⁹ Os comentários em negrito foram feitos pelo professor-pesquisador.

A nosso ver, a leitura no Facebook é utilizada com duas intenções, a primeira delas trata da comunicação entre amigos no bate-papo, como vimos nas respostas em destaque dos alunos 3, 4, 5, 6, 8 e 9. A segunda intenção é que a leitura no Facebook se configura como um suporte que permite manter os jovens informados dos acontecimentos reais ocorridos tanto entre eles, como pelo mundo, porém com um grande diferencial, sem sair do lugar.

Concordamos com a fala de Couto Júnior (2013, p. 75) quando revela que o uso do Facebook “não significa negar ou desvalorizar as relações face a face, mas considerar outras possibilidades de interação e diálogo com os sujeitos [...]”. Com isso, fazer uso dessa ferramenta significa ter ao seu alcance outra possibilidade de comunicação que envolve um processo colaborativo através de conversas e compartilhamentos. Outro ponto abordado no questionário foi a frequência de acesso ao Facebook e o motivo pelo qual os participantes acessam. Para explicitar esses dados apresentamos uma tabela, na qual aparecem os motivos de todos os participantes em usarem a ferramenta Facebook.

Tabela 1: Frequência de acesso ao Facebook e motivos

FREQUÊNCIA DE ACESSO	NÚMERO DE ALUNOS	COMENTÁRIOS
Diariamente	06	<i>Al 1 – Porque eu gosto de falar com meus amigos e rever velhos amigos.</i> <i>Al 4 – Entro diariamente para me distrair e ficar informada.</i> <i>Al 5 – Diariamente para olhar as notícias.</i> <i>Al 6 – Todos os dias eu entro no facebook.</i> <i>Al 8 – Eu gosto de entrar todos os dias para falar com várias pessoas.</i> <i>Al 9 – Eu entro todos os dias no face para ver fotos e ler mensagens.</i>
Dias alternados	03	<i>Al 3 – Quando a internet da minha casa tá boa eu entro.</i> <i>Al 7 – Todo dia e a qualquer hora, basta ter internet.</i> <i>Al 10 – Quando tenho tempo.</i>
Uma vez por semana	01	<i>Al 2 – Eu entro apenas às vezes.</i>

Através desses depoimentos, vimos que os alunos estão conectados ao Facebook constantemente. Isso certamente é um ponto positivo para a realização da nossa proposta interventiva, já que utilizaremos o Facebook como suporte para a leitura em sala de aula. Como diz Kensky (2012, p. 47), “já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado

à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação”. Assim como as aulas acontecem a semana inteira, percebemos que os alunos também usam o Facebook quase na mesma intensidade ou ainda numa intensidade maior (comentários em destaque), isso favorece nosso interesse como professores de língua portuguesa em tornar essa ferramenta um elemento de fomentação ao ensino.

Dessa maneira, vimos explicitamente que os alunos leem, comentam e postam, realizando novas maneiras de ler em um suporte diferenciado do impresso. Vimos também que as mensagens e as conversas são elementos que motivam os alunos a acessarem a rede e trocarem informações através de comentários ou de apenas curtir ou compartilhar as postagens. Quando indagamos sobre se os alunos gostam de ler, obtivemos respostas que nos fizeram refletir sobre nossa prática de ensino. É notório, nos ambientes escolares, discutirmos o motivo pelo qual os alunos dizem que não gostam de ler, e como veremos as respostas nos direcionam para promovermos uma discussão de tais motivos, que algumas vezes está relacionado implicitamente com a prática pedagógica.

*Al 1 – Sim, na minha opinião, a leitura me traz muito aprendizado, pois **cada um tem um gosto.***

*Al 2 – Às vezes gosto, **depende do tipo de leitura.***

*Al 3 – **Gosto**, pois eu acho que a leitura faz bem para nosso dia a dia.*

*Al 4 – **Gosto**, pois na minha opinião a leitura é uma forma de viajarmos e **conhecermos melhor as coisas, fazermos descobertas.***

*Al 5 – Sim, porque lendo a gente **aprende a falar melhor e a escrever corretamente**, a leitura é informação.*

*Al 6 – Eu adoro ler, **principalmente na sala de aula quando a professora pede.***

Al 7 – Sim, pois sei que a leitura é importante no meu dia a dia.

*Al 8 – Sim, é muito bom a gente **conhecer outro mundo com a leitura.***

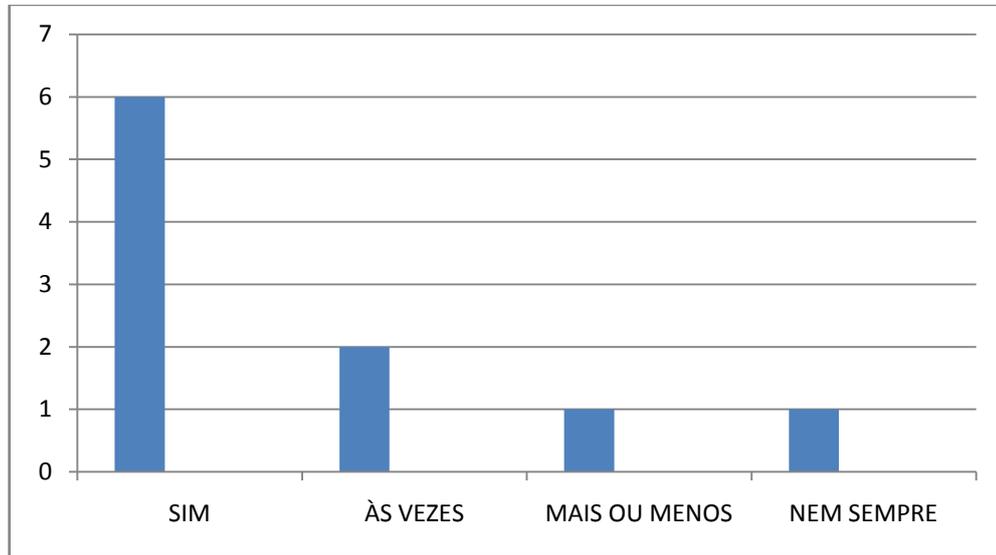
Al 9 – Sim, eu gosto de ler.

*Al 10 – Gosto muito de ler e **acabo me distraindo com a leitura.***

Após lermos as respostas dos alunos participantes, percebemos que todos gostam de ler por razões diferenciadas (negrito), mas também depende do tipo de leitura que estamos trabalhando na escola. A importância de sabermos selecionar textos coerentes com a faixa etária dos alunos e com seu gosto facilita a motivação e o interesse pela leitura. Compartilhamos com a idéia de Moran (2013, p. 29) quando afirma; “aprendemos pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa”. Nossos alunos já sabem da relevância da leitura nas suas vidas, basta, sabermos direcionar isso a favor do ensino. Outro ponto abordado no questionário foi sobre a motivação dos alunos para a leitura.

Para demonstrar as respostas, organizamos um gráfico interpretativo em que podemos ver isso:

Gráfico 2: Respostas dos alunos quanto a motivação para a leitura



Temos na linha vertical, a quantidade de alunos que responderam a pergunta e na linha horizontal as respostas de como os alunos se sentem com relação à motivação para a leitura. Diante de tantas possibilidades de leitura, a escola atravessa um grande desafio, tornar-se um espaço mais interessante para a aprendizagem. E isso, a nosso ver, implica em conseguir integrar o ensino e as tecnologias digitais. Corroboramos com Silva (2006), quando enfatiza que as tecnologias digitais se apresentam como novas possibilidades de interagir com os conhecimentos e principalmente com a leitura, daí também ser também um elemento de motivação para os alunos.

Portanto, temos a responsabilidade de conhecer tais recursos tecnológicos, como o facebook, e permitir que o ensino se aproxime dessa realidade, através da nossa prática pedagógica. Como afirma Moran (2013, p. 31), “com as tecnologias atuais, a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas”. O propósito desse questionário, em relação ao ensino de leitura e o Facebook, nos remetem às inúmeras possibilidades que podemos utilizar na prática pedagógica visando o enriquecimento social e intelectual do leitor inserido numa sociedade de mudanças constantes.

5.2 A criação de um grupo no Facebook

Esta categoria tem o propósito de apresentar possíveis respostas e também promover reflexões sobre a questão da pesquisa, retomada na sequência: - Como pode acontecer o ensino de leitura na sala de aula de língua portuguesa, utilizando o Facebook como suporte para a prática de ensino? Para responder ao nosso propósito, criamos um grupo no Facebook e, através dele, percebemos que existem outras possibilidades de ensino e ainda que o uso das tecnologias digitais é, seguramente, uma das muitas ferramentas de fomentação e motivação da leitura. Para discutirmos e analisarmos como ocorreram as atividades de leitura no grupo, discutiremos em seguida sobre a funcionalidade desse trabalho.

5.2.1 A funcionalidade do grupo nas aulas de leitura

Com a internet e as tecnologias digitais, podemos desenvolver formas diversificadas de comunicação, seja através da escrita, da fala, da leitura e dos elementos audiovisuais. Para fundamentar nossa discussão, acreditamos ser pertinente nos reportarmos ao pensamento do teórico Vosgerau (2007, p. 273), destacando seu posicionamento quando afirma que “a tecnologia educacional é um campo de estudo cuja preocupação principal é a melhoria do ambiente educacional, com vistas a facilitar o processo de ensino-aprendizagem, da mesma forma que se propõe a criar métodos e técnicas para facilitar o desenvolvimento e a produção de ambientes de aprendizagem [...]”. Toda essa facilidade tende a promover a melhoria do ensino e, por conseguinte, da aprendizagem. Temos a nossa disposição, ferramentas que podem fomentar a leitura e garantir a aproximação dos alunos aos gêneros textuais em contextos diferenciados, como as redes sociais.

Percebemos que as tecnologias digitais nos disponibilizam a utilização de uma metodologia de ensino diferenciada, por isso, criarmos um grupo no Facebook foi muito fácil, pois essa ferramenta nos fornece gratuitamente todos os recursos necessários para isso. Também, já havíamos percebido que os alunos costumavam participar de outros grupos como o de amigos, familiares, religiosidade e temas do seu interesse. Desde o mês de novembro de 2014, criamos o grupo intitulado inicialmente de “Escola virtual – 8º ano”; nesse ambiente tivemos a oportunidade de vivenciar uma nova experiência de ensino e aprendizagem de leitura com os alunos. Como já foi mencionado, no capítulo metodológico deste trabalho, este grupo fez parte do projeto piloto que realizamos com o objetivo de verificarmos a aceitação

do que estávamos dispostos a propor no ano seguinte. A turma do 8º ano era composta por 26 alunos, e destes apenas 3 não usavam a rede social – Facebook, mesmo assim, nas discussões em sala de aula, estes também opinavam sobre as postagens, as quais a professora apresentava no data-show, relembrando que previamente todos os alunos haviam concordado em expor suas publicações.

As atividades propostas no grupo foram uma extensão das realizadas em sala de aula. Observamos que no ambiente escolar os alunos comentavam bastante sobre o filme “A culpa é das estrelas”, então, resolvemos utilizá-lo em sala e propor as atividades como extensão no grupo. A nosso ver, os resultados foram significativos, os alunos demonstraram interesse em participar do grupo fora da sala de aula e ao mesmo tempo ler, comentar e curtir as postagens dos outros colegas. Coscarelli (2007) reforça o que acreditamos, quando revela que é fundamental que se reconheça a importância das descobertas tecnológicas, e ainda, que se resgate o sentido criador do ser humano, capaz de fazer das tecnologias uma aliada na prática de ensino.

Constatada essa prática, optamos por fazermos a transcrição dos comentários com o intuito de promover uma melhor compreensão do leitor. Essa atividade, que será transcrita abaixo, foi a primeira realizada no grupo e teve como elemento motivador o fato de termos percebido que, nesse período, o tema mais comentado pelos alunos era o filme “a culpa é das estrelas”; uma das estratégias que nos conduziu a esse diagnóstico foram os registros feitos no diário do professor-pesquisador. Assim, essa verificação serviu como direcionamento para o início do trabalho com leitura usando o grupo do Facebook. A anotação no diário do professor-pesquisador ressalta essa motivação dos alunos que gerou a proposta da temática das atividades em sala de aula.

DP: 06/10/2014 – Hoje alguns dos meus alunos estavam bastante empolgados contando a história do filme “A culpa é das estrelas” e isso parece que contagiou o restante da turma que não conhecia o filme, eles me pediram para assisti-lo em sala, então respondi que iria pensar a respeito.

Na nota de campo acima, constatamos que a empolgação dos alunos foi um elemento motivador que disseminou interesse aos demais alunos, e ainda promoveu uma reflexão sobre a metodologia a ser utilizada. Dessa maneira, organizamos o planejamento das aulas (que faziam parte do projeto piloto) para a exibição do filme. Antes disso, conversamos com os alunos sobre a funcionalidade e a importância da participação no grupo, e em seguida,

fizemos a primeira postagem no mesmo, em 11 de novembro de 2014, explicitando a sinopse do filme e esperando o retorno dos alunos.

Ilustração 01: Grupo “Escola virtual – 8º ano”, em novembro de 2014



Prof: Olha aí pessoal a sinopse do filme tão comentado por vocês, vamos assistir juntos a partir de hoje?

Al A: Aí é muito legal!

Al B: Legal!

Quanto aos comentários dos alunos, constatamos que ainda foram poucos e contendo apenas uma palavra como principal - ‘legal’. Por outro lado, mesmo sendo a primeira atividade, percebemos que os alunos já começavam a participar, pois contabilizamos 19 visualizações e 9 curtidas nessa postagem. Para Coscarelli (2007, p. 88), “a realidade dinâmica e virtual se apresenta de diferentes formas, nos mais diferentes estilos de texto”. Corroboramos com a autora, quando percebemos que gradativamente os alunos foram contagiados pela dinamicidade que a realidade virtual dispõe através das atividades no grupo.

Veremos, na sequência, que os comentários foram emergindo de acordo com a realização de outras atividades envolvendo leitura. Vale ressaltar que, para a exibição do filme não ser interrompida, convidamos o professor da disciplina de ciências para realizar conjuntamente atividades relacionadas com o tema “Câncer na juventude”. Após assistirmos

ao filme, na sala de aula, continuamos com as atividades no grupo, na qual os alunos iriam descrever o que mais gostaram no filme.

Ilustração 02 do grupo “Escola virtual – 8º ano” em novembro de 2014



Aluno A: Eu adorei o filme, é muito legal, e a parte que mais gostei foi quando se beijaram e na parte que os dois disseram ok, ok.

Aluno B: Realmente, a história aborda um tema bastante complicado, o câncer na juventude. Nos fez refletir e dá mais valor as nossas vidas.

Aluno C: Gostei demais! O filme, ele nos ensina a confiar no amor e que para amar não precisa ser perfeito, a parte melhor e que eu mais gostei foram todas. Portanto, o filme ele nos relata dois lindos jovens que eram apaixonados... O filme é como se fosse uma lição de vida para todos nós, e como diziam os dois: ok. Tem gente que é perfeito e reclama.

Aluno D: O filme é muito bom.

Aluno E: Eu amei.

Vimos, através dos comentários dos alunos (em negrito) o quanto gostaram do filme e o que despertou nos alunos. A reflexão da própria vida dos alunos, discutindo e valorizando cada momento está explícito nas respostas dos alunos B e C. Por ser um tema real e discutido na atualidade, constatamos que houve interesse e motivação para a participação destes no grupo. Percebemos isso através do comentário do aluno A, enfatizando a parte que mais gostou. Dessa maneira, podemos destacar que os participantes estavam atentos ao filme e, por isso, se motivaram a descrever suas sensações e emoções. Portanto, o ensino de leitura pode acontecer através da utilização de uma rede social, já que os alunos interagem e participam ativamente desse processo. Vale mencionar que na escola onde foi desenvolvido o trabalho

não havia internet para os alunos, então, solicitamos de uma outra escola que pudéssemos conduzir os alunos ao laboratório de informática para iniciarmos o trabalho que seria posteriormente constituído em casa, pois, a maioria dos acessos foram realizados nas casas dos alunos ou através de celulares.

Constatamos que seria relevante a realização da intervenção em sala de aula. O projeto piloto nos forneceu subsídios necessários para acreditarmos na viabilidade da utilização da ferramenta Facebook para o ensino de leitura. Nossa perspectiva seria motivarmos os alunos para a leitura de alguns gêneros textuais, diferentes das que estavam acostumados no Facebook. No início do ano letivo de 2015, os alunos que participaram no ano anterior das atividades no grupo indagaram sobre a continuidade do mesmo. Então, principiamos a Intervenção Pedagógica com os alunos do 9º ano, e eles, inicialmente sugeriram que alterássemos o nome do grupo para “Equipe Aprendendo +”. Iniciamos as atividades em sala de aula e, em seguida, as atividades extraclasse.

Após conversas informais sobre a origem do Facebook em sala de aula, leituras diversificadas a esse respeito e exibição de vídeos sobre as redes sociais e sua relação com a escola, propusemos à turma sugestões para trabalharmos com gêneros textuais distintos, tais como: charges, música e poemas. Sentimos a aceitação dos alunos logo no início do trabalho, então exploramos as especificidades dos gêneros e ao mesmo tempo disponibilizamos aos alunos outras atividades no grupo do Facebook.

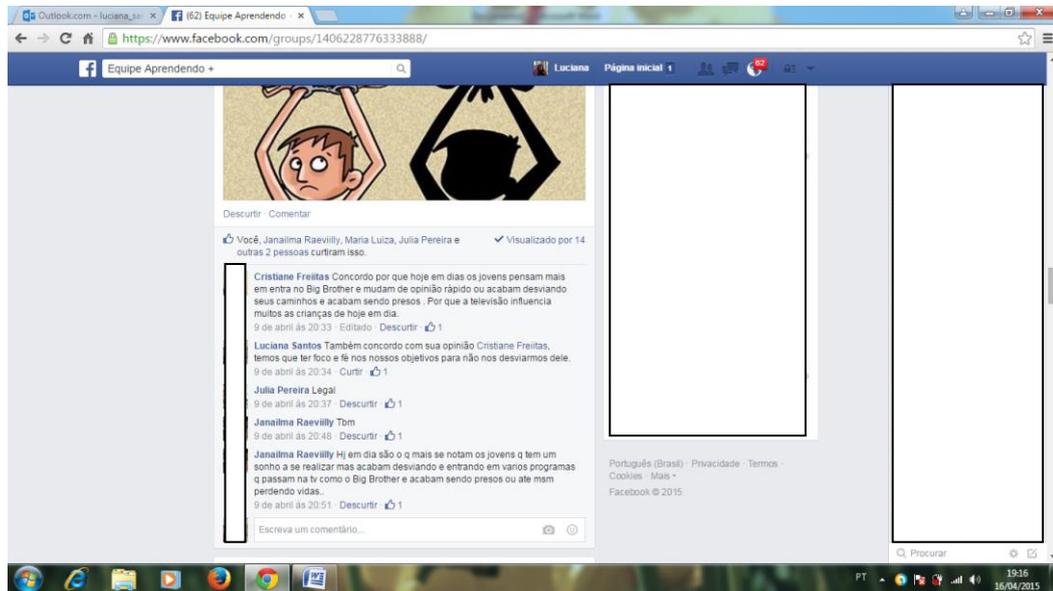
A inserção dos gêneros é de grande importância para nossa investigação, uma vez que nos permitem adentrar em um novo conhecimento que ao mesmo tempo em que é aprendido pode também ser construído. Miller (2009, p. 44) reforça nossa colocação dizendo que não aprendemos um gênero apenas como “um padrão de formas ou mesmo um método para atingir nossos próprios fins”. Os gêneros nos permitem aprendermos ainda, quais fins nós podemos alcançar, seja através de elogios, desculpas, interação, expressão dos desejos, contação de histórias, construção e socialização de conhecimentos.

Com base nessas afirmações, fica evidente que a aprendizagem de um gênero textual nos permite compreendermos melhor as situações na qual nos encontramos. Assim, a escolha dos gêneros textuais apresentados foi pensada de acordo com as necessidades dos alunos, bem como seus interesses por assuntos coerentes com sua idade e também ao momento histórico-social que estamos vivenciando.

O trabalho com o gênero charge, na sala de aula, além de ser bastante instigante para os alunos também serviu de motivação para as futuras postagens dos alunos no grupo. A

exploração do grupo no Facebook para trabalharmos as charges foi bastante dinâmica, interativa e construtiva, como podemos ver abaixo:

Ilustração 03 do grupo “Equipe Aprendendo +” – Abril de 2015



Professora: Dê sua opinião sobre a charge, escreva se concorda ou discorda.

Aluno A: Concordo porque hoje em dia os jovens pensam mais em entrar no Big Brother e mudam de opinião rápido ou acabam desviando seus caminhos e acabam sendo presos, porque a televisão influencia muito as crianças de hoje em dia.

Professora: Também concordo com sua opinião Aluno A, temos que ter foco e fé nos nossos objetivos para não nos desviarmos deles.

Aluno B: Legal.

Aluno C: Também.

Aluno D: Hoje em dia é o que mais se nota, os jovens que tem um sonho a se realizar acabam desviando e entrando em vários programas que passam na TV como o Big Brother e acabam sendo presos ou até mesmo perdendo vidas.

Percebemos através dos comentários dos alunos que as leituras feitas da charge demonstraram a sua opinião sobre assuntos que estão na mídia (Alunos A e D), como é o caso do programa Big Brother Brasil. Com isso, os alunos passaram a demonstrar sua opinião, argumentando de uma forma diferente, o que reforça nossa perspectiva sobre o ensino de leitura tendo como suporte o uso do Facebook.

Na nossa visão, os alunos demonstraram seus interesses, argumentos e opiniões, através de uma conversa realizada de forma interativa (Alunos A, B, C e D). Isso nos revela que as tecnologias digitais permitem que professores e alunos sejam produtores de conhecimentos e divulgadores de opiniões e projetos, de forma estimulante e instigante

(MORAN, 2013). Essa atividade com o gênero charge, além de muito discutida em sala de aula, também repercutiu satisfatoriamente no grupo do Facebook. Os alunos demonstraram que podemos dialogar, argumentar e discutir temas distintos usando essa ferramenta. Com isso, podemos frisar que as inovações tecnológicas ofertadas pela internet podem facilitar a comunicação e a troca de conhecimentos entre as pessoas, o que favorece o ensino e a aprendizagem.

5.3 A interação e a autonomia dos alunos no ensino-aprendizagem de leitura

Essa categoria expõe a relação entre os conceitos de interação e de autonomia com as atividades de leitura realizadas com os alunos, tanto em sala de aula quanto no grupo criado no Facebook. Para cada conceito, apresentaremos uma subcategoria favorecendo ao leitor uma melhor compreensão da nossa discussão. Na primeira subcategoria, descrevemos acerca da interação ocorrida no grupo do Facebook, e, na segunda analisamos as atividades de leitura e de autonomia para a aprendizagem.

5.3.1 A interação através do grupo no Facebook

As tecnologias educacionais oportunizaram aos usuários/alunos participarem de um processo de trocas mútuas, no qual uns interagem com os outros e ainda com os materiais disponibilizados na internet. Na nossa compreensão, ocorre assim, a interação mediatizada. Por isso, concordamos com Belloni (1999) que apresenta as inúmeras vantagens da interação via redes sociais, web, internet. Isso sem prender-se há um tempo e um espaço, visto que as tecnologias nos dão a independência para estabelecermos esse intercâmbio em qualquer ambiente.

Durante as aulas de leitura foram trabalhados os seguintes poemas: “Retrato” e “Motivo”, ambos de Cecília Meireles, “Arte Matuta”, de Patativa do Assaré, e “Imagem”, de Arnald Antunes. Os alunos demonstraram muito interesse para a leitura na sala de aula. Percebemos isso através dos comentários no diário do pesquisador:

DP: (17/04/15) - Nessa aula organizei e combinei com minha turma para que fosse filmada. Os alunos concordaram e participaram ativamente da aula, vieram ler na frente da turma e ainda fizeram leitura oral dos textos poéticos que disponibilizei na

sala. Tive a impressão que a **filmagem favoreceu a participação**, pois de certa forma todos queriam se sair bem na gravação, porém foi **muito produtiva** essa aula, muitas vezes temos que procurar outros recursos para motivar nossos alunos.

Como vemos na nota de campo, os alunos estavam mais concentrados e participativos, isso devido à realização de uma filmagem da aula. Essa estratégia serviu para prender a atenção dos alunos e trabalhar o gênero poema. As leituras das biografias dos autores e dos poemas foram realizadas espontaneamente pelos alunos, e as discussões temáticas foram mediadas pelo professor-pesquisador. Podemos considerar essa aula muito produtiva, pois a participação efetiva dos alunos garantiu momentos de discussões intensas, envolvendo gostos e expressão de sentidos perante as leituras realizadas.

Desde o início dos trabalhos com a leitura em sala de aula e no grupo do Facebook “Equipe Aprendendo +”, a interação sempre esteve presente, tanto entre alunos/alunos, professor/aluno e homem/máquina, favorecendo uma “nova dinâmica de colaboração”, termo usado por Lévy (1996). A interação entre professor/aluno nos comentários seguintes podem ser evidenciadas.

Ilustração 04 do grupo “Equipe Aprendendo +” – Abril de 2015



Figura 05 do grupo “Equipe Aprendendo +” – Abril de 2015



Professora: Vamos ler as poesias. Leiam e comentem a que mais gostaram. Adorei a nossa aula e vocês?

Aluno A: (Colocou o símbolo de curtir)

Aluno B: Também adorei nossa aula. Gostei mais da poesia de Patativa do Assaré, pois tem um jeito mais matuto como diz a poesia e elogia bastante o nosso sertão, também por ele ter essa força de vontade. Para uma pessoa que nunca estudou e conseguir criar coisas tão belíssimas que foi onde ele teve bastante fé em Deus.

Professora: Também gostei muito, a linguagem é simples e facilita nossa compreensão.

Aluno C: Gostei muito.

Professora: Qual delas você mais gostou?

Aluno C: Motivo. (usou o símbolo de curtir)

Aluno D: Também gostei da poesia de Patativa do Assaré, porque para uma pessoa que nunca estudou, criar lindas poesias como essa é uma grande força e vontade.

Aluno E: Eu gostei mais da poesia de Patativa do Assaré.

Podemos ver nos comentários dos alunos B, C, D e E, que houve uma interação mediatizada pela educadora, na qual a leitura foi emergindo de acordo com o gosto dos alunos dentro de um processo de colaboração da aprendizagem. A partir dessa experiência, concordamos com Porto (2009), quando ressalta que a leitura ocorre através de um processo de interação, e neste o autor escreve para ser compreendido pelo leitor e, da mesma forma, o aluno escreve para ser entendido pelo professor ou por outra pessoa que esteja interagindo.

Durante as outras aulas de leitura, os alunos produziram textos, leram e organizaram um mural de leitura em sala de aula, além disso, seus textos foram postados no grupo do Facebook e os mesmos puderam comentar, curtir e interagir. Podemos observar que os participantes da pesquisa perceberam que “a leitura é um bem cultural que possibilita

interação com esta realidade” (COSCARELLI, 2007, p. 88). Nisso, vimos que os alunos, agora mais conscientes da importância da leitura, revelam que são capazes de utilizar a rede social Facebook, através do grupo, para emitirem opiniões, gostos e simultaneamente aprender e trocar experiências, através da interação com outras pessoas. No subtópico seguinte, analisaremos a relevância da autonomia para a aprendizagem dos alunos.

5.3.2 As atividades de leitura e a autonomia para a aprendizagem

Na sequência das atividades de leitura, propostas em sala de aula, os alunos organizados em grupos produziram textos variados. Isso favoreceu o desenvolvimento da sua própria autonomia, vista como um direito que temos sobre a construção do conhecimento. Concordamos com Freire (2007) quando enfatiza que a autonomia precisa ser respeitada, pois faz parte da ética humana e todo ser humano pode e deve ser capaz de utilizar sua autonomia. O comentário abaixo do professor/pesquisador sobre a aula, revela o desenvolvimento da autonomia dos alunos frente à atividade.

DP: (22/04/15) - Propus aos alunos a produção de um texto a partir dos poemas estudados. Organizei os alunos em grupos e orientei cada um. Ao final das aulas, eles haviam conseguido escrever, então combinamos que iria postar no grupo cada produção e eles teriam que comentar, curtir e opinar.

A produção de texto feita pelos alunos, apresentada pelo relato da pesquisa, revela a autonomia de aprendizagem na construção de uma estrutura verbal e na construção de significados. Na nossa visão, os alunos têm capacidade para gerenciar sua autonomia e as atividades em grupo facilitam esse aprendizado. Entendemos que o professor de língua portuguesa não pode deixar de fora estratégias de ensino que promovam a autonomia dos alunos. Uma dessas estratégias diz respeito ao direcionamento das atividades no grupo “Equipe Aprendendo +”, no qual os alunos foram convidados a pesquisarem mensagens, de acordo com a temática em estudo e escreverem no grupo. Constatamos que esse exercício proporcionou o desenvolvimento da autonomia para a realização da atividade, incentivando-os para a leitura. As mensagens dos alunos mostram sua autonomia em explorar o tema apresentado.

Ilustração 06 do grupo “Equipe Aprendendo +” – Abril de 2015



Professora: Olá pessoal! Assistimos ao vídeo da música “Não vou me adaptar” de Nando Reis e comentamos bastante a temática da adolescência e da juventude em sala de aula, agora espero que vocês leiam mais sobre o assunto em outras fontes e escrevam aqui frases ou parágrafos que falem sobre os jovens. Podem pesquisar frases de autores. Não se esqueçam de colocar o nome do autor. Boa leitura!

Professora: “O primeiro passo para você alcançar uma meta é convencer-se de que é capaz disso”. Júlio Lobos

Aluno A: “Paciência e perseverança tem o efeito mágico de fazer as dificuldades desaparecerem e os obstáculos sumirem”. John Quincy Adams

Aluno B: “Nossas ações são as melhores interpretações de nossos pensamentos”. John Locke

Aluno C: “A necessidade de procurar a verdadeira felicidade é o fundamento da nossa liberdade”. John Locke

Aluno D: “Ler fornece ao espírito materiais para o conhecimento, mas só o pensar faz nosso o que lemos”. John Locke

Pelo que verificamos, os alunos realizaram tal atividade de forma autônoma, pois, pesquisaram frases com a temática “adolescência e juventude” proposta pelo professor-pesquisador. Nessa perspectiva, a autonomia não é inata, podemos tanto demonstrar explícita ou implicitamente, de forma a inibir ou a incentivar nossa própria aprendizagem (PAIVA, 2006). Seguindo esse mesmo viés de abordagem, concordamos com Freire (2007) quando ressalta que a autonomia desenvolve no aprendiz/aluno a competência de gerenciar sua aprendizagem, fazendo suas escolhas e isso promove no ser humano um sentimento de liberdade. O aluno começa a fazer suas escolhas, demonstrando seu gosto e sua preferência e,

com isso, consegue se auto-organizar na aquisição do conhecimento. Foi o que constatamos nas frases escolhidas pelos alunos A, B, C e D; e postadas no grupo ‘Equipe Aprendendo +’.

Vale destacar que a autonomia de leitura do aluno precisa ser oportunizada e o ciberespaço dispõe de ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula, já que a própria internet traz autonomia ao usuário. Sendo assim, o aluno pode, dentro dos padrões éticos, utilizar a internet para a construção do seu próprio conhecimento, interagindo com outras pessoas e favorecendo a troca de informações e novos aprendizados.

Em sala de aula, desenvolvemos um trabalho de produção de texto tendo como referência os gêneros em estudo. Os alunos, organizados em grupos, produziram textos e leram para a sala, em seguida, foram postados no grupo “Equipe Aprendendo +”; e os participantes puderam curtir e comentar a respeito da atividade. No diário do professor/pesquisador, podemos perceber que durante a aula e fora dela também houve o desenvolvimento da autonomia do aluno, pois este teve a oportunidade de escolher o gênero que seria escrito, ler para a sala e discutir com a turma sobre os comentários no grupo.

DP: (24/04/15) - Nessa aula, iniciamos as apresentações dos trabalhos. Também trouxe alguns comentários do grupo para nossa discussão. **Muitos alunos disseram que estavam gostando muito de utilizar o grupo com a finalidade de estudar e ler algo diferente das postagens que estavam acostumados.**

Na nossa compreensão, a autonomia na leitura dos alunos foi explícita, pois diversos fatores estavam relacionados entre si para a construção do conhecimento, quando os próprios alunos falam que estão gostando de utilizar o grupo no Facebook com outras finalidades diferentes das que estão acostumados. Isso nos permite compreender que essa atividade favorece a liberdade de expressão e o entendimento de que a escola pode e deve disponibilizar outros meios de interação para os alunos, os quais favoreçam o crescimento de sua autonomia enquanto seres pensantes e atuantes na sociedade. O aluno, o professor, a escola, o material e as tecnologias são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia (PAIVA, 2006). Quando disponibilizamos aos discentes outras formas e fontes de aprendizagem significativa, percebemos que estamos motivando-os para novas descobertas e também para a mudança de conceitos já estabelecidos.

O uso de um grupo no Facebook, que antes era direcionado quase totalmente para os aspectos sociais, como família, amigos, gosto musical, tema religioso etc; ganha um novo direcionamento. No nosso caso, o uso do grupo passou a ter a finalidade de fomentar a leitura dos alunos, visto que estes já leem bastante no Facebook, porém não de forma orientada e

mediatizada. Vimos ainda que, além dos comentários, os alunos também curtiam o que os outros comentavam e isso corresponde ao gosto, uma vez que sempre curtimos o que nos agrada. Todos esses indícios nos fizeram perceber o quanto o trabalho com as tecnologias pode promover a motivação dos alunos. Os comentários do professor-pesquisador apresentam a autonomia pela exploração do Facebook como ferramenta de interação entre professor e alunos.

DP: (29/04/15) - Nessa aula, terminamos as apresentações dos trabalhos em grupos. Os alunos leram seus textos e foram aplaudidos pela turma. **Fiz algumas perguntas revisando os gêneros que tínhamos estudado e as postagens e comentários no grupo do facebook.** Os alunos relataram que a leitura fora de sala de aula proporciona mais comodidade e liberdade, já que podiam ler em qualquer lugar e a qualquer hora.

Vemos, através da nota de campo, que as atividades desenvolvidas no grupo do Facebook foram bastante produtivas, e, ainda contribuíram significativamente para revisarmos os gêneros textuais estudados. Pudemos trabalhar a leitura dentro de um novo contexto, o tecnológico digital. E isso favoreceu a interação, a autonomia e primordialmente o interesse em ler textos diversificados orientados na sala de aula. Essa prática pode ultrapassar as paredes da escola e adentrar na imensidão da leitura pela internet. Observamos ainda que existe uma variedade de possibilidades de leitura no ciberespaço, porém, sempre ressaltando que esta leitura precisa ser orientada e direcionada pelo professor.

Não basta que nós, professores, queiramos desenvolver a autonomia de leitura nos nossos alunos. É necessário que eles também desejem o mesmo, pois a autonomia além de toda a nossa discussão até então, é também aprender sozinho. As atividades propostas no grupo do Facebook deram essa possibilidade aos alunos de, mesmo sós, em suas casas ou em outro lugar de sua preferência, poderem desenvolver sua autonomia de aprendizagem, num processo solitário e também colaborativo, por meio da interação virtual. Durante todo o percurso do trabalho interventivo desenvolvido na sala de aula com os alunos do 9º Ano do ensino fundamental, enfrentamos algumas dificuldades e desafios que serviram para nosso crescimento enquanto profissional e pesquisador. Dessa forma, emerge a importância de analisarmos tais questões na categoria seguinte.

5.4 O processo de intervenção e alguns desafios

Desde o mês de outubro de 2014, quando iniciamos o projeto piloto, utilizando o Facebook nas aulas de leitura, nos deparamos com uma dificuldade, a falta de acesso à internet na escola. Mesmo assim, conseguimos realizar o trabalho com o apoio de outra escola que dispunha do laboratório de informática. Essa dificuldade serviu de motivação para continuarmos com a pesquisa, pois vimos a vontade, o interesse e a participação dos alunos nas atividades realizadas fora da escola.

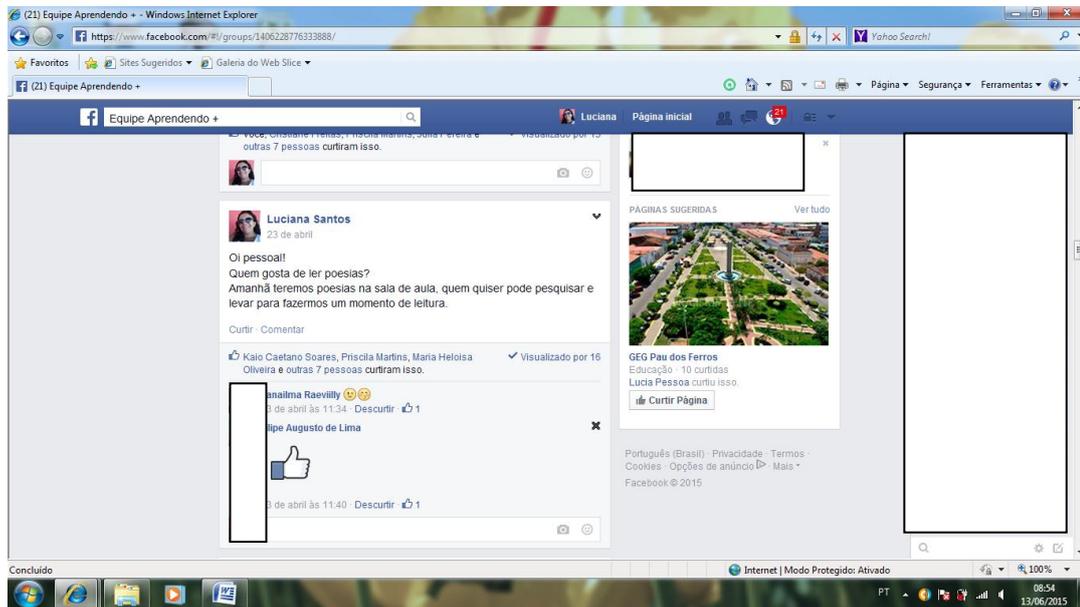
Outro desafio foi conseguir motivar os alunos para o trabalho envolvendo a leitura de gêneros diversificados, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Nós, professores de língua portuguesa, somos mediadores e buscamos, entre outras metas, meios para despertar a motivação dos alunos. Dessa forma, o planejamento e a flexibilidade fazem com que possamos mudar estratégias e práticas de ensino. Durante as aulas com o gênero *charge*, percebemos certa resistência dos alunos, No comentário do professor-pesquisador, vemos o desafio do professor para motivar os alunos.

DP: (03/04/15) - A aula foi direcionada para o gênero *Charge*, considerando sua estrutura e a diferença entre a charge e o cartum. As discussões não foram tão intensas quanto nas aulas anteriores, meus alunos estavam mais dispersos hoje.

No comentário acima, notamos que o professor-pesquisador se deparou com uma dificuldade muito comentada atualmente, a falta de motivação. Essa situação nos mostra que a metodologia utilizada na sala de aula precisa ajudar na motivação. Seguindo essa linha de raciocínio, concordamos com Foucambert (1994) quando defende que a leitura nos possibilita sermos questionados pelo mundo e ainda por nós mesmos, por isso, a importância das escolhas que fazemos e das temáticas que apresentamos para nossos alunos.

Também consideramos uma dificuldade e um grande desafio para os professores, os comentários dos alunos no grupo criado no Facebook. Muitos deles, no início das intervenção pedagógica, apenas curtiam ou simplesmente escreviam uma palavra, visto que, essa escrita era típica da que eles estão acostumados a usar nas redes sociais. Consideramos um desafio fazer com que os alunos percebessem que seria necessário escrever mais, opinando, discordando ou concordando. A postagem mostra esse desafio enfrentado pelo professor-pesquisador.

Ilustração 07 do grupo “Equipe Aprendendo +” – Abril de 2015



Como apresentamos, na figura 07, apenas 10 alunos curtiram, 16 visualizaram e 02 comentaram usando o símbolo de curtir e as carinhas (*emotions*). Essa dificuldade ocorreu principalmente pela maneira de escrever usada nas redes sociais. Os alunos precisaram ser instigados a escreverem mais, lerem, relerem para posteriormente registrarem seu entendimento. Corroboramos com Lemos (2010, p. 29) quando reforça que “buscar o sentido, ou os sentidos da tecnologia é se engajar na via de compreensão desse destino do homem no mundo”. Entendemos, de acordo com o autor, que as tecnologias digitais precisam fazer sentido para o aluno, visto que a cada dia ela é mais frequente nas nossas vidas.

Queremos elencar ainda os desafios e dificuldades na conclusão da intervenção pedagógica, quanto à entrevista face a face. Vimos, até então, muitas das dificuldades enfrentadas e superadas parcialmente ou não, e na última atividade proposta, a entrevista, nos deparamos com a resistência de alguns alunos. Isso está explícito no diário do professor-pesquisador:

DP: (08/05/15) - Nesse dia organizamos a exposição dos trabalhos na sala de aula e conversamos sobre a entrevista que seria realizada com os alunos. **Alguns disseram que não gostavam de participar.** Fiquei um pouco apreensiva, pois percebi que eles resistiriam à atividade.

No comentário, constatamos que o professor-pesquisador enfrentou mais uma dificuldade, a resistência dos alunos para a entrevista, porém foi realizada através de uma conversa informal uma retrospectiva de toda a trajetória do trabalho interventivo realizado

com os alunos. E, para nossa surpresa, na aula seguinte, 06 alunos da turma se dispuseram espontaneamente a serem entrevistados pelo professor-pesquisador.

DP: 913/05/15) - Durante essas aulas, propus aos alunos retomarmos oralmente toda a trajetória do nosso trabalho. Levei para a sala os textos que havíamos estudado e realizamos muitas leituras. Convidei os alunos para participarem da entrevista e para minha surpresa seis alunos se dispuseram, então combinamos para a próxima aula.

Realizamos, então, a entrevista face a face em outra sala na própria escola. Durante essa atividade, os alunos participantes responderam às perguntas que foram gravadas em um celular e depois foram transcritas para este trabalho. Todas essas dificuldades apresentadas serviram para percebermos os problemas pelos quais passam os professores em sala de aula. As tecnologias digitais desafiam as escolas a saírem do comodismo do ensino tradicional, no qual o educador é sempre o centro, e adentrar numa aprendizagem mais participativa, integrada e participativa (MORAN, 2013). No tópico seguinte, discutiremos as perguntas e as respostas da entrevista realizada com os alunos.

5.5 Percepções dos alunos sobre o ensino de leitura através do Facebook

Esta última categoria a ser analisada apresenta como dados a realização de uma entrevista com 6 (seis) alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental. Os próprios participantes se disponibilizaram para serem entrevistados, e assim planejamos a data e organizamos um local na escola. Nosso objetivo primordial com esse instrumento de pesquisa – a entrevista – foi constatar os resultados do trabalho desenvolvido na sala de aula através do uso do grupo no Facebook para o ensino de leitura. Ressaltamos ainda que optamos em desenvolver esta análise em 3 (três) subcategorias: as aulas de leitura no estudo piloto na percepção dos alunos; a leitura de alguns gêneros textuais e o Facebook e; um novo olhar sobre a leitura.

5.5.1 As aulas de leitura do estudo piloto na percepção dos alunos

Como já discutimos, no capítulo metodológico deste trabalho, foi realizado no ano anterior (2014) um estudo piloto com os alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental. Esse estudo nos permitiu verificar a aceitação da proposta interventiva que seria realizada em 2015.

Durante este período, aconteceram muitas atividades de leitura em sala de aula e também em outros locais fora do contexto escolar. É importante lembrar que criamos um grupo no Facebook, o qual nomeamos de “Escola Virtual”, e esse serviu para instigar os alunos a participarem da presente pesquisa. Na 1ª parte da entrevista, perguntamos aos alunos qual era a opinião deles referente às aulas de leitura realizadas no Facebook. Os depoimentos dos entrevistados revelam opiniões positivas frente ao uso do facebook para explorar a leitura:

*Al 1: Eu gostei, pra mim foi **diferente**, porque só usava o face para olhar fotos, curtir e escrever mensagens.*

*Al 2:Eu achei **bem interessante**, quando entrava no grupo já me preocupava como eu ia escrever. Acho que comecei a ler no face de uma forma mais legal.*

*Al 3:Ah, eu **achei diferente**.*

*Al 3: Ah! (tempo) A gente só pensava antes em ver o que os outros faziam e postavam. Mas, com as atividades no grupo, como o filme “A culpa é das estrelas”, **me motivou até a ler o livro. Li e gostei muito, achei o livro melhor que o filme, assim completo.***

*Al 4:Eu acho que as vezes **a gente sente vergonha de escrever e ser criticado**, eu prefiro só mais curtir o que vejo e gosto.*

*Al 5:Bom, eu vi que tem **outras formas de leitura diferente da sala**. O grupo que eu estou participando pode servir para estudar também.*

*Al 6: Eu acho que **é importante fazer uma coisa quando a gente gosta**, eu gosto de entrar no facebook todos os dias e tenho curiosidade de ver o que tem no nosso grupo, então acabo lendo o que a professora escreve e os alunos também.*

Constatamos, que os alunos acharam a atividade ‘diferente’, ‘interessante’, ‘legal’, (Al 1, Al 2, Al 3). Também vimos que as novas tecnologias, como por exemplo, as redes sociais estimularam o aluno para utilizarem outras tecnologias, como a leitura no livro impresso (Al 3). Ficou evidente, que as atividades no grupo o motivaram a ler o livro “A culpa é das Estrelas”, de John Green, e ainda a fazer um comparativo do livro com o filme. Concordamos com Bortoni-Ricardo (2012) quando enfatiza que a mediação pedagógica funciona como uma ação que pode transformar um leitor principiante em leitor ativo. Quando o professor faz a mediação, no caso deste trabalho, com o desenvolvimento da leitura, ele pode transformar a compreensão leitora do aluno. Isso nos permite compreender que nenhuma tecnologia considerada nova pode erradicar outras, por isso, defendemos a colocação de Grinpsun (1999), quando aborda que as tecnologias fazem parte de um todo, no qual o homem tem a capacidade de recriar e modificar em seu próprio benefício e também em prol da sociedade.

Percebemos, na resposta do aluno 4 (Al 4), que ele apresenta uma limitação na escrita, quando revela que sente ‘vergonha’ em escrever. Sendo assim, notamos a necessidade de uma aproximação interventiva mais individualizada com esse aluno, compreendendo seus

limites, dificuldades e procurando organizar estratégias de motivação para a escrita. Já na resposta do aluno 6 (Al 6), visualizamos sua abertura e disponibilidade para as novidades que surgem. A não linearidade textual, o hibridismo e a interatividade são elementos característicos da era das tecnologias digitais, isso favorece o despertar do gosto pelas redes sociais (SILVA, 2008). Daí a necessidade da escola também fazer parte disso; afinal, há uma dependência muito nítida entre o ser humano e as tecnologias nas suas atividades cotidianas.

Perante esse contexto que se fortalece a cada dia, temos o grande desafio de atrelar o ensino às tecnologias digitais. As respostas dos alunos participantes, do estudo piloto, demonstraram a viabilidade do trabalho interventivo que iríamos desenvolver em 2015¹⁰. Organizamos a proposta interventiva e planejamos as aulas para serem desenvolvidas com os alunos nas aulas de leitura. Dando continuidade, veremos a opinião dos discentes com relação ao trabalho desenvolvido no processo interventivo.

5.5.2 A leitura de alguns gêneros textuais e o Facebook

Os dados apresentados nesta subcategoria estão voltados primordialmente para as atividades realizadas a partir da proposta interventiva, a qual trabalhamos os gêneros textuais: charges, música e poemas. Os depoimentos dos alunos participantes demonstram como ocorreu o trabalho de leitura, tanto na sala de aula como fora dela, trabalho este realizado com a mediação do professor.

Al 1: No começo, tive medo de participar, mas fui achando bem legal e vi que a coisa era séria. Na escola a professora tirava as dúvidas e eu conseguir ler no grupo e escrever minha opinião do assunto.

*Al 2: Ah, eu gostei muito de ver nossas fotos fazendo trabalho da escola e também dos comentários da professora que sempre nos **pedia para escrever, dá nossa opinião, o que a gente estava entendendo das charges, por exemplo.***

Al 3: Eu gostei muito da música, porque falava da juventude, o que a gente está passando. Eu curti e escrevi no grupo.

*Al 4: **Tem que repetir aulas assim, com textos diferentes e mais agora que tem internet na escola. Nosso grupo não pode acabar.***

*Al 5: Bem, acho que a leitura é muito importante para todo mundo e que o grupo no face foi nossa inspiração para **fazer coisas da escola em casa, na praça, onde a gente quisesse poderia ver as novidades do grupo.** Ajudou muito e animou nossas aulas, é o que eu acho.*

Al 6: Também concordo.

¹⁰ Relembrando que a maioria dos alunos que participaram em 2014, seriam também alunos do 9º Ano do ensino fundamental em 2015

Prosseguindo com a nossa discussão, o professor/pesquisador solicitou que os alunos comentassem sobre o ensino de leitura usando o grupo no Facebook. As respostas foram objetivas e claras, o aluno 1 (Al 1) percebeu a seriedade da atividade e visitou o grupo participando dos comentários. Já o aluno 2 (Al 2), destacou a importância do professor/pesquisador motivar os alunos, tanto para ler quanto para escrever suas opiniões. Na nossa visão, o ensino de leitura, tendo como suporte o Facebook promove melhorias no processo ensino-aprendizagem, mas, como defende Kenski (2012), o professor deve compreender que uma prática de ensino competente jamais será substituída pelas tecnologias, estas serão suportes de apoio para a prática.

Na fala dos alunos 2, 3 e 4 (Al 2, Al 3, Al 4), podemos constatar que eles comentam sobre os gêneros textuais trabalhados durante as aulas de leitura, daí a importância de selecionar textos que atendam às necessidades e expectativas dos alunos, obedecendo critérios como faixa etária e preferências. A escolha do gênero também depende do seu uso social (PORTO, 2009). Isso permite ao aluno/leitor perceber e compreender melhor sua funcionalidade, por isso escolhemos os gêneros *charge*, música e poemas. Concordamos com Bortoni-Ricardo (2012), quando enfatiza que a leitura constrói saberes, nos mantém informados e nos faz entender melhor o mundo. É através da leitura que produzimos sentido dentro de um processo de interação que acontece entre autor-leitor-texto-mundo. Percebemos na fala dos alunos 4, 5 e 6 (Al 4, Al5, Al 6) que os mesmos compreenderam que podemos construir conhecimentos em qualquer lugar, basta que estejamos motivados para ler, e, ainda, que as aulas sendo instigantes e prazerosas facilitam a participação dos alunos. No subtópico seguinte, discutiremos acerca de como os alunos participantes passaram a compreender a leitura e o ensino desta na escola.

5.5.3 Um novo olhar sobre a leitura

Nesta última subcategoria, discorreremos sobre como os alunos participantes passaram a conceber a leitura na sua vida escolar e social após o término do trabalho interventivo com o uso do Facebook. Os depoimentos mostram esse entusiasmo com a leitura após o processo interventivo:

Al 4: *Para mim foi ótimo, o assunto da professora sempre era esse: vamos participar pessoal, ler as postagens gente! Comentar!*

Al 3: *Ah, eu acho que era para motivar a gente.*

Al 5: *Quando meu grupo fez na sala o poema, eu gostei muito do nosso e no grupo muita gente curtiu e comentou. A aula de leitura foi diferente, todos participaram nos grupos. Tinha aluno que nunca tinha ido à frente ler um trabalho e dessa vez foi.*

Al 1: *Para mim, melhorou muito. A leitura é muito importante para nossa aprendizagem.*

Al 2: *Acho que agora vejo a leitura de outra forma, que posso usar o facebook para ler mais e aprender mais também.*

Al 5: *O bom disso é que a gente usa a internet na escola para estudar e fora dela também para estudar. Eu já lia no face, só que comentários do dia a dia e não atividades da escola, eu achei ótimo esse trabalho. Vamos repetir? (rsrsrs)*

Al 3: *Agora eu aprendi a olhar e ler com mais calma. E também percebi que podemos está lendo sempre e isso nos faz aprender sempre também.*

Al 4: *Para mim melhorou, é o que tenho para dizer.*

Al 6: *Eu concordo também. Foi uma atividade boa, motivadora e que a gente gostou muito. Estou lendo mais e prestando atenção no que vejo na internet, no face e na escola, claro.*

A resposta do aluno 2 (Al 2) enfatiza a leitura com um novo olhar. O aluno 5 (Al 5) acrescenta sua opinião dizendo o seguinte: *O bom disso é que a gente usa a internet na escola para estudar e fora dela também para estudar.* Não há dúvida de que o Facebook motivou os alunos à leitura, nos comentários dos mesmos, ficando evidente que é possível acontecer o ensino de leitura com o apoio das tecnologias digitais, visto que eles já têm segurança e autonomia para utilizá-la. Nessa discussão, cabe lembrar Couto Júnior (2013) quando aponta para a necessidade urgente da ressignificação do ensino e da aprendizagem por meio do uso de artefatos tecnológicos atuais. Diante disso, acreditamos que a rede social facebook foi muito importante para conseguirmos que nossos alunos lessem textos variados de uma maneira diferente.

A nosso ver, a rede social, como o Facebook, se constitui na atualidade de um espaço propício para o ensino, como também para despertar a motivação dos alunos e provocar mudanças na prática do professor. Quando o professor-pesquisador fez a última pergunta da entrevista, destacando o que os alunos consideravam sobre a leitura para sua aprendizagem, sentimos e constatamos nas respostas dos alunos participantes que ocorreram mudanças significativas quanto a concepção deles acerca da leitura: aluno 2 (Al 2) – *a leitura de outra forma (...) usar o facebook para ler*; aluno 3 (Al 3) – *podemos está lendo sempre*, e o aluno 6 (Al 6) – *estou lendo mais e prestando atenção*. Com esses comentários, podemos enfatizar que é importante reconhecer que as redes sociais nos remetem para um novo olhar dentro do processo ensino-aprendizagem. Dessa maneira, fica claro que o Facebook serviu para ampliar os canais comunicativos entre professor e aluno (COUTO JÚNIOR, 2013), rompendo os

limites da sala de aula e proporcionando novos espaços de troca de conhecimentos, interatividade e muita leitura.

Diante de tudo o que discutimos, vale ressaltar que procuramos responder as questões da pesquisa, revelando através das análises, discussões e comentários que o ensino de leitura com o apoio do Facebook pode contribuir de forma significativa para a aprendizagem dos alunos e para a prática de ensino. Tais atividades de leitura, realizadas e analisadas neste trabalho, propiciaram aos educadores uma reflexão acerca da sua prática de ensino no tocante as questões didáticas e metodológicas. Portanto, acreditamos que esta discussão é muito valiosa para todos aqueles que buscam crescer qualitativamente em sua prática pedagógica.

VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a internet como um suporte de apoio ao trabalho do professor de língua portuguesa, no que se refere à leitura dos alunos, percebemos a importância deste trabalho de pesquisa. A utilização da rede social – Facebook na sala de aula é um novo recurso que possibilitará aprendizagens inovadoras, mostrando que o espaço da escola não é único, nem consegue suprir todas as necessidades de aprendizagens dos nossos alunos. Sendo assim, acreditamos que a diversidade de ferramentas disponíveis na internet pode servir de apoio ao ensino e a aprendizagem.

As tecnologias chegaram às nossas vidas de forma rápida e intensa, com isso as novas práticas sociais de leitura e de escrita também foram se renovando. Hoje é comum o uso dos computadores, celulares, tablets etc; todos esses aparatos tecnológicos estão na escola, daí a necessidade do professor aprofundar-se nessa temática e nas práticas de ensino em torno das TIC. Dessa forma, o educador se torna um entendedor e também um mediador dentro do contexto tecnológico passando, assim, a ser um incentivador da aquisição de novos conhecimentos em parceria com seus alunos.

Nesta dissertação, conduzimos uma pesquisa-ação dentro do método indutivo com alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental. Utilizamos como instrumentos de geração de dados, a aplicação de um questionário aos alunos, as postagens e os comentários realizados pelo professor-pesquisador e os alunos participantes no grupo do Facebook, o diário do professor-pesquisador e uma entrevista com os alunos ao final do trabalho de intervenção, desenvolvido na sala de aula. Com esses dados, procuramos investigar de forma participativa sobre as contribuições e dificuldades/ou limitações da utilização do grupo no Facebook, nas aulas de leitura.

Diante do fascínio e da complexidade de acompanhar as novas tecnologias, se fez necessária uma Proposta Interventiva para as aulas de leitura, uma vez que permitiu uma proximidade maior entre docente e discente. Esse favorecimento evidenciou que o uso dos meios e estratégias tecnológicas facilitou e motivou a leitura, por isso, a importância do saber tecnológico a partir da interação com o aluno. Durante a intervenção pedagógica em sala de aula pudemos constatar o interesse dos estudantes em participantes na realização das atividades, principalmente fora do contexto escolar. Outro ponto que consideramos relevante para a motivação dos alunos foi o grupo no Facebook, pois vimos que houve participação nos comentários e interesse em visitar o grupo, curtir e opinar.

Todas as nossas discussões foram pautadas à luz de teóricos que abordam as temáticas sobre TIC, ensino e leitura. Dessa maneira, a fundamentação teórica foi direcionada com a finalidade de compreender, analisar e posicionar-se sobre o assunto. Também procuramos responder às questões de pesquisa, dentre elas: Como pode acontecer o ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa, utilizando o Facebook, como suporte para a prática de ensino? Na nossa compreensão, fica evidente a importância do uso desse suporte nas aulas de leitura, pois percebemos que professores e alunos convivem juntos nas diversas interfaces do mundo digital e isso propicia troca de conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem mediado pelo professor.

Quanto às demais questões da pesquisa: – Quais as concepções que os participantes têm acerca do uso do Facebook em sala de aula e fora dela? e, – Quais os efeitos de sentido que os alunos incorporam com a utilização do Facebook nas aulas de leitura, a partir da intervenção pedagógica? Essas questões foram discutidas e analisadas. Constatamos, as concepções dos alunos sobre leitura e ainda sobre o uso do Facebook e percebemos que tratavam a rede social facebook apenas como diversão, troca de mensagens entre familiares e amigos e ainda postagens de fotos e vídeos. Após o desenvolvimento da intervenção pedagógica, essa concepção sofreu alterações. Os alunos passaram a conceber o Facebook como um suporte para a aprendizagem de conteúdos escolares, tais como os gêneros textuais. Essa nova concepção emergiu devido às atividades vivenciadas pelos próprios alunos. Por isso, podemos afirmar que o Facebook passou a ser um instrumento de apoio ao trabalho do professor e uma ferramenta de incentivo a leitura, favorecendo a construção de novos sentidos.

Outro ponto que merece nossa discussão está relacionado aos efeitos de sentido que os alunos incorporaram a partir da intervenção pedagógica. Podemos dizer que um dos resultados significativos para esta pesquisa diz respeito às inúmeras possibilidades de sentido que os participantes demonstraram durante todo o trabalho. Foi notório, o crescimento na aprendizagem dos alunos. No início, começaram de forma tímida, apenas curtindo as atividades propostas ou comentando com frases curtas. Porém, no decorrer do processo interventivo, foram surgindo efeitos de sentido positivo, e constatamos que os alunos cresceram tanto na leitura, quanto na escrita através dos comentários, opiniões e argumentos. Isso nos permite refletir sobre a relevância deste trabalho para o desenvolvimento de um ensino de leitura interessante, atualizado e motivador, tanto para os alunos quanto para os professores.

Essas reflexões sobre as redes sociais na sala de aula nos permitiram repensar o papel delas na prática de ensino do professor, e, ainda, como podemos torná-las constantes nas nossas propostas educativas, potencializando o processo ensino-aprendizagem para além da transmissão de conhecimentos em sala de aula. As atividades realizadas em outros contextos, que não o escolar, foram fundamentais para compreendermos que um trabalho mediado e bem planejado pode resultar positivamente na complementaridade do ensino. Dessa maneira, podemos afirmar que o ensino de leitura pode acontecer através de uma rede social, como o Facebook. E para que esse ensino se torne produtivo, se faz necessário um planejamento bem estruturado, passível de flexibilidade e ainda que permita ao aluno se tornar ativo na busca de seus conhecimentos.

Assim, nesta pesquisa, voltada para o ensino de leitura, especificamente no contexto do ensino fundamental, tivemos a pretensão de contribuir com reflexões que instiguem e motivem as pessoas na ampliação das possibilidades de ensino dentro de um ambiente virtual, transcendendo os muros escolares. Nessas condições, é imprescindível que os professores estejam abertos para as TIC, criando situações de aprendizagens significativas em prol de um ensino de leitura interativo, autônomo e contextualizado.

Devemos considerar ainda que nem todo o percurso deste trabalho foi de fato produtivo. Passamos por algumas dificuldades e limitações, descritas na análise dos dados, dentre elas relembramos a mais óbvia: a ausência da internet na escola no início do trabalho interventivo com os alunos participantes. Mesmo sendo um problema, não foi um empecilho, pois, procuramos outra escola e realizamos as atividades na sala de informática. Também destacamos que algumas aulas de leitura nos fizeram rever nosso planejamento e, conseqüentemente, mudarmos estratégias; afinal, isso é possível, devido à flexibilidade que temos a nosso favor. Felizmente, esses entraves não foram suficientes para nos desanimar, prosseguimos com o trabalho e vimos de perto os resultados positivos, tanto no decorrer das atividades em sala de aula e no grupo do Facebook, e, ainda, nas respostas dadas pelos participantes no momento da entrevista.

Não podemos deixar de lembrar que este trabalho estimulou nossos alunos a vivenciarem novas experiências, além de inserir metodologias inovadoras ao ensino de leitura, desafiando professores e alunos a buscarem meios e estratégias que agucem e estimulem a motivação para a leitura, na escola e fora dela. O que queremos explicitar é que a internet, por si só, não vai resolver os problemas de leitura que existem, mas, com certeza, poderá facilitar o desejo de aprender, estimulando os discentes a lerem textos variados em um contexto diferente, por isso, destacamos que uma das grandes vantagens de conciliar a internet ao

ensino é a diversidade de estratégias que o professor tem a sua disposição, basta que organize seu planejamento, reveja sua prática e construa novas metodologias pautadas nas ferramentas digitais.

Durante a realização desta pesquisa surgiram outras questões que mereciam ser examinadas, porém poderia se distanciar do foco principal desta investigação. Mesmo assim, a nosso ver, merecem atenção para novas e futuras pesquisas. Dentre elas destacamos as seguintes: Como a leitura em tela pode complementar o ensino da escrita? Como desenvolver projetos que instiguem os alunos a produzirem vídeos, a partir da leitura de um gênero? Essas são questões para outras pesquisas, que surgiram durante as análises dos dados. Por esse motivo, acreditamos que possam vir a serem discutidas por outros profissionais que tenham interesse nessa área.

Esperamos que os leitores deste trabalho compreendam e opinem sobre o mesmo, promovendo a ampliação dos seus conhecimentos, pois sabemos que a leitura nos permite isso; podemos dizer que ela é infinita e inesgotável. Sempre existirá algo novo que poderá ser questionado, investigado e pesquisado por outras pessoas também amantes da leitura. Por isso, podemos dizer que este trabalho de pesquisa contribuiu significativamente para professores, alunos e pesquisadores; favorecendo-lhes dentro de uma temática tão discutida como a leitura, a perspectiva de um trabalho envolvente, motivador e participativo com a inserção das tecnologias digitais.

Enfim, o assunto não se encerra nessas considerações, apenas serão subsídios para um aprofundamento temático, que gere reflexões sobre a relação do ensino de leitura e a rede social - Facebook. São ainda, um convite para uma investigação e aplicabilidade de tais ferramentas tecnológicas no contexto de sala de aula. Esperamos que as inquietações e discussões apresentadas no decurso desta pesquisa sirvam como ponto de partida para as inúmeras reflexões e possíveis transformações no que se refere ao ensino de leitura.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BALADELI, A. P. D. Hipertexto e multiletramento: revisando conceitos. E-escrita. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis. v. 2, n. 4. Jan-Abr.2011, p. 9.
- BARRETO, A. H. P. M. **O que é ser professor: imagem e memória na construção da profissionalidade docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2001.
- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas, São Paulo: Associados, 1999.
- BONILLA, M. H. S. Escola aprendente: comunidade em fluxo. *In*: FREITAS, M. T. A. (org.). **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado do papel da ciência na participação popular. *In*: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa Participante**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012.
- CHIAPPINI, L. (Coord. Geral). **Aprender e ensinar com textos didáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.
- COSCARELLI, A.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2 ed. Belo Horizonte; Ceale; Autêntica, 2007.
- COSSON, R. **A leitura e seus elementos in** Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.
- COUTO JÚNIOR. D. R. **Cibercultura, Juventude e Alteridade: aprendendo – ensinando com o outro no facebook**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- FERREIRA, G. M. S., CAMPOS, A. F., BÁRTHOLO, H., & MARKENSON, S. **Facebook e Recursos Educacionais Abertos na Formação de Pesquisadores em Educação:**

percepções e reflexões. *Educação, Formação 7 Tecnologias*, 7 (1), 47-60 [online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>.

FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zppin (Org.). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1999.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KLEIMAN, A. & MORAIS, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade – tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: mercado das Letras, 2002.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2ª ed, 2004.

_____. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. **Oficina de leitura**. Teoria e prática. 8 ed. Campinas. SP: Pontes, 2001.

LEMOS, A. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. *In:___ LÉVY, P. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

_____. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: Leffa, Wilson J.; PEREIRA, A. E. (orgs.). **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa – São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOPES, J. R. **O ensino aprendizagem de língua portuguesa mediado pelo blog**. Conceição do Cuité, 2012.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1988.

MARCUSCHI, L. A. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARINHO, S. P. P. Redes sociais virtuais. Terão elas espaço na escola? In: DALBEN, A. I. L. F. (orgs.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://www.pucsp.com.br/ecorriculum>. Acesso em: 28 març. 2015.

MCTAGGART, Robin. **Action Research: Issues in Theory and Practice**. Keynote address to the Methodological Issues in Qualitative Health Conference. Geelong: Deakin University, 1992.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

MILLER, C. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. DIONISIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, R.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.

MORAN, J. M.. MASSETO, M. T. BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000 - 2013.

MONTEIRO, D. M.; RIBEIRO, V. M. B. e STRUCHINER, M. As tecnologias da informação e da comunicação nas práticas educativas: espaços de interação? Estudo de um fórum virtual. **Educação & Sociedade** [online], vol. 28, n. 101, 2007, p. 1435- 1454. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302007000400009&script=sci_arttext&tlng=en
]> Acesso: 30 abr. 2015.

MOURA, M. **O design de hipermídia**. Tese de doutorado não publicada. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, I. A. **Saberes imaginários e representações na construção do saber-fazer-educativo de professores/as na educação especial**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

ORLANDI, E. P.. **Discurso e leitura**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP: Ed. da Universidade de Campinas, 2001.

PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa sobre interação e aprendizagem de línguas mediadas pelo computador. **Caleidoscópio**. São Leopoldo, vol.3, n.1, jan/abr. 2005. Disponível em: <http://www.veramenezes.com/cmc.htm> Acesso: 28 abr. 2015.

_____. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica**. 2008. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>> Acesso: 28 abr. 2015.

_____. Autonomia e complexidade. *Linguagem & Ensino*. Vol. 9, n.1, 2006, p. 77-127. Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n1/vera_paiva.pdf> Acesso: 28 abr. 2015. PIETRI, E. **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro; Ediouro, 2009.

PORTO, M. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymará, 2009.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. São Paulo: Rêspel, 2008.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCCO, M. T. F. Entre a oralidade e a escrita: reflexões esparsas. In: DIETZSCHI, M. J. M. **Espaços de linguagem na educação**. 2 ed., São Paulo: Humanitas, 2005.

ROJO, R. H. R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. São Paulo: Rede do Saber/ SENP-SEE-SP, 2004.

SAMPIERI, R. H.; COLADO, C. F.; LÚCIO, P. B. **Metodologia da pesquisa**. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 3 ed. 2006.

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Panorama da arte tecnológica. In: LEÃO, L. (orgs.). **O chip e o caleidoscópio**. São Paulo: SENAC, 2003.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1989.

SILVA, E. T. **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **O que é letramento**. Diário da escola, *Diário Grande ABC*, Santo André, 2003.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. Tese de Doutorado. Campinas:/EL/UNICAMP, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins, Fontes, 1998.

VOGT, C. **Sociedade da informação – Inclusão e Exclusão**. SBPC, 2001.

VOSGERAU, D. S. R. **A tecnologia educacional face à evolução das correntes educacionais**. Contrapontos: UNIVALI, v.7. 2007.

WARSCHAUER, M. A developmental perspective on technology in language education. **TESOL Quarterly**, vol. 36, n.3, 2002, p. 453-475. Disponível em: <http://www.gse.uci.edu/person/warschauer_m/docs/developmental.pdf> Acesso em 29 abr. 2015.

A P Ê N D I C E S

Apêndice 1 – Questionário aplicado aos alunos



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

QUESTIONÁRIO

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL – PARAÍBA

1. Você gosta das aulas de leitura?
()SIM ()NÃO ()ÀS VEZES ()RARAMENTE

Comente: _____

1. Você participa da rede social – facebook?
()SIM ()NÃO

Comente: _____

2. Com qual frequência você acessa o facebook?
()DIARIAMENTE ()DIAS ALTERNADOS ()UMA VEZ POR SEMANA
()MENSALMENTE

Comente: _____

3. Você costuma ler no facebook?
()SIM ()NÃO ()ÀS VEZES ()RARAMENTE

Comente: _____

4. Você gosta de ler? Comente?

5. Nos momentos de leitura em sala de aula, você se sente motivado a ler? Justifique sua resposta.

Apêndice 2 – Diário do professor/pesquisador

DIÁRIO DO PROFESSOR/PESQUISADOR – DP

ANOS: 8º (2014) – 9º (2015)

Ano	Data	Principais impressões, conclusões e desafios vivenciados nas aulas de leitura
8º	06/10/14	Hoje alguns dos meus alunos estavam bastante empolgados contando a história do filme “A culpa é das estrelas” e isso parece que contagiou o restante da turma que não conhecia o filme, eles me pediram para assisti-lo em sala, então respondi que iria pensar a respeito.
	18/10/14	Finalmente terminamos de assistir ao filme, então fiz uma postagem no grupo e espero que os alunos interajam tanto quanto em sala, pois as discussões foram ótimas, alunos que participavam muito pouco das aulas deram sua opinião oralmente em sala. Foi gratificante para mim, percebi que os meus alunos estavam mais motivados para lerem e discutirem.
	20/10/14	Nessa aula organizei várias perguntas sobre o filme e agrupei os alunos para que respondessem, depois fizemos um círculo e discutimos as respostas. Serviu para recontarmos o filme e ouvir o entendimento da turma. Em seguida apresentei alguns comentários dos alunos no grupo do facebook e fizemos a relação com a nossa discussão. A oralidade e o diálogo foram determinantes para essas aulas de leitura, percebi que seria produtiva a finalidade do grupo para instigar a leitura dos meus alunos.
9º	18/03/15	Hoje iniciei com a minha turma a Proposta de Intervenção, conversei com eles explicando sobre como seria o desenvolvimento do trabalho no tocante a leitura no grupo do facebook. Os alunos gostaram muito e pediram para renomearmos o grupo, então passamos a chamá-lo de “Equipe Aprendendo+”. Também conversamos muito sobre as redes sociais. O facebook e o whatsapp foram os mais comentados pelos alunos. Acredito que irá dar certo nosso trabalho.
	20/03/15	Hoje fiz a dinâmica “Tempestade de idéias”*, saíram tantas palavras que o quadro ficou lotado. Percebi que esse assunto instiga os alunos. Exibi também o vídeo da TV escola v.5 sobre o trabalho em grupo usando a internet.
	23/03/15	Durante as aulas de leitura comentamos sobre o vídeo da aula anterior; o mais interessante foram as descobertas, vimos a origem da <i>wiki</i> , do <i>Twitter</i> e do facebook.
	01/04/15	Hoje minhas três aulas foram de leitura, apresentei os gêneros que seriam trabalhados no grupo e conversamos muito sobre os mesmos. Trouxe para a sala vários textos e distribuí com os alunos para fazerem a leitura. Os alunos gostaram muito e trocaram os textos para lerem o máximo possível. Nessas aulas a leitura teve como objetivo principal instigar o gosto pela leitura.
	03/04/15	A aula foi direcionada para o gênero Charge, considerando sua estrutura e a diferença entre a charge e o cartum. As discussões não foram tão intensas quanto nas aulas anteriores, meus alunos estavam mais dispersos hoje.
	08/04/15	Propus em sala uma atividade em grupos para a interpretação de charges diferentes. Eles confeccionaram um cartaz e apresentaram. Foi muito produtivo. Hoje irei realizar uma postagem no grupo do facebook.
	10/04/15	Comecei a aula conversando com meus alunos sobre os comentários no grupo. Falamos sobre a leitura na internet e no grupo “Equipe Aprendendo +”. Alguns alunos disseram que não viram as postagens, então incentivei para que entrassem no grupo, já que eram membros. Nesse dia também assistimos ao vídeo da música “Não vou me adaptar” de Nando Reis. Iniciamos a discussão da temática da música – Adolescência, mas o tempo foi insuficiente.
	15/04/15	Iniciei a aula comentando sobre a música e a postagem no grupo. A discussão foi muito produtiva, pois os alunos se identificaram com a letra da música e isso favoreceu o entendimento e a troca de experiências. Considerarei a leitura nessa aula muito significativa, pois sempre fazíamos referência aos comentários no

		grupo e como a leitura pode ser direcionada usando a internet.
	17/04/15	Nessa aula organizei e combinei com minha turma para que fosse filmada. Os alunos concordaram e participaram ativamente da aula, vieram ler na frente da turma e ainda fizeram leitura oral dos textos poéticos que disponibilizei na sala. Tive a impressão que a filmagem favoreceu a participação, pois de certa forma todos queriam se sair bem na gravação, porém foi muito produtiva essa aula, muitas vezes temos que procurar outros recursos para motivar nossos alunos.
	22/04/15	Propus aos alunos a produção de um texto a partir dos poemas estudados. Organizei os alunos em grupos e orientei cada um. Ao final das aulas eles haviam conseguido escrever, então combinamos que iria postar no grupo cada produção e eles teriam que comentar, curtir e opinar.
	24/04/15	Nessa aula iniciamos as apresentações dos trabalhos. Também trouxe alguns comentários do grupo para nossa discussão. Muitos alunos disseram que estavam gostando muito de utilizar o grupo com a finalidade de estudar e ler algo diferente das postagens que estavam acostumados.
	29/04/15	Nessa aula terminamos as apresentações dos trabalhos em grupos. Os alunos leram seus textos e foram aplaudidos pela turma. Fiz algumas perguntas revisando os gêneros que tínhamos estudado e as postagens e comentários no grupo do facebook. Os alunos relataram que a leitura fora de sala de aula proporciona mais comodidade e liberdade, já que podiam ler em qualquer lugar e a qualquer hora.
	08/05/15	Nesse dia organizamos a exposição dos trabalhos na sala de aula e conversamos sobre a entrevista que seria realizada com os alunos. Alguns disseram que não gostavam de participar. Fiquei um pouco apreensiva, pois percebi que eles resistiriam à atividade.
	13/05/15	Durante essas aulas, propus aos alunos retomarmos oralmente toda a trajetória do nosso trabalho. Levei para a sala os textos que havíamos estudado e realizamos muitas leituras. Convidei os alunos para participarem da entrevista e para minha surpresa seis alunos se dispuseram, então combinamos para a próxima aula.
	15/05/15	Realizei a entrevista com os alunos numa sala reservada, os mesmos demonstraram segurança no que estavam falando.

*A Dinâmica consiste em escrever na lousa a palavra chave, que foi internet; em seguida ouvi dos alunos palavras relacionadas e escrevê-las. Ao final promover uma discussão usando todas as palavras escritas.

Apêndice 3 – Quadro descritivo das aulas do Estudo Piloto

QUADRO DESCRITIVO DAS AULAS DO ESTUDO PILOTO SOBRE
A LEITURA E O FACEBOOK
PERÍODO: OUTUBRO DE 2014

Data	Aulas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação
06.10.14	02 h/a	- Motivar os alunos a participarem do projeto de leitura.	- Leitura	- Conversa informal sobre o projeto; - Entrega de um questionário misto (perguntas abertas e fechadas), para os alunos responderem; - Discussão a partir de slids sobre a origem do facebook; - Convite aos alunos para participarem de um grupo no facebook e escolha do nome; - Comentários sobre o filme “A culpa é das estrelas”.	- Interesse e motivação dos alunos.
18.10.14	03 h/a	- Perceber o que os alunos compreenderam com o filme.	- Leitura e interpretação	- Comentários com os alunos sobre a temática do filme: Câncer na adolescência; - Realização de perguntas orais para os alunos (dividir a turma em 2 grupos para a competição) sobre o filme; - Produção de frases em cartazes sobre o filme e exposição na sala; - Convite aos alunos para acessarem o grupo no facebook e escreverem seus comentários sobre o filme.	- Participação dos alunos nas discussões.
20.10.14	02 h/a	- Valorizar o diálogo e a opinião de cada um; - ler utilizando outro suporte, o facebook.	- Leitura - Oralidade	- Organização dos alunos em grupos para responderem um questionário sobre o filme; - Organização dos alunos em círculo para a discussão das respostas; - Exibição de <i>prints</i> do grupo para conversarmos sobre a leitura e a opinião dos alunos; - Produção escrita de um texto sobre a temática trabalhada (para casa).	- Participação dos alunos no grupo; - Capacidade de aceitar e respeitar a opinião do outro; - Interesse em ler utilizando outro suporte, o facebook.

Apêndice 4 – Quadro descritivo das aulas da Proposta Interventiva

QUADRO DESCRITIVO DA PROPOSTA INTERVENTIVA: A LEITURA DOS GÊNEROS TEXTUAIS COM O APOIO DO FACEBOOK

PERÍODO: MARÇO E MAIO DE 2015

AULAS: 30 h/a

Data	Aulas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação
18.03.15	03 h/a	- Expor aos alunos a proposta de trabalho; - Despertar o interesse em participar das atividades de leitura; - Instigar os alunos para a leitura.	- Leitura	- Apresentação da Proposta Interventiva para os alunos; - Renomeação do grupo no facebook pelos alunos; - Conversa sobre as expectativas do trabalho e as expectativas para as futuras leituras; - Convite aos alunos a participarem do grupo no facebook.	- Interesse em participar das aulas de leitura.
20.03.15	02 h/a	- Relacionar as palavras ao tema central da discussão.	- Leitura; - Oralidade.	- Realização da dinâmica “Tempestade de ideias”, a partir da palavra internet; - Discussão da dinâmica, relacionando-a com nosso trabalho; - Exibição do vídeo da TV escola v. 5 “O trabalho em grupo usando a internet”.	- Participação dos alunos. - Diálogo em sala de aula.
25.03.14	03 h/a	- Discutir sobre as novas tecnologias na escola.	- Leitura; - Internet e redes sociais.	- Discussão a partir do vídeo da aula anterior; - Leitura de um texto informativo sobre internet, facebook e redes sociais, seguida de comentários.	- Capacidade de opinar, argumentar e respeitar a opinião do outro.
27.03.15	02 h/a	- Compreender o funcionamento do facebook.	- Facebook	- Leitura discursiva de um texto sobre as utilidades do facebook.	- Compreensão do texto.
01.04.15	03 h/a	- Incentivar os alunos a leitura de gêneros diversos.	- Gêneros textuais	- Apresentação através de slids dos gêneros: cahrges, música e poemas; - Distribuição de vários textos para serem lidos e apreciados.	- Interesse em ler os textos.
03.04.15	02 h/a	- Conhecer o gênero charge.	- Charge	- Apresentação do gênero charge; - Leitura de um texto diferenciando a charge e o cartum; - Conversa sobre a participação dos alunos no grupo e as postagens.	- Interesse e motivação.
08.04.15	03 h/a	- Produzir sentidos nas charges a partir da análise das	- Charge	- Organização dos alunos em grupos e distribuição de charges diferentes para	- Capacidade de trabalhar em equipe;

		mesmas.		interpretarem; - Confecção de cartazes sobre o entendimento do grupo; - Apresentação dos alunos e exposição na sala de aula.	- Compreensão das charges; - Leitura prazerosa.
10.04.15	02 h/a	- Discutir o tema Adolescência a partir de uma música.	- Adolescência	- Distribuição de alguns <i>prints</i> do grupo para os alunos, comentários. - Exibição do vídeo da música “Não vou me adaptar” de Nando Reis; - Apresentação de palavras contidas na música para promover uma discussão temática.	- Capacidade de ouvir e entender.
15.04.15	03 h/a	- Discutir o tema Adolescência a partir dos comentários no grupo do facebook.	- Adolescência	- Escrita na lousa de alguns comentários feitos pelos alunos no grupo para promover a discussão temática; (Realizamos somente essa atividade, devido um evento na escola que os alunos iriam assistir)	- Capacidade de dialogar.
17.04.15	02 h/a	- Compreender o gênero poema e como ele se organiza.	- Poema	- Conversa sobre o gênero poema; - Leitura e apresentação dos autores dos poemas; Patativa do Assaré, Cecília Meireles e Arnaud Antunes; - Montagem de um mural com a biografia dos poetas. - Leitura pelos alunos dos poemas: Retrato e Motivo de Cecília Meireles, Arte Matuta de Patativa do Assaré e Imagem de Arnaldo Antunes;	- Capacidade de ler oralmente;
22.04.15	03 h/a	- Escrever a partir de um texto poético.	- Poema	- Organização dos alunos em grupos; - Escrita de um texto a partir do poema do grupo;	- Capacidade de produzir texto.
24.04.15	02 h/a	- Apresentar os textos;	- Poema	- Exibição de <i>prints</i> do grupo e comentários; - Apresentação dos trabalhos pelos grupos.	- Desenvoltura na apresentação dos trabalhos;
29.04.15	03 h/a	- Apresentar os textos;	- Poema	- Conclusão das apresentações dos alunos; - Revisão dos gêneros de forma oral.	- Como a leitura passou a ser vista pelos alunos.
08.05.15	02 h/a	- Apreciar os trabalhos produzidos.	- Gêneros textuais	- Organização com os alunos de uma exposição dos trabalhos produzidos pelos mesmos; - Apreciação dos trabalhos e leitura.	- Capacidade e interesse em ler textos próprios.
13.05.15	03 h/a	- Retomar os gêneros estudados.	- Gêneros textuais	- Conversa sobre a trajetória do nosso trabalho e realização de releituras dos	- Motivação dos alunos; - Autonomia na

				textos; - Organização de um momento de leitura de livros diversos disponibilizados na escola. - Combinação sobre a entrevista com os alunos.	leitura; - Participação no grupo do facebook.
15.05.15	02 h/a	- Entrevistar os alunos sobre o trabalho realizado com a leitura e o grupo no facebook.	- Leitura; - Facebook.	- Realização de uma entrevista com os alunos.	- Capacidade de opinar e argumentar. - Resultados da pesquisa.

A N E X O S

Anexo 1 – Respostas do questionário aplicado aos alunos

Questão 1 – Você gosta das aulas de leitura?

08 alunos marcaram SIM, e 02 marcaram ÀS VEZES

Comentários:

Al 1 – Gosto das aulas de leitura porque me traz ensinamentos, inspiração e amplia meus conhecimentos.

Al 2 – Eu gosto muito de ler.

Al 3 – Gosto de ler e quando as aulas são boas me esforço mais.

Al 4 – A leitura serve para aperfeiçoar nosso aprendizado.

Al 5 – As vezes quando a coragem aparece.

Al 6 – A leitura está em todas as aulas, principalmente em português, eu acho que a leitura é importante para tudo na nossa vida.

Al 7 – Porque nos ajuda a melhorar na escola e na vida.

Al 8 – Eu gosto de ler livros e acabo envolvendo pessoas nas minhas leituras.

Al 9 – Eu gosto de ler porque é divertido, história de terror e de ação.

Al 10 – Sim, gosto muito de ler.

Questão 2 – Você participa da rede social – facebook?

10 alunos marcaram SIM

Comentários:

Al 1 – Porque é divertido etc.

Al 2 – Sim, eu acesso todas as vezes que posso.

Al 3 – De vez em quando gosto de tirar um tempinho para entrar no face.

Al 4 – Participo sim e gosto muito.

Al 5 – Porque é uma rede social informativa.

Al 6 – O facebook é uma rede social que informa quase tudo e ainda falo com meus amigos.

Al 7 – Adoro o facebook, é ótimo.

Al 8 – Eu gosto muito porque falo com meus amigos e vejo tudo que está acontecendo.

Al 9 – Porque eu gosto de ver fotos e conversar com meus amigos.

Al 10 – Participo sim, sempre que tenho tempo.

Questão 3 – Com qual frequência você acessa o facebook?

06 alunos marcaram DIARIAMENTE, 03 marcaram DIAS ALTERNADOS E 01 assinalou UMA VEZ POR SEMANA

Comentários:

Al 1 – Porque eu gosto de falar com meus amigos e rever velhos amigos.

Al 2 – Eu entro apenas às vezes.

Al 3 – Quando a internet da minha casa tá boa eu entro.

Al 4 – Entro diariamente para me distrair e ficar informada.

Al 5 – Diariamente para olhar as notícias.

Al 6 – Todos os dias eu entro no facebook.

Al 7 – Todo dia e a qualquer hora, basta ter internet.

Al 8 – Eu gosto de entrar todos os dias para falar com várias pessoas.

Al 9 – Eu entro todos os dias no face para ver fotos e ler mensagens.

Al 10 – Quando tenho tempo.

Questão 4 – Você costuma ler no facebook?

Todos os 10 alunos assinalaram SIM

Comentários:

Al 1 – Porque tem muita coisa para ler.

Al 2 – Leio bastante no facebook.

Al 3 – Gosto de ler as postagens e os comentários, acho bem interessante.

Al 4 – Costumo ler o status das pessoas e adoro o bate-papo.

Al 5 – Sempre quero saber o que as pessoas dizem.

Al 6 – Leio mais no bate-papo.

Al 7 – Tudo no face precisa ser lido para ser compreendido.

Al 8 – Leio sim, porque quero saber o que estão dizendo, sou muito curiosa.

Al 9 – Leio mensagens e conversas.

Al 10 – Leio sempre.

Questão 5 – Você gosta de ler? Comente.

Al 1 – Sim, na minha opinião, a leitura me traz muito aprendizado, pois cada um tem um gosto.

Al 2 – Às vezes gosto, depende do tipo de leitura.

Al 3 – Gosto, pois eu acho que a leitura faz bem para nosso dia a dia.

Al 4 – Gosto, pois na minha opinião a leitura é uma forma de viajarmos e conhecermos melhor as coisas, fazermos descobertas.

Al 5 – Sim, porque lendo a gente aprende a falar melhor e a escrever corretamente, a leitura é informação.

Al 6 – Eu adoro ler, principalmente na sala de aula quando a professora pede.

Al 7 – Sim, pois sei que a leitura é importante no meu dia a dia.

Al 8 – Sim, é muito bom a gente conhecer outro mundo com a leitura.

Al 9 – Sim, eu gosto de ler.

Al 10 – Gosto muito de ler e acabo me distraindo com a leitura.

Questão 5 – Nos momentos de leitura em sala de aula, você se sente motivado a ler? Justifique sua resposta.

Al 1 – Me sinto, pois a leitura em sala e também em voz alta fica mais bonita e interessante.

Al 2 – Às vezes, porque quando vou ler em voz alta fico nervosa e não consigo ler bem.

Al 3 – Mais ou menos, depende de que tipo de leitura a professora trouxe para a sala.

Al 4 – Nem sempre, às vezes prefiro ler sozinha, me sinto mais a vontade e entendo melhor.

Al 5 – Quando estou gostando do assunto me sinto motivado.

Al 6 – Sim, eu adoro ler na sala de aula.

Al 7 – Sim, me sinto motivado, pois aumenta meu conhecimento.

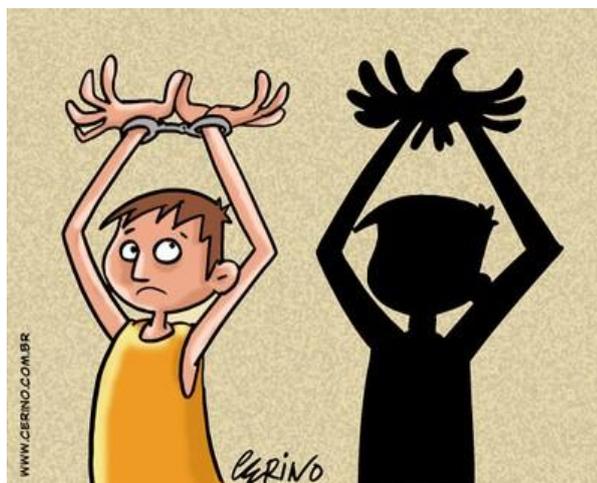
Al 8 – Às vezes, porque tenho vergonha.

Al 9 – Me sinto motivada quando as leituras me agradam.

Al 10 – Gosto de participar das leituras em sala, me sinto motivada.

Anexo 2 – Gêneros textuais utilizados nas aulas de leitura

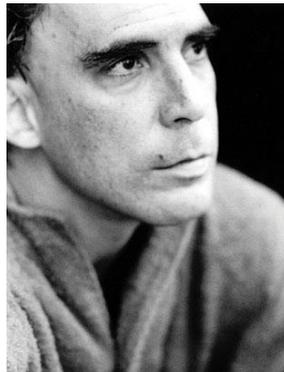
Charges



Música

Imagem[Arnaldo Antunes](#)

Palavra lê
Paisagem contempla
Cinema assiste
Cena vê
Cor enxerga
Corpo observa
Luz vislumbra
Vulto avista
Alvo mira
Céu admira
Célula examina
Detalhe nota
Imagem fita
Olho olha

**BIOGRAFIA**

Arnaldo Augusto Nora Antunes Filho, ou simplesmente Arnaldo Antunes (São Paulo, 2 de setembro de 1960) é um músico, poeta, compositor e artista visual brasileiro.

Em 1978 ingressou em Letras da FFLCH-USP, onde seguiria o curso de Linguística, não fosse o sucesso dos Titãs lhe tomar todo o tempo entre shows, gravações, ensaios, turnês e entrevistas.

No dia 13 de novembro de 1985, foi preso, juntamente com o colega de Titãs Tony Bellotto, por porte de heroína. Arnaldo passou 26 dias preso e foi condenado por tráfico de drogas. Desligou-se da banda em 1992, depois de dez anos de grupo, por conta de suas direções artísticas. Apesar de sua saída, Arnaldo continuou compondo com os demais integrantes do grupo e várias dessas parcerias foram incluídas em discos dos Titãs, assim como em seus discos solo.

Disponível em: <http://musica.com.br/artistas/arnaldo-antunes/biografia.html> Acesso em 23 març. 2015.

Poemas

ARTE MATUTA - Patativa do Assaré

Eu nasci ouvindo os cantos
das aves de minha serra
e vendo os belos encantos
que a mata bonita encerra
foi ali que eu fui crescendo
fui vendo e fui aprendendo
no livro da natureza
onde Deus é mais visível
o coração mais sensível
e a vida tem mais pureza.

Sem poder fazer escolhas
de livro artificial
estudei nas lindas folhas
do meu livro natural
e, assim, longe da cidade
lendo nessa faculdade
que tem todos os sinais
com esses estudos meus
aprendi amar a Deus
na vida dos animais.

Quando canta o sabiá
Sem nunca ter tido estudo
eu vejo que Deus está
por dentro daquilo tudo
aquele pássaro amado
no seu gorgéio sagrado
nunca uma nota falhou
na sua canção amena
só canta o que Deus ordena
só diz o que Deus mandou.



Biografia de Patativa do Assaré:

Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta popular, compositor, cantor e repentista brasileiro. Foi um dos maiores poetas populares do Brasil. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Projetou-se com a música "Triste Partida" em 1964, uma toada de retirantes, gravada por Luiz Gonzaga, o rei do baião. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, foram tema de estudos na Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universal.

Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva) (1909-2002) nasceu no município de Assaré, interior do Ceará, a 623 km da capital Fortaleza. Filho dos agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, ainda pequeno ficou cego do olho direito. Órfão de pai aos oito anos de idade começou a trabalhar no cultivo da terra. Com pouco acesso à educação, frequentou durante quatro meses sua primeira e única escola onde aprendeu a ler e escrever e se tornou apaixonado pela poesia.

Logo começou a fazer repentes e se apresentar em festas locais. Antônio Gonçalves da Silva recebeu o apelido de Patativa, pois sua poesia era comparada à beleza do canto dessa ave. Foi casado com Belinha, com quem teve nove filhos. Com vinte anos começou a viajar por várias cidades nordestinas e diversas vezes se apresentou na Rádio Araripe.

Com uma linguagem simples, porém poética, retratava em suas poesias o árido universo da caatinga nordestina e de seu povo sofrido e valente do sertão. Viajou para o Pará em companhia de um parente José Alexandre Montoril, que lá morava, onde passou cinco meses fazendo grande sucesso como cantador. De volta ao Ceará continuou na mesma vida de pobre agricultor e cantador. Sua projeção em todo o Brasil se iniciou a partir da gravação de "Triste Partida" em 1964, toada de retirante de sua autoria gravada por Luiz Gonzaga, o Rei do Baião.

Teve inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em revistas e jornais e publicou "Inspiração Nordestina" (1956), "Cantos de Patativa" (1966). Figueiredo Filho publicou seus poemas comentados em Patativa do Assaré (1970). Gravou seu primeiro LP "Poemas e Canções" (1979) uma produção do cantor e compositor cearense Fagner. Apresentou-se com o cantor Fagner no Festival de Verão do Guarujá (1981), período em que gravou seu segundo LP, "A Terra é Naturá", lançado também pela CBS.

A política também foi tema da obra e de sua vida. Durante o regime militar, ele criticava os militares e chegou a ser perseguido. Participou da campanha das Diretas já, em 1984 e publicou o poema "Inleição Direta 84".

Ao completar 85 anos foi homenageado com o LP "Patativa do Assaré - 85 Anos de Poesia" (1994), com participação das duplas de repentistas Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio e Otacílio Batista e Oliveira de Panelas. Tido como fenômeno da poesia popular nordestina, com sua versificação límpida sobre temas como o homem sertanejo e a luta pela vida, seus livros foram traduzidos em diversos idiomas e tornaram-se temas de estudo na Sorbonne, na cadeira da Literatura Popular Universal, sob a regência do Professor Raymond Cantel.

Antônio Gonçalves da Silva, sem audição e cego desde o final dos anos 90, morre em consequência de falência múltipla dos órgãos, no dia 8 de julho de 2002, em sua casa, em Assaré, Ceará, aos 93 anos.

Disponível em: www.e-biografias.net/patativa_assare/ Acesso em 23 març. 2015-04-23

RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
 tão simples, tão certa, tão fácil:
 — em que espelho ficou perdida
 a minha face?

(Cecília Meireles)

Motivo

Eu canto porque o instante existe
 e a minha vida está completa.
 Não sou alegre nem sou triste:
 sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
 não sinto gozo nem tormento.

Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.



Biografia de Cecília Meireles:

Cecília Meireles (1901-1964) foi poetisa, professora, jornalista e pintora brasileira. Foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, com mais de 50 obras publicadas. Com 18 anos estreia na literatura com o livro "Espectros". Participou do grupo literário da Revista Festa, grupo católico, conservador e anti modernista. Dessa vinculação herdou a tendência espiritualista que percorre seus trabalhos com frequência.

A maioria de suas obras expressa estados de ânimo, predominando os sentimentos de perda amorosa e solidão. Uma das marcas do lirismo de Cecília Meireles é a musicalidade de seus versos. Alguns poemas como "Canteiros" e "Motivo" foram musicados pelo cantor Fagner. Em 1939 publicou "Viagem" livro que lhe deu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras.

Cecília Meireles (1901-1964) nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901. Órfã de pai e mãe, aos três anos de idade passa a ser criada pela avó materna, Jacinta Garcia Benevides. Fez o curso primário na Escola Estácio de Sá, onde recebeu das mãos de Olavo Bilac a medalha do ouro por ter feito o curso com louvor e distinção. Formou-se professora pelo Instituto de Educação em 1917. Passa a exercer o magistério em escolas oficiais do Rio de Janeiro. Estreia na Literatura com o livro "Espectros" em 1919, com 17 sonetos de temas históricos.

Em 1922 casa-se com o artista plástico português Fernando Correia Dias, com quem teve três filhas. Viúva, casa-se pela segunda vez com o engenheiro Heitor Vinícius da Silva Grilo, falecido em 1972. Estudou literatura, música, folclore e teoria educacional. Colaborou na imprensa carioca escrevendo sobre folclore. Atuou como jornalista em 1930 e 1931, publicou

vários artigos sobre os problemas na educação. Fundou em 1934 a primeira biblioteca infantil no Rio de Janeiro.

Cecília Meireles lecionou Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, em 1940. Profere em Lisboa e Coimbra, conferência sobre Literatura Brasileira. Publica em Lisboa o ensaio "Batuque, Samba e Macumba", com ilustrações de sua autoria. Em 1942 torna-se sócia honorária do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Realiza várias viagens aos Estados Unidos, Europa, Ásia e África, fazendo conferências sobre Literatura Educação e Folclore.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles morre no Rio de Janeiro no dia 9 de novembro de 1964. Seu corpo é velado no Ministério da Educação e Cultura. Cecília Meireles é homenageada pelo Banco Central, em 1989, com sua efígie na cédula de cem cruzados novos.

Disponível em: http://www.e-biografias.net/cecilia_meireles/ Acesso em 23 març. 2015.

Anexo 3 – Entrevista com os alunos participantes

ENTREVISTA FACE A FACE

Participantes: 06 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental

P – Professor/pesquisador

Al – Aluno

1ª PARTE

P: Bom pessoal, como vocês se dispuseram a participar dessa entrevista, quero agradecer primeiramente a cada um e parabenizá-los por mostrarem que buscam o conhecimento e demonstram muita vontade de aprender. Então, vamos começar! Ano passado vocês participaram como membros do grupo “Escola virtual”, qual a opinião de vocês com relação às aulas de leitura realizadas no grupo?

Al 1: Eu gostei, pra mim foi diferente, porque só usava o face para olhar fotos, curtir e escrever mensagens.

Al 2: Eu achei bem interessante, quando entrava no grupo já me preocupava como eu ia escrever. Acho que comecei a ler no face de uma forma mais legal.

Al 3: Ah, eu achei diferente.

P: Diferente como?

Al 3: Ah! (tempo) A gente só pensava antes em ver o que os outros faziam e postavam. Mas, com as atividades no grupo, como o filme “A culpa é das estrelas”, me motivou até a ler o livro. Li e gostei muito, achei o livro melhor que o filme, mais completo.

P: E você Aluno 4?

Al 4: Eu acho que as vezes a gente sente vergonha de escrever e ser criticado, eu prefiro só mais curtir o que vejo e gosto.

P: E os demais, digam sua opinião?

Al 5: Bom, eu vi que tem outras formas de leitura diferente da sala. O grupo que eu estou participando pode servir para estudar também.

Al 6: Eu acho que é importante fazer uma coisa quando a gente gosta, eu gosto de entrar no facebook todos os dias e tenho curiosidade de ver o que tem no nosso grupo, então acabo lendo o que a professora escreve e os alunos também.

2ª PARTE

P: Fiquei muito feliz com as colocações de todos vocês. Mas, e quanto a este ano, 2015, com o grupo “Equipe Aprendendo +”, no qual trabalhamos os gêneros textuais como: Charges, música e poemas. Como vocês vêem o ensino de leitura usando esse suporte tecnológico, o grupo no facebook?

Al 1: No começo, tive medo de participar, mas fui achando bem legal e vi que a coisa era séria. Na escola a professora tirava as dúvidas e eu conseguir ler no grupo e escrever minha opinião do assunto.

P: E você, o que me diz?

Al 2: Ah, eu gostei muito de ver nossas fotos fazendo trabalho da escola e também dos comentários da professora que sempre nos pedia para escrever, dá nossa opinião, o que a gente estava entendendo das charges, por exemplo.

Al 3: Eu gostei muito da música, porque falava da juventude, o que a gente está passando. Eu curti e escrevi no grupo.

Al 4: Tem que repetir aulas assim, com textos diferentes e mais agora que tem internet na escola. Nosso grupo não pode acabar.

Al 5: Bem, acho que a leitura é muito importante para todo mundo e que o grupo no face foi nossa inspiração para fazer coisas da escola em casa, na praça, onde a gente quisesse poderia ver as novidades do grupo. Ajudou muito e animou nossas aulas, é o que eu acho.

Al 6: Também concordo.

3ª PARTE

P: Gostaria que vocês falassem sobre o ensino de leitura e o facebook.

Al 4: Para mim foi ótimo, o assunto da professora sempre era esse: vamos participar pessoal, ler as postagens gente! Comentar!

Al 3: Ah, eu acho que era para motivar a gente.

Al 5: Quando meu grupo fez na sala o poema, eu gostei muito do nosso e no grupo muita gente curtiu e comentou. A aula de leitura foi diferente, todos participaram nos grupos. Tinha aluno que nunca tinha ido à frente ler um trabalho e dessa vez foi.

P: E agora, após todo o nosso trabalho, como vocês consideram a leitura para a sua aprendizagem?

Al 1: Para mim, melhorou muito. A leitura é muito importante para nossa aprendizagem.

Al 2: Acho que agora vejo a leitura de outra forma, que posso usar o facebook para ler mais e aprender mais também.

P: E os demais?

Al 5: O bom disso é que a gente usa a internet na escola para estudar e fora dela também para estudar. Eu já lia no face, só que comentários do dia a dia e não atividades da escola, eu achei ótimo esse trabalho. Vamos repetir? (rsrsrs)

Al 3: Agora eu aprendi a olhar e ler com mais calma. E também percebi que podemos está lendo sempre e isso nos faz aprender sempre também.

Al 4: Para mim melhorou, é o que tenho para dizer.

Al 6: Eu concordo também. Foi uma atividade boa, motivadora e que a gente gostou muito. Estou lendo mais e prestando atenção no que vejo na internet, no face e na escola, claro.

P: Bom pessoal, quero mais uma vez agradecer pela parceria que construímos com este trabalho, desejo sempre a cada um de vocês mais e mais sucesso na trajetória estudantil. Obrigada.